

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Carlos Fernando Leite

**COMUNICAÇÃO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA CONCEITUAL TRINA
NA FILOSOFIA DESVIANTE DE MICHEL SERRES**

Sorocaba/SP

2017

Ficha Catalográfica

Leite, Carlos Fernando

L551c Comunicação e cultura : uma perspectiva conceitual trina na filosofia desviante de Michel Serres / Carlos Fernando Leite. -- 2017.

114 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

Carlos Fernando Leite

**COMUNICAÇÃO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA CONCEITUAL TRINA
NA FILOSOFIA DESVIANTE DE MICHEL SERRES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: **Prof. Dr. Paulo Celso da Silva**

Sorocaba/SP

2017

Carlos Fernando Leite

**COMUNICAÇÃO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA CONCEITUAL TRINA
NA FILOSOFIA DESVIANTE DE MICHEL SERRES**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Luis Mauro de Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero

Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes
Universidade de Sorocaba

Dedicamos este trabalho ao amigo Prof. Dr. Eduardo Álvaro Vieira (in memoriam), primeiro e grande incentivador do nosso ingresso à vida acadêmica, e em cuja convivência foi-nos possível apreender inestimáveis exemplos e preciosas lições, que certamente contribuíram ao nosso crescimento, em todos os aspectos.

.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem cujo apoio financeiro esta empreitada não se haveria materializado.

À Universidade de Sorocaba, por nos haver proporcionado uma formação em um ambiente salutar e estimulante, onde se estabeleceu contato com intelectuais de alto nível, o que contribuiu sobremaneira à nossa formação; e pelas oportunidades concedidas, possibilitando-nos chegar ao Mestrado.

Ao nosso orientador Professor Dr. Paulo Celso da Silva, mestre e amigo, cujo apoio e incentivo, em todos os aspectos, foram determinantes à consecução de todos os nossos objetivos acadêmicos, desde o início de nossa trajetória de graduação, até ao presente momento.

Juntamente ao orientador, agradecemos também a todos os demais docentes, especialmente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação daquela universidade, mas extensivamente aos docentes de outros programas, e aos da graduação. Um grupo de intelectuais, em cuja convivência, hemos ampliado significativamente nossa visão e percepção de vida e de mundo.

Agradecemos aos colegas, de modo especial, do curso de Filosofia, mas também aos dos demais cursos, e do Mestrado, em cuja convivência, foi possível aprimorar conhecimentos e compartilhar valores, o que há contribuído significativamente ao nosso crescimento, tanto no aspecto intelectual quanto no pessoal.

À nossa família e a alguns amigos próximos que, conquanto de modo indireto, não contribuído à nossa formação acadêmica.

Finalmente, porém não com menos importância, agradecemos a todos os demais profissionais que atuam na referida instituição, muito além do esperado profissionalismo, sobretudo pela amabilidade e solicitude com que nos não receberam e apoiaram, incondicionalmente, em todos os momentos necessários.

"Comunicação é troca de emoção"

Milton Santos

RESUMO

Esta dissertação consiste em uma pesquisa sobre a comunicação, no aspecto teórico, por via filosófica, embasada no pensamento do filósofo francês Michel Serres. Como objetivo geral, busca-se ampliar a compreensão conceitual acerca da comunicação, e como objetivos específicos, destacar a importância da comunicação como fator estruturante das relações sociais, melhor entender a relação entre a comunicação e a cultura, e reconhecer a Filosofia da Comunicação, como um recorte mais específico às discussões sobre a comunicação. A metodologia empregada é a revisão e análise bibliográfica. O corpus da pesquisa é um conjunto de vinte e dois livros do referido filósofo, cinco dos quais compõem a base principal: *Hermes*; *Os cinco sentidos*; *Filosofia Mestiça*; *A lenda dos anjos*; e, *Polegarzinha*. Como resultados, chega-se ao conceito de comunicação, como o vetor relacional-cultural do ser humano, e à inferência da comunicação como um processo dialógico, transformador e inventivo, do qual se crê plausível esperar como corolário, uma sociedade mais justa, em todos os aspectos. A relevância da pesquisa jaz em sua contribuição teórica ao campo da comunicação. Este trabalho insere-se na linha de pesquisa: Mídias e Práticas Socioculturais.

Palavras-Chave: Comunicação. Cultura. Filosofia. Tecnologia. Michel Serres.

ABSTRACT

This dissertation consists in a research on communication, in the theoretical aspect, via philosophy, founded on french philosopher Michel Serres' thought. As its general objective, one seeks to amplify the conceptual understanding of communication, and as its specific objectives, to highlight the importance of communication as a structuring factor to social relations, to understand better the relation between communication and culture, and to recognize the Philosophy of Communication, as a more specific clip to the discussions about communication. The applied methodology is bibliographical review and analysis. The corpus of the research is a set of twenty-two books by the referred philosopher, five of which compose the main base: *Hermes*; *The five senses*; *The troubadour of knowledge*; *Angels' myth*; and, *Thumbelina*. As its results, one achieves the concept of communication as the human being's relational-cultural vector, and in the inference of communication as a dialogical, transforming, and inventive process, from which one believes plausible to expect as a yield, a fairer society, in all aspects. The relevance of the research lies in its theoretical contribution to the field of communication. This work fits the research line of Media and Sociocultural practices.

Keywords: Communication. Culture. Philosophy. Technology. Michel Serres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DAS BASES CONCEITUAIS.....	17
2.1 Hermes: uma filosofia das ciências.....	17
2.2 Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados.....	23
2.3 Filosofia Mestiça, ou, O terceiro instruído.....	35
2.4 A lenda dos anjos.....	41
2.5 Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições de ser e de saber.....	43
3.0 DAS ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS.....	49
3.1 Comunicação virtualizada: o tempo dobrado.....	56
3.2 Comunicação técnico-tecnológica: o duro e o macio.....	63
3.3 Mestiço cultural; mestiço comunicacional.....	75
3.4 Tecnologias: inocente fascínio, ou deletosa alienação?.....	77
3.5 Fixo e fluxo: do denotativo ao conotativo.....	82
3.6 Geração Polegarzinha: tecnologias: para que se as quer?.....	90
3.7 Comunicação: uma perspectiva trina.....	92
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	107
GLOSSÁRIO.....	111

1 INTRODUÇÃO

Durante o período de nossa graduação na área de Filosofia, tivemos a oportunidade de elaborar dois projetos de Iniciação Científica: no primeiro destes, tendo o geógrafo Milton Santos como principal autor de base, discutiu-se a relação da Geografia com a Comunicação.

No segundo, novamente embasados em Milton Santos, e no também geógrafo Angelo Serpa, analisou-se a dialética entre as classes sociais não hegemônicas e as hegemônicas, no tocante à apropriação sócio-espacial dos meios de comunicação.

Com estas duas experiências iniciais de pesquisa sobre a Comunicação foi-nos possível adquirir certa familiaridade com o texto acadêmico, bem como auferir algum conhecimento, e aguçar o interesse pela pesquisa sobre a Comunicação, uma área até então praticamente desconhecida a nós.

Após haver decidido abordar a Comunicação, por via da Filosofia, escolher o autor de base constituía-se o segundo desafio. Em consonância com o orientador, optou-se pelo filósofo francês Michel Serres – cujo pensamento exerceu grande fascínio sobre nós, logo aos primeiros contatos – que com a ampla formação e experiência acadêmica que possui, conjugando Matemática, Filosofia e Letras, e estando em franca produção intelectual, afigurava-se mais que adequado às nossas aspirações de pesquisa.

Em nosso ver, são precisamente tais atributos que tornam Michel Serres um representante de peso, quando se trata de analisar a comunicação, independentemente da perspectiva que se a tome. No universo filosófico, Michel Serres reputa-se como um pensador acrítico, e não classificável em uma linha específica de pensamento.

Outro traço característico de sua filosofia é que, em vez do sólido e do estável, da regularidade, do singular, Serres propõe o fluxo e o movimento, o desvio, o raro; proposta que parece compatível à pluralidade de demandas do mundo hodierno.

A pesquisa compõe-se de quatro partes. A primeira é esta introdução, em que se trata do problema da pesquisa, da fundamentação teórica, da metodologia aplicada, dos objetivos estabelecidos, bem como se destaca sua relevância.

Na segunda parte – cujo título é *Das bases conceituais* – elaboram-se a revisão e análise bibliográfica das obras de Michel Serres que foram selecionadas como principais à sustentação da pesquisa, e das quais se destacam alguns conceitos.

A terceira parte – intitulada *Das articulações conceituais* – destina-se ao repasse dos conceitos levantados na seção anterior, em diálogo com outros intelectuais. Dentre estes, estão representantes do Brasil, da França, da Austrália, da Inglaterra, da África do Sul, e do Paraguai.

Na quarta e última parte fazem-se as *Considerações finais*, em que se retomam sinteticamente as questões tratadas na pesquisa, e faz-se a extração de algumas inferências.

Analisar a comunicação implica defini-la, melhor conceituá-la; tarefa que é – se não inglória – inegavelmente árdua. Quando se fala em comunicação, parece inescapável que se remeta o pensamento às tecnologias. Por relacionarem-se simbioticamente à comunicação, em boa medida, as tecnologias podem representá-la – o que nem de longe significa que possam encerrá-la.

As tecnologias são um, dentre os muitos aspectos relacionados à comunicação. Portanto, embora se relacionem estreita e necessariamente à comunicação – as tecnologias não são outra coisa, senão o corolário da evolução histórica das técnicas, e constituem-se, por definição, na ampliação espaço-temporal das possibilidades e potencialidades comunicacionais do ser humano.

Propõe-se uma discussão, antes de tudo conceitual, o que implica um olhar mais amplo à comunicação, não apenas por via das tecnologias. A comunicação corrobora-se – *a priori* – como o vetor relacional inerente à existência do ser humano. Desde que se entende no mundo, o ser humano há

de se ver, em relação ao seu semelhante – isso implica alguma forma de comunicação.

Por outros termos, como o referido vetor, a comunicação há de necessariamente perpassar todas as relações – que podem sintetizar-se pela cultura, entendida de modo mais amplo. E há também a área acadêmica – a ciência – da comunicação.

Conquanto possa-se afirmar a oralidade e a escrita, como as principais e mais difundidas formas de comunicação, em contrapartida, em épocas primitivas, pode-se crer que a oralidade não haja sido a primeira forma de comunicação do ser humano, no encontro com seu semelhante. Mesmo porque, não se pressupõe que já houvesse um idioma comum à comunicação.

É possível que se tenha usado uma comunicação gestual, através de acenos, ou até mesmo simbólica, por meio de desenhos ou pinturas, e ou arranjos com galhos, pedras, ossos etc. Pensa-se até na possibilidade de que o ser humano haja olhado o semelhante como um potencial inimigo, o que pode ter desencadeado uma reação de hostilidade. Seria plausível chamar a isso de comunicação?

Outra questão importante é que, em face da presente realidade informacional, quando se alude à tecnologia, ao menos em um primeiro momento, tende-se a remeter o pensamento unicamente às tecnologias hodiernas, especialmente em relação ao processo de virtualização. No entanto, pode-se – se é que não se deve – conceber o termo tecnologia, de modo mais amplo – por um viés, diga-se, na falta de um termo melhor, mais antropológico.

A posição teórica de Milton Santos (1996, p. 111) – quanto à proporcionalidade com que as ciências respondem às demandas sociais, em dado contexto histórico – permite que se entenda por tecnologias, todas as formas de aperfeiçoamento das técnicas cotidianas de sobrevivência, que foram desenvolvidas no transcurso evolutivo da humanidade. Por outras palavras, desde os mais primitivos recursos criados pelo ser humano, às mais sofisticadas tecnologias da época atual – ou seja, algo muito mais amplo, que não se limita às tecnologias hodiernas.

Santos (1996) destaca a questão da cultura – no sentido da relação humano/natureza – por meio da relação entre ciência e sociedade, no sentido das demandas que esta impõe sobre aquela; ou, dito de outro modo, as respostas que a ciência há historicamente fornecido, em face das demandas sociais, em todos os aspectos.

Em consonância com Santos, Luis Mauro Sá Martino (2014, p. 271), além de referir-se à cultura em relação à constituição histórica das sociedades, destaca o caráter antropológico, e também dialético – e não de causa e efeito – das relações entre cultura, cotidiano e tecnologias. Ou seja, tais relações integram a vida do ser humano desde sua origem, ao mesmo tempo em que se trata de um processo em que os elementos relacionam-se simbiótica e sinergicamente.

Ao longo de sua evolução, antes mesmo de começar a entender-se melhor como um indivíduo inserido em um mundo não apenas físico, mas também social, o ser humano já buscava desenvolver instrumentos com os quais pudesse aperfeiçoar suas técnicas e, conseqüentemente, melhorar suas condições de sobrevivência.

Em ambos os casos, evidencia-se a relação entre a razão humana – a habilidade do ser humano, em confeccionar dispositivos tecnológicos; dos primitivos aos atuais – e as condições materiais que até então a realidade observável lhe proporcionava. Em síntese: a razão e os sentidos, dualismo trabalhado em uma das obras de Michel Serres aqui analisadas – *Os cinco sentidos*.

Nessa perspectiva, está-se disposto a crer que o sinal de fumaça, os tambores e outros instrumentos de percussão, que alguns povos nativos usam para se comunicar, sejam evidências de que, à época, já havia o desejo de conceber meios de comunicação capazes de transpor as barreiras geográficas – a despeito da inexistência de condições materiais a tais conseqüências. Tais meios comunicacionais primitivos não seriam, senão os ancestrais das modernas tecnologias.

Concomitantemente a essa evolução tecnológica, a comunicação também há necessariamente evoluído. Até para fazer jus à amplitude da

comunicação, acredita-se que haja muitas possibilidades de concebê-la.

Neste trabalho, propõe-se que se a conceba, por uma perspectiva trina, a saber: aquele fator aprioristicamente inerente à existência humana – o vetor relacional-cultural; a ciência da Comunicação – a quem cabe compreender-se como o dito vetor; e, em certa medida, por via das tecnologias, muito embora estas não encerrem a comunicação. Na verdade, são dois elementos que se integram e complementam-se.

O primeiro aspecto da comunicação corrobora tanto sua ubiquidade quanto sua univocidade, em relação ao ser humano. A comunicação é onipresente, e manifesta-se a todo indivíduo, indistintamente; conquanto possa haver diferenças quantitativas e qualitativas.

Se a comunicação define-se – *ipso facto* – como o vetor relacional-cultural, e tem na linguagem o seu vetor, nunca é demais lembrar que língua e linguagem hão sempre sido objetos de estudo da Filosofia.

Nessa perspectiva, não se afigura menos adequado dizer, por exemplo, Filosofia da Comunicação, do que Filosofia da Educação, Filosofia da Ciência, Filosofia do Direito, Filosofia da Natureza, Filosofia do Esporte etc, que são, inclusive, disciplinas acadêmicas comuns a muitos cursos universitários. No campo da Filosofia, cuja amplitude e relevância não se podem exagerar, a Filosofia da Comunicação não é senão mais um, dentre os muitos subcampos a que a Filosofia costuma recorrer – cuja importância, pretende-se aqui destacar – na busca por rigor metodológico, em todas as temáticas que se propõe discutir.

Isto posto, restava indagar: qual a especificidade desse recorte? E ainda, tal recorte é possível, ou mesmo necessário? O que o diferencia de outros, como a Filosofia da Linguagem, por exemplo, que também utilizam recursos da Comunicação para uma Filosofia da Comunicação?

A especificidade da Filosofia da Comunicação na Contemporaneidade liga-se, entre tantos aspectos, à importância e implicações que as mídias assumiram na sociedade. Mesmo não se restringindo a uma mídiasfera, a Filosofia da Comunicação, aqui, assume o papel de refletir com rigor e método, acerca desses entendimentos. Devido à profundidade que caracteriza a

perspectiva filosófica, está-se disposto a crer que a Filosofia da Comunicação seja a vertente pela qual se possa chegar a um entendimento mais amplo e consistente acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados.

Assim, a necessidade da Filosofia da Comunicação, como um recorte reflexivo mais específico, apoia-se no entendimento de sua representatividade, como instância garantidora de perene reflexão, no processo dialético acerca da comunicação.

Por outras palavras, analogamente às discussões em outras áreas, na comunicação, não se pode prescindir da orientação que a Filosofia pode oferecer ao processo. Portanto, mais que possível, a Filosofia da Comunicação parece necessária, como canal aberto de discussão e análise da comunicação e de aspectos afins.

Quanto à fundamentação teórica, o principal autor é o filósofo francês Michel Serres, de cuja produção intelectual, tomou-se um conjunto de vinte e dois livros, cinco dos quais constituem a base principal da pesquisa, a saber: *Hermes – uma filosofia das ciências*; *Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados*; *Filosofia Mestiça, ou, O Terceiro Instruído*; *A Lenda dos Anjos*; e *Polegarzinha – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Fazem-se a revisão e a análise bibliográfica das referidas obras, em relação à época de sua publicação.

Objetiva-se destacar os conceitos de Michel Serres, quanto à sua universalidade e possível articulação à comunicação. Entre livros, artigos e pesquisas acadêmicas, também se utilizam aqui, trabalhos de outros intelectuais, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Não obstante Michel Serres ser contemporâneo de grandes pensadores como Edgar Morin, Zygmunt Bauman, Jaques Derrida, Umberto Eco, entre outros, com base no conjunto de obras que aqui se analisa, não parece razoável inferir uma interlocução entre ele e outros intelectuais. Primeiro, porque Serres raramente cita alguém; segundo, porque não há registro, nas referidas obras, de qualquer afirmação de Serres, que autorize tal inferência.

Pode-se, no máximo, preconizar a – inescapável – influência que ele haja sofrido, tanto da parte de seus contemporâneos, quanto de outras bases mais antigas.

Quanto à perspectiva desviante da filosofia de Serres, à qual o título deste trabalho alude, conquanto não se creia plausível postular que ele esteja desviando-se de qualquer norma estabelecida – mesmo porque, é-se contrário à ideia de uma norma ao pensamento – em contrapartida, está-se disposto a crer que, por adotar uma posição teórica divergente dos parâmetros até então preconizados pelas ciências, Michel Serres não esteja senão justificando seu antagonismo àquilo que ele próprio denomina de “fazer trapaça” (1996, p. 182), isto é, o repisar de antigas teorias.

Por outras palavras, no pensamento de Serres – e com ele se vai concordar – àquele que visa à descoberta de algo novo, tomar um caminho diferente, desviar-se da rota usual parece constituir-se em uma possibilidade mais promissora.

Haja vista que, desde a década de 1950 – então um jovem com vinte e poucos anos – desviando-se da opinião predominante, Serres já postulava a comunicação, como um fator mais importante que a economia e a produção, na estruturação das relações em sociedade – projeção que parece haver-se ratificado em nossos dias. Ciro Marcondes Filho (2005, p. 6-7) é um dos intelectuais da atualidade, que reconhecem essa perspectiva *desviante*, como sendo um atributo que caracteriza a filosofia de Michel Serres.

Crê-se que por essa perspectiva diferenciada de Serres, possam-se atingir os objetivos estabelecidos, de ampliar a compreensão conceitual da comunicação, de melhor entender sua relação com a cultura, e de destacar a importância da filosofia da comunicação, como instância asseguradora de perene reflexão acerca da comunicação e de aspectos afins; o que, em nosso ver, justifica a relevância da pesquisa – a contribuição teórica que esta pode trazer ao campo da comunicação.

Espera-se que o trabalho possa contribuir, em algum aspecto e medida, ainda que infimamente, ao amplo universo que já existe de pesquisas sobre a comunicação, sobretudo no aspecto teórico. Deseja-se que as questões aqui

levantadas e discutidas, em qualquer momento futuro, possam ser apropriadas e resignificadas, por outros pesquisadores que venham a se debruçar sobre a pesquisa em comunicação, sobretudo no aspecto teórico.

2 DAS BASES CONCEITUAIS

2.1 Hermes: uma filosofia das ciências

Neste primeiro tópico analisa-se o conjunto de cinco ensaios de Michel Serres, intitulado *Hermes: uma filosofia das ciências*. Dispensa-se especial atenção ao primeiro ensaio: *La Communication*. Trata-se de uma obra publicada originalmente em 1969, na qual se discutem problemas interdisciplinares, tendo por base a Matemática e a Teoria da Informação.

Entre outras coisas, acredita-se que uma obra – filosófica ou não – em algum aspecto e medida, deva refletir o contexto (histórico, social, cultural etc) em que se insere, bem como apresentar e discutir propostas sobre os mais variados aspectos.

Mesmo porque, conforme destacado na introdução, a Filosofia corrobora-se imprescindível a qualquer discussão intelectual, independentemente do objeto sobre o qual se discuta. Portanto, a Filosofia da Comunicação parece afigurar-se oportuna, como instância garantidora de reflexão acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados.

Nessa perspectiva, em relação à Comunicação e às tecnologias, de um modo geral, não parece coincidência que *Hermes* haja vindo à luz, precisamente no momento em que ocorre uma das mais importantes consecuições científicas da humanidade: a conquista do espaço. *Hermes* representa uma nova proposta teórica para a ciência – para não roubar do autor, o termo *antropologia das ciências*.

Acerca da ciência, é o próprio Serres quem afirma (1990, p. 5):

Desprezá-la, relegá-la ao superficial, continua a ser uma operação tão irrisória e inútil, quanto a que consiste em imitá-la pura e simplesmente. É preciso, então, que não seja explicada, o que, aliás, ela sabe fazer melhor sozinha, mas tentar compreendê-la, entender sua evolução, sondar suas origens, abordar lucidamente as tragédias

mortais de suas crises. Não se trata aqui de uma história, mas de uma *antropologia das ciências*. Esta disciplina, por si só, contribui para nossas meditações inquietas sobre a aventura contemporânea.

No universo acadêmico, entende-se que a comunicação há buscado auferir mais autonomia – e não reconhecimento – como ciência; o que permite incluí-la na *antropologia das ciências* ali mencionada. Além da busca que existe por sua (re) atualização conceitual – e até como consequência uma coisa da outra, pois, à ciência da comunicação é que cabe a responsabilidade de entender-se como fenômeno.

Disso subjaz um aspecto com o qual a Filosofia há-se debatido por muito tempo: o dualismo unidade/multiplicidade. Ou seja, faz-se coerente preconizar o estabelecimento de um conceito de comunicação, ou seria mais plausível defender, que a pluralidade de conceitos que se hão formulado até então seja mais compatível à amplitude e relevância que a comunicação se arroga?

Quanto ao referido dualismo, na tese doutoral de Maria Emanuela Esteves dos Santos (2016, P. 138), parte da qual consiste em uma entrevista com o próprio Michel Serres, este, quando indagado acerca de até quando a Filosofia há debater-se com essa questão, responde:

Eu acredito que a multiplicidade é um dado, um dado do experimental, um dado real, compreende? E que a unidade é o trabalho que fazemos sobre essa multiplicidade. Esperamos a unidade pouco a pouco. É mais um ideal em direção ao qual nós estamos trabalhando ou buscando. E é assim também em todas as outras ciências. Isto é, todas as ciências, matemática, física buscam uma unidade entre as coisas diversas. Todos buscam a unidade, mas há a multiplicidade no ponto de partida.

Serres parece resolver a questão com relativa simplicidade, isto é, para ele, a questão unidade/multiplicidade não se afigura problemática. Conforme se pode inferir de sua assertiva, parte-se da multiplicidade – o elemento *a priori* – à unidade – esta, diga-se de passagem, vista da perspectiva do ideal. Em

nosso ver, pode-se reputar sua filosofia como uma possível teoria da comunicação, em que ambos os aspectos harmonizam-se.

Nessa perspectiva, parece respondida a questão há pouco levantada, acerca de se preconizar uma unidade, ou uma multiplicidade conceitual, como mais compatível à amplitude e relevância da comunicação.

Ou seja, em relação à comunicação, conquanto, por um lado, haja uma multiplicidade aprioristicamente dada, em contrapartida, busca-se uma unidade, ainda que momentânea – a depender do aspecto que se esteja investigando, ou sobre o qual se esteja discutindo.

Nesse aspecto, faz-se oportuno o comentário de Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva (2015, p. 28, 35):

É evidente a busca da Comunicação por sua autonomia como ciência, como área de estudos e produção de conhecimento, embora seja impossível negar o caráter interdisciplinar da comunicação,..., por mais autônoma que ela possa se tornar, não poderá se desvincular por completo de outras áreas. (...) seus teóricos mais conhecidos e utilizados vêm de áreas distintas, especialmente das Ciências Sociais, da Filosofia, da Antropologia e da Semiótica. (...) buscamos a comunicação como evento transformador, único, irrepetível, no qual entra em jogo também a inserção da subjetividade e da intuição.

Com os referidos intelectuais, infere-se que adquirir autonomia, nem de longe significa isolar-se das demais disciplinas. Ao contrário, destaca-se a interdisciplinaridade como um fator inescapável. Ademais, crê-se que não seja apenas a comunicação que necessite recorrer a outros campos, em busca de suporte teórico e/ou metodológico – muitas outras ciências também hão de fazê-lo.

Portanto, concebida como o vetor relacional-cultural do ser humano, na elaboração de uma antropologia das ciências, a comunicação constitui-se, ao mesmo tempo, uma área componente – uma das ditas ciências – e o vetor por meio do qual o referido processo se efetiva; não se esquecendo de reservar o merecido lugar às tecnologias que, conquanto, em si mesmas, não encerrem a comunicação, em boa medida podem representá-la.

No primeiro volume de *Hermes*, em relação à materialidade, o ruído faz-se o terceiro elemento da mensagem. A comunicação ideal deve ser limpa, sem ruído. O ruído representa o incomunicado, uma mera interferência; o acidente, no sentido aristotélico, a diferença pressupostamente excluível.

O formalismo é excludente. Nele, apenas se desloca de um campo a outro do conhecimento. Para Serres, comunicar é deslocar-se em meio a objetos de mesma forma, a qual se pressupõe extraível – analogamente à teoria do caos – precisamente da desordem cacofônica do ruído. Excluída do ruído, como uma fuga ao empírico, a forma faz-se a comunicação.

Hermes representa a atemporalidade da mensagem. No processo comunicacional humano, sempre houve mensageiro e mensagem, conquanto esta se haja alterado em relação à sua forma e ao seu meio de transmissão, bem como aquele, em relação ao seu deslocamento.

Acerca desse personagem conceitual, Serres afirma (1996, p. 93):

É preciso conceber ou imaginar como é que Hermes voa e se desloca quando transporta as mensagens que os deuses lhe confiam – ou como viajam os anjos. Esse deus ou esses anjos viajam no tempo dobrado, e daí os milhões de conexões.

É de bom alvitre que se destaque o conceito de tempo dobrado – diga-se de passagem, tomado de empréstimo da física quântica – com o qual Serres trata do conhecimento; e que nos parece extensível à comunicação.

Michel Serres assim ilustra o referido conceito (1996, p. 83 e 84):

O tempo não corre sempre segundo uma linha, nem segundo um plano, mas de acordo com uma variedade extraordinariamente complexa, como se aparentasse pontos de paragem, rupturas, poços, chaminés de aceleração espantosa, brechas, lacunas, tudo semeado aleatoriamente, pelo menos numa desordem visível. (...) O tempo flui de maneira extraordinariamente complexa, inesperada, complicada... (...) Paradoxal, o tempo dobra-se ou torce-se; é uma variedade, que seria necessário comparar à dança das chamas de uma fogueira: ora cortadas, ora verticais, móveis e inesperadas.

Um pouco mais à frente, Serres articula o conceito de tempo dobrado, relacionando-o ao evento histórico (1996, p. 86): “[...] qualquer acontecimento

histórico é deste modo, multitemporal; remete para o passado, o contemporâneo e o futuro *simultaneamente*". Por evento histórico pode-se inferir a construção histórica do conhecimento, as conseqüências a que as ciências historicamente não chegaram.

As tecnologias comunicacionais hodiernas – personificando Hermes e os anjos – operam no tempo dobrado, isto é, as barreiras geográficas de outrora, hoje inexistem – encurta-se o espaço – a virtualização possibilita que se “esteja” em vários lugares, ao mesmo tempo, e em tempo real – acelera-se o tempo –; possibilitando que múltiplas operações que outrora demandavam ampla mobilização realizem-se a um só golpe – otimiza-se o movimento. E, paradoxal quanto pareça, quase sem mobilidade física; pois, pode-se estar dentro de uma sala.

Conceitualmente, a multiplicidade de atribuições de Hermes faz-se representar nas Artes Liberais, cujas disciplinas relacionam-se à comunicação, corroborando-a como vetor relacional-cultural (interdisciplinar).

Por ser o deus dos diplomatas, ele é também o da Gramática, na mesma medida em que como o deus da eloquência, não é senão o da Retórica. Ambos os aspectos sintetizam-se na Lógica da Linguagem (Razão). Conceitualmente, talvez o Trívio possa representar a comunicação, por via das Ciências Humanas.

No outro extremo, sendo o deus das estradas e das viagens, aspectos que implicam deslocamento, mobilidade, Hermes faz-se o deus da Geometria, pois que esta é dona da distância, do espaço; ao menos, no sentido euclidiano do termo. A Astronomia faz-se aqui também representada, na medida em que – especialmente no passado – quando a navegação predominava, orientava-se em larga medida, pelos astros – ainda hoje se podem encontrar lugares em que se vê essa prática. Hermes é também o inventor da lira e do sistema de pesos e medidas; aspectos que o ligam simbioticamente à Música (Arte Liberal) e à Aritmética. Assim, na mesma medida, o Quadrívio, por seu turno, poderia representar a comunicação, por via das Ciências Naturais.

Em síntese: a comunicação, ao mesmo tempo em que um campo autônomo de conhecimento, uma ciência entre as ciências, corrobora-se

também o vetor que perpassa as relações interdisciplinares – aqui sintetizadas pelas Ciências Humanas e as Ciências Naturais – isto é, o vetor relacional-cultural.

Hermes é também o deus ladrão, trapaceiro. Eis o grande paradoxo: É-se forçado a confiar em um mensageiro que se sabe inconfiável – ou, não totalmente confiável, como o seria qualquer outro. Seria mais razoável crer que exista algum mensageiro absolutamente confiável?

Na era da informação, a necessária – ou inevitável – convivência com as tecnologias nos ensina a fraude, a duras penas. Quem quer que faça uso de alguma forma de tecnologia comunicacional, ainda que em diferentes níveis, desde o uso de um computador para tarefas triviais, às esferas mais avançadas, em que se exigem programas complexos, sabe que está em risco de ter suas informações roubadas e, em decorrência disso, sofrer desagradáveis consequências – material e moralmente falando.

Frequentemente veem-se casos de pessoas e empresas, que sofrem algum tipo de dano, material ou moral, através das redes comunicacionais. Como foi o caso, em 2015, de uma grande produtora cinematográfica americana, e até mesmo da agência americana NASA – cujo sistema, até então, fora considerado como invulnerável ao ataque dos chamados *hackers!*

Seriam esses ladrões, fraudadores das redes, espécies de Hermes da era tecnológica? Analogamente ao princípio de que o veneno origina seu antídoto, não são poucas as empresas que – forçadas pelas circunstâncias, ou de modo deliberado – acabam por contratar os próprios *hackers*, para combater seus pares. Irônico seria que o mesmo contratado fosse o ex-invasor.

Hermes tem, na Filosofia, sua origem; na eloquência e na diplomacia, a Linguagem (as Letras); na Música e nos Pesos e Medidas, o rigor e a exatidão da Matemática. Três áreas que podem sintetizar as ciências naturais e as ciências humanas, com seus respectivos subcampos – coincidência ou não, precisamente as áreas de formação de nosso autor.

Em última análise, Hermes acaba por representar o mensageiro humano. Sua carga de responsabilidade é tributária da multiplicidade de seus atributos. Como mensageiro dos deuses, porta uma mensagem divina, que se

pressupõe inquestionável. As tecnologias atuais – com suas possibilidades e potencialidades – personificam a multiplicidade de atributos de Hermes.

Michel Serres é um dos muitos mensageiros (Hermes) que a Filosofia há produzido; sua mensagem é compatível tanto a seus atributos quanto às demandas de seu tempo. Ao longo de sua trajetória, há propagado seu pensamento, por meio de suas obras e de sua vida acadêmica. Sua mensagem de conhecimento representa tanto a tradição quanto a inovação.

2.2 Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados

No livro *Os cinco sentidos* o autor direciona-se à história e à cultura da ciência. Analisam-se os perniciosos efeitos do enfraquecimento da questão da sensorialidade na Filosofia Ocidental, por meio de que, Michel Serres elabora uma topologia da percepção humana.

Em detrimento à tradição cartesiana e preconizando o empirismo, destaca-se e reitera-se – até liricamente, fazendo jus à tônica da obra – a improdutividade de qualquer sistema de conhecimento, quando desvinculado da experiência corporal, ou corpórea.

Quanto ao oportunismo com que uma obra é publicada, em seu papel de refletir e discutir o contexto em que se insere – conforme anteriormente destacado – o surgimento do livro *Os cinco sentidos*, à semelhança da obra anterior, não se faz um acaso. Lançado em 1985, o livro representa um grito de alerta em defesa dos sentidos. Surge precisamente quando os computadores começavam a se popularizar; quando se iniciava aquilo a que aqui se convencionou chamar de o início da artificialização das relações humanas – especialmente as comunicacionais.

Nos países desenvolvidos, estes já existiam desde a década anterior; mas em nível mundial, os computadores somente se popularizaram a partir da década de 1980. Separadas por uma década e meia, que em termos tecnológicos é um período expressivo, ambas as obras parecem complementar-se.

Nessa perspectiva, *Os cinco sentidos*, por seu turno, representaria uma proposta teórica multidisciplinar que, mais que propor que o conhecimento pressuponha a experiência corporal, postula que aquele inexista sem esta.

Em nosso ver, a experiência corpórea corrobora-se igualmente imprescindível, em relação à comunicação – mesmo porque, esta é o vetor do conhecimento.

Conforme afirma sua tradutora Eloá Jacobina (2001, contracapas internas) a obra reúne de modo natural, Hermes e Cinderela, a morte de Sócrates e a última Ceia, a metafísica e o esporte, a literatura, a geometria, os mitos, as artes, as musas, a paisagem; aspectos pelos quais se pode perceber e encantar-se com o mundo.

Não se evocam os horrores da violência – um tema central na obra de Serres – pois que isso não gera a paz; se assim o fosse, o mundo já não mais os experimentaria hoje, em face do grande número de obras alusivas a esse tema. É um livro que trata da vida, e não da morte; conquanto infira-se uma condenação lamentosa à violência; como um suspiro a permear-lhe as páginas.

A tradutora destaca que o texto fascina, envolve e desperta a atenção, pela rapidez com que o autor desloca-se de um ponto ao outro do conhecimento, do espaço e do tempo, com saltos difíceis de acompanhar, mas que, em contrapartida, instigam e aguçam os sentidos.

Conquanto possa reputar-se uma cultura ideal, na mesma medida, pode afigurar-se a única esperança, frente à realidade em que a ciência há ensinado o ser humano – ao mesmo tempo – a construir e destruir o mundo.

Finalizando, ela afirma que, dessa fusão que o corpo realiza com os sentidos – e que a linguagem mostra-se incapaz de expressar – espera-se que surja uma filosofia que permita ao ser humano relacionar, harmoniosamente, o global e o local.

Pode-se inferir uma síntese do autor, ao processo existencial do ser humano, em suas relações com seus semelhantes, com o mundo e com a natureza, frente aos desafios que a nova realidade tecnológica cotidiana e freneticamente propõe.

Na presente era – da informação – as tecnologias alteram o modo como se concebe o mundo e as relações. Um novo entendimento de mundo pressupõe um novo sujeito.

Este não é senão o hominescente, personagem conceitual de Serres, representativo da nova subjetividade que emerge desse novo entendimento de mundo, trazido pelas tecnologias.

Bruno Latour (1996, P. 158), em tom de pergunta, insinua que Serres seria um racionalista generalizado, por imitar, não a ideia que se tem acerca das ciências, mas as novas formas de organização que elas propõem.

Ao que Serres, não discordando, assere:

Sim, a concepção, a construção, a produção das relações, das ligações, dos transportes, da comunicação em geral evoluem tão depressa que não deixam de construir, em tempo real, um novo mundo. Vivemos ainda num século de ou num universo de conceito, seres, objetos, estátuas arcaicas ou mesmo operadores, enquanto não deixamos de produzir um ambiente de interferências flutuantes que por sua vez nos produz. Renovando-se, Hermes torna-se sem cessar o nosso novo deus, desde que somos homens, não apenas o das nossas ideias ou dos nossos comportamentos, das nossas abstrações teóricas, mas também o dos nossos trabalhos, técnicas, experiências, ciências experimentais, sim, dos nossos laboratórios [...].

Infere-se, da assertiva do autor, uma harmonização entre sentidos e razão; entre as ciências naturais e as ciências humanas – em síntese às demais ciências – aspecto ao qual Serres há voltado seu interesse, ao longo de toda a sua trajetória, em todas as suas obras; tanto pelas críticas elaboradas aos velhos sistemas, quanto por meio dos conceitos que desenvolve e das propostas que elabora.

Os *cinco sentidos* constitui-se muito menos um argumento reducionista à razão, do que parece afigurar-se uma proposta de (re) valorização dos sentidos – há tanto tempo enfraquecidos na Filosofia Ocidental – não obstante infira-se uma crítica à crença há tanto tempo alimentada por muitos, na ciência, na inexistência de um mundo possível fora do domínio da linguagem.

Em relação ao conhecimento, Serres parece propor uma jornada nômade, destarte valorizando os sentidos; não necessariamente em

detrimento, mas contrariamente à postura parmenidiana, determinística, até então adotada pelas ciências.

Os sentidos são mais inerentes ao indivíduo do que a linguagem, pois esta, em qualquer de suas formas, pressupõe-se um elemento a se desenvolver, enquanto que aqueles se corroboram apriorísticos.

Portanto, qualquer argumento em defesa de uma suposta sobreposição da linguagem aos sentidos não se sustentaria. Um indivíduo pode perder a razão, independentemente do que possa levá-lo a isso; mas ninguém há que perca todos os sentidos. Pode-se perder algum ou até alguns dos sentidos.

Mas mesmo quando isso acontece, a natureza, numa possível evidência de como aplica seus mecanismos de ajuste, dota o invisual de uma audição e de um tato mais aguçados; ou o deficiente auditivo, de uma visão suficientemente aguçada à leitura labial e à língua de sinais; ou ainda o paraplégico, cuja sensibilidade que falta às pernas (tato), reverte-se em força muscular aos braços.

A obra *Os cinco sentidos* reflete a posição crítica de Michel Serres, em relação ao modo como a linguagem há-se historicamente desenvolvido, sobrepondo-se aos sentidos, como que obliterando nossa percepção sensual em relação ao mundo; o que equivale a dizer que, em muitos aspectos, codifica-se o mundo, em vez de senti-lo – toma-se o perceptível, em detrimento do sensível.

Que a linguagem seja incapaz de exprimir o mundo, limitando-se a apenas descrevê-lo – seus fenômenos – parece não haver dúvida. Entretanto, mesmo na descrição da realidade sensível e observável, a linguagem corrobora-se incapaz de abarcar todos os fenômenos e elementos. Assim, não parece plausível aceitar que a linguagem sobreponha-se aos sentidos.

Quanto à codificação linguística do mundo, Serres afirma (2001, p. 196): “Minha língua diz cego quem não vê, surdo o que não ouve, mudo quem não pode falar, insensível às vezes quem perdeu o tato ou dele se acha desprovido, falta-lhe a palavra para dizer a falta do paladar”.

Alguns poderiam contestar afirmando que, analogamente à surdez, cegueira, e neuropatia, a Medicina possui os termos anosmia e disgeusia, para

designar, respectivamente, as perdas do olfato e do paladar. Mas tais termos – além de serem termos técnicos exclusivos da área médica – referem-se a uma perda relativa, isto é, uma perda que raramente é total, e mais raramente ainda permanente; diferentemente de quando se alude à surdez, à cegueira, ou à perda de tato, em que se está referindo, não em todos, mas em muitos casos, à perda permanente, ou irreversível.

Portanto, em nosso ver, Michel Serres não se equivoca, ao afirmar a inexistência de um termo designativo da perda do paladar – pois que, ali, pressupõe-se um termo que aluda à perda permanente do sentido.

Em relação à incapacidade da linguagem, de abarcar integralmente a realidade observável para exprimi-la, pode-se citar o caso de algumas culturas autóctones, as quais, por possuírem línguas ágrafas, não dispõem da multiplicidade de signos representativos de que, em contrapartida, dispõem as culturas que possuem línguas gramaticalmente organizadas.

Em tais culturas – as autóctones – provavelmente se tenha ainda mais dificuldade – ou, por vezes, até certa impossibilidade – de descrever o mundo das coisas – sons, matizes, texturas, odores, paladares. Em contrapartida, essa ausência de um signo linguístico representativo de tais elementos impele as ditas culturas, a uma inescapável e mais intensa experiência corpórea, em relação ao conhecimento – e, conseqüentemente, em relação à comunicação.

Em culturas cujas línguas são gramaticalmente organizadas, isto é, que possuem signos linguísticos para representar sua realidade, pode-se afirmar, por exemplo: ruído metálico, azul-marinho, textura arenosa, odor amadeirado, paladar aveludado, e assim por diante, em relação a elementos que, em si mesmos, são inexprimíveis.

A linguagem, pela associação a outros elementos já codificados – como nos exemplos acima: metal, mar, areia, madeira, veludo – logra descrever, palidamente, aquilo que – *ipso facto* – prova-se inexprimível.

Contudo, não se trata de reputar a lógica como um recurso inútil, mas sim, reconhecer que esta não se constitui no único fundamento da Filosofia.

Longe de se limitar a um mero estudo dos cinco sentidos, o livro traz à luz, o fato de que, o “sentir-se a si mesmo como sujeito” é tributário da imanência do corpo, tanto como suporte quanto receptor dos sentidos.

Deslocando-se de uma visão puramente materialista, adota-se uma perspectiva empírica, em que os elementos relacionam-se mais sinergicamente, e por meio da qual talvez se possa libertar a linguagem – que, em Serres, constitui-se o meio entre o sujeito e o objeto – subvertendo a estática até então defendida pelas ciências, por endereçá-las a processos de natureza não linear e dinâmica.

A consequência de se conceber a linguagem como esse elemento mediador entre o subjetivo e o objetivo – em relação à qual Serres não esconde seu lamento – é a perda de imediação ao sujeito; que somente pode ser compensada, pela criação de sistemas cognitivos cada vez mais sofisticados, e igualmente mediados pela linguagem.

Serres também lamenta que, em um mundo orientado e dominado pelas micro e nanotecnologias, a língua haja sido amplamente marginalizada. E, dentre os fatores que se poderiam reputar como responsáveis por tal processo, o enfraquecimento da poesia e da literatura, na cultura popular, talvez seja um dos principais.

Podem-se usar metaforicamente os cinco sentidos para representar a interdisciplinaridade. Cada um dos sentidos, no corpo, não obstante possuir seus atributos e funções particulares, não se faz supremo, em relação aos demais; antes, a eles se integra harmoniosamente, para o bem estar de todo o corpo e organismo.

Na mesma medida, dentre as áreas científicas – que podem sintetizar-se em ciências naturais e ciências humanas – a nenhuma se dá o direito de supremacia, em relação às outras; tanto mais consistente há de ser o corolário de conhecimento gerado por sua interação, quanto mais harmoniosamente puderem elas se integrar.

Quase sempre que se fala em comunicação, em um primeiro momento, tende-se a concebê-la por via dos códigos e das plataformas, e/ou a reconhecê-la como área acadêmica. No entanto, conceitualmente, a

comunicação constitui-se – antes de tudo – aquele fator inerente à existência humana, de que se falou – ou, o vetor relacional-cultural.

Antes que o ser humano desenvolvesse alguma forma de linguagem, e muito antes da(s) tecnologia(s), pelo menos no sentido hodierno do termo, de alguma forma, a comunicação, como atributo humano, como fenômeno, já existia; não obstante admitir que pudesse haver total ignorância acerca dessas questões. Dito de outro modo, a comunicação há sempre sido o vetor relacional-cultural do ser humano, independentemente de quando se haja desenvolvido uma percepção mais consistente acerca dessa questão.

Desde que existe no mundo, o ser humano há que se ver, em relação ao seu semelhante, o que implica alguma forma de comunicação. Não se pode imaginar qual teria sido a primeira forma comunicacional por ele desenvolvida, ao longo de sua evolução, tampouco quando isso teria ocorrido.

Em contrapartida, talvez a ausência de uma forma de linguagem comum permita inferir, que o ser humano primitivo exercitava seus sentidos com muito mais intensidade do que hoje se faz, no processo comunicacional. Rente à perspectiva sensual de Serres, o ser humano ainda não se contaminara pela linguagem, ainda se orientava em larga medida pelos sentidos.

Ambos os elementos – linguagem e sentidos – sintetizam-se no processo comunicacional, uma vez que este implica emissor e receptor no exercício de uma ou mais de suas faculdades sensoriais.

Mesmo quando a comunicação se processa sem que emissor e receptor façam-se simultaneamente presentes ao processo, ambos fazem uso de faculdades como visão, audição e tato, principalmente, e outras; o primeiro, ao produzi-la; o segundo, no contato à leitura, ou à audição. Assim, falar em comunicação não é, senão falar – antes de tudo – nos sentidos; e, de modo especial, no pensamento de Michel Serres.

Pode-se crer que o ser humano já vinha utilizando os sentidos como meio de comunicação, muito antes do surgimento da linguagem. Portanto não parece mais razoável crer que esta se sobreponha àqueles. Em nosso ver, são perspectivas mutuamente complementares. Esta posição teórica, em certa

medida parece mais rente à perspectiva sensual de Michel Serres, na obra em questão – *Os cinco sentidos*.

Serres defende o fluxo e o movimento, o desvio, o raro, em detrimento da postura até então adotada pelas ciências, fundamentada no sólido e no estável, na regularidade, no singular. Muitos poderiam indagar sobre o que o teria levado a essa benigna rejeição, em relação aos dogmas da ciência de seu tempo e, em decorrência disso, haja deliberado por uma perspectiva tão diferenciada.

Acerca dessa questão, Bruno Latour (1996, P. 19) indaga Serres, quanto aos professores que provavelmente mais o hajam inspirado, e às prováveis influências que haja recebido.

Ao que Serres responde:

Que autor contemporâneo eu segui? Infelizmente, nenhum. Do ponto de vista científico, o marxismo desacreditava-se devido a certos casos sensacionais, como o de Lyssenko: um jovem cientista suicidou-se ao conhecer a farsa da nova agricultura. A epistemologia de então era ensinada por pessoas que sabiam pouco de ciências ou apenas das muito antigas; tendo acabado de deixá-las, por que me devia meter num meio em que se falava delas sem as conhecer? A epistemologia parecia-me, pois, desenvolver comentários vazios. A fenomenologia também não me interessava por razões de gosto e de dificuldade.

A esta asserção, Latour interpela: “De rendimento”.

E Serres conclui:

Por que insistir numa tão alta tecnicidade para tão pouco? Enfim as ciências sociais pareciam-me fornecer mais informação do que saber. Estava completamente desorientado. Eis a razão pela qual, no fim de contas, eu não encontrei nenhum mestre.

Diferentemente do que alguns poderiam ser levados a pensar, em nosso ver, a assertiva de Serres não parece traduzir qualquer subestimação ou desprezo aos intelectuais do passado, tampouco alimentar um ceticismo em relação às escolas tradicionais.

Note-se que, em nenhum momento, Serres nega haver sido influenciado. A aparente insegurança que ele afirma em relação ao marxismo,

à epistemologia, à fenomenologia, e às ciências sociais não permite inferir que tais aspectos não possuam sua relevância.

Considerando-se a perspectiva desviante e inovadora de Serres, em nosso ver, ele parece estar afirmando que, para quem visa ao novo, a um avanço conceitual – que embora não seja necessariamente revolucionário, o é potencialmente – a tradição não se afigura mais capaz de oferecer todas as respostas; deve-se ceder lugar à tentativa, ao desvio.

Em relação a esse entendimento, Serres afirma (1996, P. 182): “Eis o primeiro mandamento da arte de inventar: quer descobrir algo novo? Deixe de fazer trapaça. Em segundo lugar, não gosto de recuar, prefiro avançar”.

Ou seja, se, por um lado, ninguém há que possa negar as influências recebidas de suas bases, tampouco sua relevância, em contrapartida, àquele que se predispõe à tentativa de ampliar o estado da arte de seu objeto de estudo, o mero repisar de antigas teorias não pressupõe como corolário, senão a replicação – não se constitui senão em trapacear.

Em relação às tecnologias – no sentido mais específico – o conceito de duro e macio, desenvolvido no livro *Os cinco sentidos*, evidencia-se pela constante e crescente redução no volume dos dispositivos tecnológicos – por meio da miniaturização – bem como pelo processo de codificação da realidade observável – a conversão dos elementos do mundo observado – o duro – em informação, em códigos linguísticos e/ou algorítmicos – o macio.

O professor à distância, e o vídeo-conferencista, trocam a aula, e a palestra presencial (o duro), pela imagem via satélite (o macio). As grandes corporações cinematográficas, que no passado viam-se forçadas à presença física (o duro) nos respectivos locais das filmagens, hoje utilizam tecnologias, como por exemplo, a computação gráfica, que com sua capacidade de virtualização (o macio), pode produzir imagens em locais em que o ser humano ainda não conseguiu chegar, mesmo com todos os recursos tecnológicos de que dispõe.

Virtualmente, podem-se visitar vários lugares, simultaneamente e em tempo real. A presença física (o duro) substituída pela presença virtual (o macio), dentre muitos exemplos que se poderiam citar.

No pensamento de Serres, o conceito de duro e macio refere-se, por um lado, ao domínio da natureza, representativo das chamadas 'ciências duras'; e, por outro lado, ao domínio da cultura; o dado em contraponto ao fabricado, ou, o material, em oposição ao conceitual.

Michel Serres ilustra o referido conceito, por meio de uma parábola (2001, p. 109):

Quando uma estrada principal se acha em mau estado, pode-se consertá-la, encher os buracos de cascalho, passar o rolo compressor sobre o asfalto novo, reforçá-la à custa de muito trabalho, suor e ouro. Mas há ainda outra solução: afixar nas árvores uma série de placas em que o passante poderá ler: ESTRADA EM MAU ESTADO. A administração prefere esta solução, menos dispendiosa, que satisfaz sua tendência para o comunicado. (...) Quebrar pedras, transportá-las às toneladas, comprimir em bloco suas arestas vivas exige energias mensuráveis em cavalo-vapor. Desenhar com o pincel, vermelho sobre o branco, cruces e letras, reconhecê-las dentro do código, exige energias incomparáveis. Avaliamos as primeiras em escala entrópica, as segundas em escala informacional.

Por envolver, além de planejamento, grande carga de trabalho físico, a primeira alternativa representa o duro; no segundo caso, a referida sinalização não é, senão a codificação – o macio – do objeto dado; no caso, a estrada em más condições de conservação.

Serres nutre grande admiração pela arte da escrita que, em primeira instância, faz-se representativa do macio; em contraponto ao bordado – representativo do artesanato; o duro. Ou seja, o trabalho (intelectual) do escritor cujas mãos estão imersas nos signos – o macio – em relação ao artesão, de cuja atividade (física) com a matéria-prima, resulta o produto final – o duro. No entanto, a linguagem, embora represente o macio, também pode converter-se em duro.

Para ilustrar a ideia do poder insensibilizador da linguagem, Michel Serres relata uma curiosa experiência que ele próprio vivenciou (2001, p. 54):

Um dia eu falava para um auditório, atentos ele e eu, em um palanque de conferência. Súbito, uma vespa me picou no lado interno da coxa, a surpresa somou-se à dor aguda. Nada na voz ou na

entonação denunciou o acidente e o discurso foi concluído. [...] o verbo ocupa e anestesia a carne, [...]. Nada insensibiliza mais a carne do que a palavra. [...] Querem drogar profundamente um paciente? Levem-no a falar com paixão e ênfase; peçam-lhe que fale dele, só dele, só do desejo dele. Ei-lo intoxicado de palavras sonoras, a vespa já não pode com ele. Falamos para nos drogar, militantes como egotistas.

De uma perspectiva filosófica mais totalizante, nada justifica que em uma realidade tecnológica, em boa medida, decorrente de todas as sensações que o ser humano há experimentado até então, a linguagem, isto é, a codificação da realidade observável – o mundo das coisas – culmine em sobrepor-se de tal maneira às questões dos sentidos.

O ser humano não há chegado à atual realidade tecnológica, senão por sentir as mais diversas necessidades existenciais, e só então, ou, depois disso, por meio da razão, concebeu as tecnologias de que necessitava – o que pode sintetizar-se, em uma palavra: *cultura*.

Portanto, não se afigura plausível postular que a razão sobreponha-se aos sentidos, tampouco que anteceda a estes. Ao contrário, dispõe-se muito mais a crer que, quanto à cultura, no sentido de relação com a natureza, primeiramente, o ser humano há de sentir a necessidade. A este sentimento segue-se a reflexão racional de que depende, em grande medida, o aprimoramento das técnicas necessárias a tornar sua vida mais prática e confortável.

Analogamente à atemporalidade da mensagem e do mensageiro, na obra anteriormente analisada, o conhecimento afigura-se igualmente atemporal. Dir-se-ia que, em termos de princípios, quase tudo foi estabelecido em épocas remotas. No processo histórico-evolutivo da humanidade, no aspecto material tanto quanto no conceitual, as ciências não registraram muito menos consecuições às quais se poderiam chamar de revolucionárias, do que não auferiram aperfeiçoamentos.

Estes ocorrem em ritmo vertiginoso, enquanto aquelas costumam demandar tempo. Haja vista, que da segunda metade do século XX em diante, em um período de menos de setenta anos – tendo como marco a televisão – o ser humano foi capaz de criar praticamente todas as tecnologias

comunicacionais e informacionais de que hoje dispõe – em aprimoramento a princípios que as ciências levaram séculos para estabelecer.

Michel Serres assim ilustra o conceito de tempo dobrado (1996, p. 67):

Pense numa viatura automóvel de um modelo recente: constitui um agregado heterogêneo de soluções científicas e técnicas de épocas diferentes; podemos datá-la peça por peça: este órgão foi inventado no começo do século, aquele há dez anos e o ciclo de Carnot tem quase 200 anos. Sem contar que a roda remonta ao neolítico. O conjunto não é contemporâneo a não ser pela sua montagem, desenho, carroçaria, por vezes apenas pela pretensão de publicidade.

Na mesma medida, na ilustração de Serres, substituindo-se o carro pelo computador, pode-se iniciar pelo sistema binário que, para a surpresa de muitos, data do século III a. C.! O mesmo se aplica à maioria dos componentes materiais de que o computador – e outros dispositivos tecnológicos – é feito: vidro, borracha, plástico, alumínio etc.

Dados um a um, estes certamente representarão momentos diferentes e, em muitos casos, bastante distantes cronologicamente falando, na história das ciências. Radicalizando um pouco, para enfatizar, quase que se poderia dizer que nenhum elemento há ao qual se possa chamar de moderno – se, por moderno, entende-se apenas os elementos concebidos hodiernamente.

O conceito de tempo dobrado também é ilustrado pelas metáforas do lenço e da massa do padeiro. Ao fazer algumas marcas em um lenço, enquanto se o mantém esticado, as ditas marcas estão distantes; porém, ao amarrotá-lo, como para colocá-lo no bolso, pontos que estavam distantes, aproximam-se; assim como quando se rasga o lenço em algum ponto, marcas que ficavam próximas afastam-se.

O mesmo ocorre no caso dos movimentos aleatórios com que o padeiro dobra e sobrepõe a massa; Serres os compara ao voo da mosca, no soneto de Verlaine, em que este afirma aquela como estando ébria de seu voo louco (1996, p. 93).

Em relação ao dualismo sentidos/razão, analogamente ao ser humano, no outro extremo da situação, existem os animais. Estes, privados da razão, apreendem a natureza por via unicamente sensorial.

Se, conforme já se referiu aqui, a natureza aplica seus mecanismos de ajuste, em relação ao ser humano, crê-se que o mesmo se dê, quanto aos animais. Nestes, a ausência de racionalidade compensa-se por sua maior agudez de sentidos, no aspecto qualitativo, tanto quanto no quantitativo.

Os cinco sentidos parece ser uma proposta de libertar a comunicação – resgatando a importância dos sentidos – do reducionismo do binômio: linguagem-tecnologia. Sentidos e linguagem convergem ambos para o corpo; um elemento caro a Serres, sendo recorrente em sua obra.

Conforme anteriormente afirmado, a obra reflete o postulado de Serres, de que a construção do conhecimento seja tributária, em boa medida e necessariamente, da experiência corporal. A linguagem corporal parece ser uma das formas mais antigas de comunicação, dentre aquelas anteriores à oralidade e à escrita. Haja vista, que a dança é um aspecto presente em praticamente todas as culturas.

No livro *Os cinco sentidos*, em relação à cultura, Serres propõe a mestiçagem, que na referida obra, apresenta-se por meio de duais-antagonismos tais como: duro/suave, claro/escuro, antigo/contemporâneo, monoteísmo/politeísmo, branco/preto.

Nessa perspectiva, o conhecimento seria o produto da interação comunicação/cultura. A comunicação, como o referido vetor, amalgamando as relações interculturais; destarte, comunicando a cultura, tornando-a conhecimento – apresentando-a, por assim dizer, ao conhecimento universal.

2.3 Filosofia Mestiça, ou, o Terceiro Instruído.

Michel Serres desenvolve o conceito de mestiçagem, por meio do personagem *Arlequim* (1997, p. 11):

Regressado de uma viagem de inspeção em terrenos lunares, Arlequim, imperador, aparece em cena para dar uma conferência de imprensa. Que maravilhas pôde ver, ao atravessar lugares tão extraordinários? O público espera dele grandes novidades.

Cultura e comunicação corroboram-se inescapavelmente indissociáveis. Nessa perspectiva, a cultura faz-se tributária da comunicação, pois que esta se corrobora o vetor relacional de que depende a construção e difusão daquela.

Em contrapartida, a comunicação, por seu turno, tem na cultura, o objeto de sua vetorização. Por outras palavras, todo ato comunicacional é também uma relação cultural; assim como toda interação cultural há de ser vetorizada pela comunicação.

Na vereda da questão da cultura, do conhecimento, *Filosofia Mestiça*, ou, *O Terceiro Instruído* é uma obra em que Michel Serres direciona-se à questão da educação – não apenas no sentido formal da pedagogia – porém como formação humana, de modo mais amplo. Em relação a esta, desenvolve-se o conceito de mestiçagem.

O terceiro instruído não é, senão o personagem conceitual com que Serres representa o mestiço, que ali é ilustrado por meio da figura de *Arlequim*. Para o autor, o processo pedagógico, em qualquer nível, ocorre nas interseções entre o conhecimento já construído e o que está por construir.

Acredita-se que esse nome – terceiro instruído – haja sido tomado por empréstimo da teoria aristotélica do terceiro excluído, em que se afirma que uma coisa é, ou não é; não existe terceira opção. Existe apenas a verdade, ou a falsidade da proposição; exclui-se qualquer terceira possibilidade.

Subvertendo a perspectiva da teoria – mas sem desmerecer ou desrespeitar o Estagirita – Serres propõe o terceiro instruído; alguém que não é nem um nem outro, mas sempre um terceiro; que não está nem em um lugar, nem em outro, mas em um terceiro lugar. Uma terceira possibilidade, um terceiro caminho – um desvio. Este é o ponto que Serres reputa como fundamental.

Michel Serres assim ilustra o mestiço (1997, p. 22-23):

[...] sendo antes destro, é agora visto como canhoto; antes gascão, vemos-lo ser hoje francófono ou anglómano. (...) Atravessando o rio,

entregando-se todo nu à dependência da margem à sua frente, acaba de aprender uma terceira coisa. Do outro lado, decerto, existem novos hábitos e uma linguagem estranha.

À postura aristotélica, ou parmenidiana, do “é” ou “não é”, Serres parece opor a perspectiva dinâmica heraclitiana, da constante renovação. Na assertiva, o indivíduo em questão – o destro tornado sestro, o gascão que se mestiça linguística e geograficamente – é o próprio Serres.

Conceitualmente, podem-se usar os dualismos – destro/canhoto, e gascão/francófono, ou anglómano – com os quais o autor destaca o personagem, para representar dois aspectos do terceiro instruído: o cultural e o comunicacional.

Tributária da necessidade de aprendizado formal, ou gramatical da língua, a habilidade da escrita, em alguma medida, pode representar o aspecto cultural do indivíduo. A oralidade, por seu turno – aqui, o francês, em relação ao inglês – em primeira instância, representaria o aspecto comunicacional.

Por outros termos, mesmo que dentro de limites linguísticos, as pessoas ditas analfabetas conseguem um desempenho oral satisfatório às suas necessidades mais prementes e vitais.

Em contrapartida, a habilidade de empregar a escrita – materializar o pensamento – necessariamente demanda o conhecimento normatizado da língua – os aspectos técnicos desta.

Nessa perspectiva, ao reconhecer-se um destro que se torna sestro; e um gascão que se acultura, o autor não está senão destacando a mestiçagem cultural-comunicacional do personagem. O terceiro instruído culmina em representar todo indivíduo. É-se – necessariamente – um mestiço cultural-comunicacional, que constantemente se enriquece com suas vivências que, como as camadas do manto de *Arlequim*, compõem sua multiplicidade.

Tal como uma colcha de retalhos, nosso arcabouço de conhecimentos vai aos poucos sendo tecido por todos os domínios do saber, formal e informalmente; o que equivale a evocar todos os tipos de conhecimento: o senso comum, o conhecimento filosófico, o científico, o religioso, e o mítico – processo que não se vetoriza, senão pela comunicação. Para Serres, o conhecimento não se afigura estável, tampouco qualquer área pode arrogar-se

o direito de supremacia, em relação às demais; muito embora, na história, tenha havido momentos em que determinado campo fez-se proeminente.

O Terceiro Instruído não é, senão um mestiço que a cada novo conhecimento auferido, não se faz mais o mesmo; e quanto mais adquire conhecimento, tanto mais receptivo há se tornar a novos desafios culturais (novas mestiçagens), em todos os aspectos.

No entanto, no livro *Filosofia Mestiça*, além das questões expostas acima, elabora-se uma crítica ao modelo de educação fragmentado vigente há muito tempo na história. Nas ciências naturais, pouco ou nada se fala sobre o humano; enquanto que as ciências humanas, por seu turno, não parecem voltar seus interesses ao mundo, do modo consistente como deveriam, ou como se esperaria que fizessem; o que, inevitavelmente, resulta no desestímulo à reflexão, ao senso crítico e à criatividade.

Apesar das discussões acerca da inter-multi-transdisciplinaridade haverem-se intensificado nas últimas décadas, promover alterações em sistemas historicamente consolidados não é tarefa das mais fáceis. No caso específico da educação, seria necessária uma profunda mudança de paradigmas, que não seria de todo impossível; mas à qual não parece haver disposição e interesse.

Serres alerta que tal postura acadêmico-científica acaba por gerar o que ele define como indivíduos culto-ignorantes e especialistas incultos. Conforme há pouco se afirmou, a crítica recai sobre um sistema educacional, ou, pedagógico, vigente há muito tempo.

O livro *Filosofia Mestiça* aborda a educação, de um ponto de vista mais amplo; como processo de formação humana. Assim, quando se afirma que a obra faz uma crítica ao modelo educacional historicamente vigente, não se tem em mente apenas a educação formal. Na perspectiva de Serres, a educação constitui-se muito mais que meramente instrução enciclopédica.

Trata-se de uma discussão conceitual, em que se analisa o fenômeno da educação, em relação à formação do indivíduo, independentemente de variáveis contextuais de ordem histórica, social, cultural, política ou econômica.

Michel Serres afirma (1996, p. 246):

Nunca se inventa uma sabedoria abstrata sem procurar antes formar um sábio real e vivo. Que importa que eu o seja se os meus sucessores não se tornarem também sábios? A verdadeira diferença entre os homens e Deus, se existe, deve residir, sem dúvida, no fato de este criar o mundo das coisas e o conjunto dos homens através da onipotência e de uma sábia previsão, enquanto pelo menos de momento nós procriamos filhos, com corpo e espírito imprevisíveis, para um mundo imprevisível. Não nos resta, portanto, senão a educação, para a providência flexível do futuro. Quando não se possui a previsão, ou seja, a providência, resta sempre, a providência; quando não se dispõe da ciência, resta a sabedoria.

Destaca-se o *status* que Serres atribui à educação, reputando-a como substituta imperfeita da onipotência divina; ou, por outros termos, afirmando-a como sendo a providência humana mais adequada, na ausência do poder divino, por meio da qual se pode legar ao mundo, um ser humano digno do nome que há milhões de anos carrega: homem que sabe que sabe.

Na linha relacional que se estabeleceu, faz-se desejável conceber um programa educacional verdadeiramente transformador, na mesma medida em que, através deste, possa-se formar o *homo sapiens-sapiens* a quem, por seu turno, atribui-se a missão de legar ao mundo, um ancestral – como destaca Serres – igualmente sábio.

Ainda que alguns, dentre os mais pessimistas, afirmem a impossibilidade de uma reformulação significativa nos parâmetros educacionais, e ainda que não se considere toda a tendência à globalização, como um argumento favorável, há registros de países – por exemplo, a Coreia do Sul – que com altos investimentos em educação, em poucas décadas, auferiram avanços sociais e econômicos significativos.

Em relação ao papel que toda obra tem a cumprir, de refletir o contexto em que se insere, e de propor e discutir acerca dos mais variados aspectos, enquanto *Hermes* surge no momento da conquista do espaço, um dos mais importantes passos tecnológicos dados pelo ser humano em toda a sua história, *Os cinco sentidos*, por seu turno, vem à luz no momento em que se

inicia o processo de artificialização das relações humanas; de modo mais consistente, por meio das tecnologias comunicacionais computacionais.

Nessa linha, *Filosofia Mestiça* pode representar o passo seguinte desse processo. Ao advento e popularização do computador, seguiu-se o desenvolvimento da Internet que, em nível mundial, populariza-se na década de 1990. Portanto, também não é coincidência que a dita obra haja vindo à luz em 1991.

Sendo uma obra que critica o modelo educacional fragmentado historicamente vigente, *Filosofia Mestiça* surge no momento em que as modernas tecnologias computacionais abrem ao mundo um leque de possibilidades sem precedentes, alterando e afetando o entendimento do mundo e das relações – trata-se de uma nova realidade.

Através do olhar de Michel Serres, a Filosofia da Comunicação há acompanhado de perto o processo de evolução humano-científico, os avanços auferidos pelas ciências; com os consequentes desdobramentos, em relação às questões existenciais humanas – o impacto que as tecnologias, cada vez mais, causam sobre o ser humano.

A essa realidade existencial, em que o ser humano chega a alienar algumas de suas faculdades e habilidades à máquina, em que praticamente se maquiniza o indivíduo, Michel Serres denomina *hominescência*, no livro que intitula com o mesmo termo, porém pluralizado: *Hominescências*.

As tecnologias alteram o modo como se entende o mundo e suas relações. Um novo entendimento pressupõe um novo sujeito, a quem Serres, correspondentemente chama de hominescente; personagem conceitual representativo dessa nova subjetividade, fadada a constante e cada vez mais rapidamente readaptar-se às condições impostas pelas tecnologias, material e conceitualmente falando.

Portanto, crê-se que, de nenhuma outra área seja mais adequado esperar demonstração de interesse em acompanhar o referido processo, do que da educação; na mesma medida em que esta parece afigurar-se capaz – mais que qualquer outro campo – de operar as mudanças necessárias na presente realidade.

2.4 A lenda dos anjos

Nesta parte do trabalho, analisa-se a obra *A Lenda dos Anjos*, considerada como imprescindível a uma apreensão mais ampla e consistente do pensamento de Michel Serres. O próprio autor reputa o livro como uma espécie de síntese de sua trajetória como filósofo.

Quanto à problemática que envolve as discussões sobre a comunicação e os aspectos a ela relacionados, a relevância de Michel Serres jaz não apenas na contribuição que tem dado às reflexões, mas também no fato de que, em sua perspectiva teórico-filosófica a comunicação ocupa lugar central.

A Lenda dos Anjos é uma obra que também reflete a perspectiva multidisciplinar do autor. No final do livro, Michel Serres apresenta uma lista das obras que até então publicara, agrupando-as em três categorias intituladas: *Equilíbrio e fundações*; *Energia e transformações*; e, *Mensageiros, mensagens e messageirias*.

O livro possui um capítulo intitulado *Mensageiria*, cuja confecção – segundo Serres afirmou em uma entrevista à imprensa francesa – foi determinante a que percebesse que toda sua obra, segundo suas próprias formulações teóricas, relacionava-se às três etapas por que a história do trabalho passara.

A era dos “carregadores”, produto da revolução agrícola, representada pelos mitos de Atlas e Hércules; a era dos “transformadores”, legado da Revolução Industrial, cujos mitos representativos são Vulcano e Prometeu; e, como produto da revolução informacional, e também de uma revolução pedagógica que, segundo o autor, em boa medida, ainda está em vias de se realizar – a era dos “mensageiros”; proclamada nas antigas lendas de anjos de algumas das maiores religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

O livro *A Lenda dos Anjos* é um diálogo filosófico entre um casal, Pantope e Pia, cujo tema é as ideias já construídas acerca desse conceito. Os anjos, semelhantemente a Hermes, representam a atemporalidade, tanto do

mensageiro quanto da própria mensagem. Tanto este quanto aqueles se deslocam no tempo dobrado.

Em relação ao processo comunicacional propriamente dito, tanto o mensageiro quanto a mensagem entendem-se como elementos *a priori*. Ou seja, independentemente das diferenças quantitativas e qualitativas em relação aos diferentes momentos do progresso histórico-tecnológico, o processo comunicacional há sempre sido tributário do mensageiro e da mensagem – quiçá os únicos elementos que, juntamente ao receptor, poder-se-iam afirmar inescapavelmente inerentes à comunicação.

Por outros termos, pode-se pressupor um processo comunicacional que prescindia de todas as intermediações tecnológicas que se possam imaginar. Em contrapartida, tentar conceber uma comunicação sem mensageiro, mensagem e receptor afigura-se tão inexecuível, quanto se constitui um completo absurdo negar a ubiquidade e univocidade da comunicação como fenômeno – como o vetor relacional-cultural do ser humano.

Pode-se pensar em uma mensagem que jamais chegue ao seu destinatário – seu receptor – mas ainda assim, sustenta-se que, aquele que prepara a mensagem e a envia, tem em mente um receptor – se este há de efetivamente recebê-la, não é algo sobre o que o emissor tenha total controle.

O cenário da obra é um aeroporto. Principalmente por ser um aeroporto internacional, em uma metrópole, este se constitui em um ambiente multicultural. Ali convivem raças, etnias, línguas, culturas, costumes, valores os mais variados, de todas as partes do planeta; unidos, tanto pela presença física, quanto pelas tecnologias. E dentre estas, figuram os mais diversos tipos de dispositivos, dos mais rudimentares, ou, menos sofisticados, às tecnologias digitais mais avançadas.

Nas profissões dos personagens da obra – Pia é médica; e Pantope, é supervisor de companhia aérea – representam-se, respectivamente, dois conceitos fundamentais da comunicação: o conceito de fixo e o de fluxo; que são as bases conceituais do livro. Enquanto que, no exercício de sua profissão, Pia obriga-se a estar sempre em um ponto fixo, Pantope, em contrapartida, não exerce a sua, senão por estar em constante fluxo.

2.5 Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber

No que se refere ao título da obra, tanto em relação à menção do polegar, quanto ao emprego da palavra no grau diminutivo, Michel Serres justifica (2013, p. 20):

É de outra forma que escrevem. Foi por vê-los, admirado, enviar SMS com os polegares, mais rápido do que eu jamais conseguiria com todos os meus dedos entorpecidos, que os batizei, com toda a ternura que um avô possa exprimir: a Polegarzinha e o Polegarzinho. É o nome certo, melhor do que o antigo, falsamente erudito, de “datilógrafo”.

Quanto à preferência pelo título no gênero feminino, também é o autor quem explica (2013, p. 78):

[...] as últimas décadas assistiram à vitória das mulheres, mais esforçadas e sérias na escola, no hospital, na empresa... do que os machos dominantes, arrogantes e fracotes. Por isso o título desse livro: *Polegarzinha*”.

Para Serres, em relação à comunicação, o mundo ocidental há passado por duas revoluções: a primeira refere-se à passagem da comunicação predominantemente oral à linguagem escrita.

A oralidade, que até então reinara sozinha como principal forma de comunicação, passava agora a dividir o espaço com uma nova forma de comunicação, cujo principal atributo era permitir o registro das informações, e sua posterior reprodução, teoricamente, com muito mais fidedignidade do que a preservação de informação por via da tradição oral.

A segunda revolução a que Serres refere-se é a que marca a transição da escrita para a imprensa. À luz das e orientada pelas novas tecnologias, a terceira revolução, na concepção de Serres, acompanha-se por mudanças em vários aspectos da sociedade: político, social, econômico, e também em relação às questões cognitivas.

Pode-se dizer que o livro trace um paralelo entre dois momentos históricos cruciais à comunicação: o surgimento da imprensa, como ampliação à escrita, que já se provara um divisor de águas à comunicação; e o advento das tecnologias digitais – cuja virtualização representa uma espécie de ápice. A obra constitui-se uma espécie de quadro do mundo atual, em que, diante dos desafios propostos pelas tecnologias, em ritmo cada vez mais frenético, o ser humano vê-se inevitavelmente forçado a um constante reinventar-se.

Serres alerta, de modo especial aos mestres, que a nova geração afigura-se incapaz de acompanhar o modelo educacional arcaico que algumas escolas, quase que em detrimento da presente realidade tecnológica, ainda tentam impor aos alunos. Hoje, as tecnologias possibilitam ao aluno, uma multiplicidade de fontes de consulta, potencializando o acesso ao conhecimento, em níveis sem precedentes.

Polegarzinha pode afigurar-se uma proposta de acolhimento em relação ao novo. Mesmo porque, o progresso corrobora-se tão implacável, que qualquer tentativa de rejeição às inovações, aos avanços – tanto materiais quanto conceituais – faz-se tão patética como a felizmente infrutífera tentativa de monopolização do conhecimento ocorrida na Idade Média. Semelhantemente à tônica do livro *Filosofia Mestiça*, em *Polegarzinha* também se aborda a educação, por via das tecnologias.

O livro constitui-se em uma reflexão acerca da presente realidade educacional, em boa medida pautada em modelos que carecem de uma atualização, em relação às novas formas de construir o conhecimento, disponibilizadas pelas tecnologias. Em síntese, a obra apresenta o encontro do antigo com o novo – da tradição com a inovação.

Quando indagado acerca da passagem do tempo, após destacar que a língua francesa possui uma mesma palavra para designar o tempo no sentido meteorológico, e no sentido cronológico, Michel Serres afirma (1996, p. 84):

[...] é preciso aproximar o termo passar da palavra <passador>: o tempo não corre; percola; isso quer dizer, justamente, que passa e não passa. (...) Na língua latina, o verbo *colare*, de onde deriva o

francês *couler*, significa precisamente filtrar. Num filtro, um dado fluxo passa; o outro não.

A assertiva de Serres corrobora a atemporalidade do conhecimento; mais uma vez, evoca-se o conceito de tempo dobrado. Aplicando-se ao conhecimento, tem-se que, a interação entre os diversos campos do saber, as diversas ciências, que podem sintetizar-se entre ciências naturais e ciências humanas, é um processo de constante apropriação e descarte de conhecimentos historicamente construídos – percolados – através do espaço-tempo.

Ao longo das reflexões aqui ventiladas, usaram-se os dualismos: sentidos/razão; ciências naturais/ciências humanas. Destacou-se que, em sua relação, em vez de haver supremacia de um desses elementos sobre o outro, na verdade, estes se complementam. Na mesma medida em que, no processo pedagógico, mestre e aprendiz, em vez de uma atmosfera de rivalidade, em que um haveria de buscar sobrepor-se ao outro, ambos instruem-se mutuamente.

Acerca dessa interação, Michel Serres afirma (1994, p. 174):

Ativo e passivo, usado, na língua francesa, tanto para o docente como para o discente, o verbo *apprendre* deveria descrever uma interação simétrica. Ninguém, efetivamente, sabe mais do que qualquer outro, pelo menos sempre e em todas as coisas; isso apenas acontece ocasionalmente e nalgumas coisas. Então, ele tem o dever de partilhar a sua ciência e de permutá-la com o que a ignora, pela que ele ignora. Diz-me como amassar a massa do pão e far-te-ei ver a física nuclear: eis-nos, de súbito, docente e discente, do mesmo modo; aprendemos um com o outro, iguais de direito. Equivalente, o intercâmbio supõe que, tanto como os homens, todos os saberes, práticos ou teóricos, se equivalem, inclusive os que a arrogância não quer reconhecer, devido à sua condição humilde e baixa. *Todos os saberes são livres e iguais de direito.*

No adágio popular “o aprendiz supera o mestre”, deve-se interpretar o “superar”, como o salutar avanço do conhecimento. De outra forma, a assertiva de Serres não se sustentaria. No processo pedagógico, nem mestre, tampouco aprendiz sobrepõe-se um ao outro; a ambos cabe a responsabilidade quanto a fomentar, construir e disseminar o conhecimento. Assim, o provérbio bem que mereceria uma complementação: “... como se espera que todo (bom) aprendiz assim o faça”.

Cada obra que aqui se analisou, buscou-se relacionar a um momento histórico importante, em relação à comunicação – uma vez que esta, como vetor, perpassa os demais campos – mas extensivamente a todas as demais ciências.

Assim, *Hermes*, o primeiro livro, lançado no final de década de 1960, tendo como base a Matemática e a Teoria da Informação, surge no momento da conquista do espaço, inegavelmente, uma das maiores consecuições científicas da humanidade, e da qual decorreram incontáveis benefícios em todas as áreas e esferas da existência.

Na sequência a esse salto da ciência, *Os cinco sentidos* surge uma década e meia após, em 1985. Em nosso ver, ambas as obras são mutuamente complementares.

Enquanto *Hermes* representa o que, em certa medida, poder-se-ia chamar de a “virada de mesa” da ciência, de que decorreram os principais avanços tecnológicos, *Os cinco sentidos*, por sua vez, vem à luz no momento em que os computadores começam a popularizar-se mundialmente; e que aqui se convencionou chamar de o início da artificialização das relações humanas – especialmente as comunicacionais.

A terceira obra analisada foi *Filosofia Mestiça*, cujo título, ao menos na edição brasileira, destaca o conceito de mestiçagem. Este se faz caro ao autor, portanto, não é estranho que seja o título que mais lhe agradou. O foco central do livro é a educação, como formação humana, no sentido amplo.

Para o autor, o processo pedagógico não é, senão a mestiçagem entre mestre e aprendiz, tendo como mediador o conhecimento – e como vetor a comunicação – processo cujo corolário é o Terceiro Instruído, o personagem conceitual com que Serres representa o indivíduo na terceira pessoa. Ou seja, não mais um, nem o outro, mas o mestiço que carrega atributos de ambos – e que ali se ilustra, por meio da figura do *Arlequim*.

Nesse entendimento, em relação às duas primeiras obras, *Filosofia Mestiça*, lançado no início da década de 1990, representa o advento das tecnologias comunicacionais computacionais. Além de haver obviamente impactado a comunicação, devido ao caráter vetorial desta, obviamente que tal

evento impactou também, em algum aspecto e medida, todas as demais áreas. Dentre estas, a educação, na mesma medida, em relação à sua relevância humana e social, provavelmente constitua-se uma das principais.

Desse modo, representam-se, respectivamente, nestas obras: a passagem da época em que a tecnologia, em boa medida, ou, quase que predominantemente, ainda se baseava na eletromecânica, ao início da era das tecnologias eletrônicas, e destas às tecnologias comunicacionais computacionais – a fase pré-virtualização.

Na sequência, *A Lenda dos Anjos*, lançado em 1993, representa o advento das tecnologias da virtualização, com sua capacidade de encurtar o espaço e acelerar o tempo – que culmina em otimizar o movimento. A obra ambienta-se em um aeroporto internacional, e consiste em um diálogo entre uma médica e um supervisor de companhia aérea. Um ambiente no qual se encontram tecnologias representativas de diversos períodos da história das ciências.

Concebido no início do século XX, ou seja, no período anterior às modernas tecnologias, em que ainda havia certo predomínio da eletromecânica, mas também já tendo alcançado o patamar de tecnologia ultramoderna, o avião poderia representar tanto o referido período pré-informacional, como a presente realidade tecnológica.

Algumas décadas depois, a segunda metade do referido século iria registrar a invenção da televisão, outro grande marco tecnológico. À televisão, segue-se a conquista do espaço, seguida do advento da ciência computacional e da virtualização da comunicação, por meio da Internet.

O aeroporto constitui-se uma espécie de microcosmo que agrega tudo isso, e que, em relação às tecnologias comunicacionais, pode representar um século da existência humana, em que se conceberam as principais tecnologias de que hoje o ser humano dispõe.

Depois de *A Lenda dos Anjos* – que sintetiza as conquistas tecnológicas humanas do século anterior e do atual – surge, em 2012, *Polegarzinha*, cujo título alude à geração de adolescentes da presente era da

informação, que com seus dedos, especialmente os polegares, mostram uma habilidade admirável no manuseio de seus *smartphones*.

É com satisfação e admiração que Michel Serres admite-se incapaz – como muitos outros – de tanta habilidade. Juntamente a essa geração – aqueles que já nasceram na era informacional – convivem as gerações mais velhas, anteriores à atual realidade tecnológica. Estas, em certa medida, talvez sejam mais capazes de estabelecer a distinção, tanto em termos conceituais quanto em termos práticos, entre ambos os períodos. A geração polegarzinha não conheceu outra realidade.

Assim, a obra *Polegarzinha* fecha o conjunto de cinco obras em que se constitui esta parte do trabalho, tendo como foco central, em síntese, o embate – que se deseja salutar – entre as formas tradicionais de fomento, construção e disseminação de conhecimento, as antigas escolas e seus representantes – cuja relevância não se pode negar, tampouco exagerar – e as novas gerações do conhecimento com seus dispositivos tecnológicos.

Na perspectiva de Serres, tanto quanto possível, quanto ao conhecimento, antigo e novo hão de integrar-se. Dessa mestiçagem entre tradição e inovação, espera-se um Hermes que personifique o mensageiro, cuja mensagem represente uma comunicação geradora de conhecimento. Que uma nova geração de polegarzinhas, mestiças do conhecimento tradicional e do novo, possa surgir.

3 DAS ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS

Conforme proposto, neste bloco, repassam-se os conceitos de Michel Serres – que foram levantados nas análises das cinco obras escolhidas como bases principais à pesquisa. Michel Serres é um filósofo que não se classifica dentro de uma linha específica de pensamento. Embora em muitos de seus livros e textos possam encontrar-se algumas críticas a determinados elementos e aspectos, no universo acadêmico, Serres reputa-se como um pensador acrítico.

Antagonicamente aos parâmetros de regularidade e estabilidade pelos quais as ciências – aqui sintetizadas em naturais e humanas – hão-se orientado, e sobre os quais se hão sustentado até então, nosso autor defende uma perspectiva teórica desviante e fluida que, conquanto suscetibilize-se ao erro, em contrapartida, parece afigurar-se a melhor forma de se chegar ao novo que, no pensamento de Michel Serres, alude muito menos ao revolucionário – em ato; conquanto possa sê-lo em potência – e muito mais ao inédito.

Seus conceitos interligam-se em mútua complementaridade, permeando todas as suas obras. Mesmo que em determinada obra, predomine certo conceito, este, por seu turno, não se dissocia dos demais. Aos determinismos e à fragmentação, Serres responde com uma perspectiva em que preconiza a abertura e a totalização. Ao propor suas reflexões, Serres utiliza, metaforicamente, alguns personagens conceituais.

Um destes é Hermes, com o qual intitula uma de suas obras, que consiste em um conjunto de cinco ensaios, tendo como base teórica – conquanto adentre a outras áreas como filosofia, ciência, arte, literatura, cultura, mitologia – a matemática e a teoria da informação.

Enquanto ato, a comunicação implica cinco elementos: o contexto em que ocorre e a conseqüente influência que aquela exerce sobre este; os atores comunicacionais (interlocutores) que dela participam; o conteúdo – a mensagem – que é comunicado, ou, compartilhado; todo o conjunto de signos – linguísticos e não linguísticos – de que se faz uso às representações; e os meios comunicacionais utilizados.

Discorrer sobre a comunicação implica melhor entendê-la. Dentre as muitas tentativas que não foram feitas, de definir o fenômeno da comunicação, Juan E. Díaz Bordenave comenta (2007, p. 7):

É oportuno perguntar-se o que é comunicação. A razão da atualidade da questão não é a comumente mencionada, isto é, o enorme desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação. A razão é muito mais profunda. Consiste simplesmente em que na década de 70, foi descoberto o “homem social”. As décadas anteriores, particularmente as de 50 e 60, preocuparam-se com o conhecimento e, às vezes, com o melhoramento de tudo o que rodeia o homem. Desenvolveram-se bastante o planejamento econômico, o urbanismo, o combate à poluição ambiental, a racionalização do trânsito, os sistemas de comercialização em grande escala.

Da assertiva do autor infere-se que, talvez, mais importante do que definir a comunicação, importa compreender sua relação com o ser humano. Tanto no que se refere à emergência social do ser humano, quanto em relação às melhorias das condições existenciais, a comunicação e os aspectos a ela relacionados desempenham papel preponderante.

Quanto às tecnologias – especialmente as comunicacionais – as décadas ali mencionadas respondem, respectivamente, por duas das mais importantes conquistas científicas do ser humano, de que decorreram outros grandes avanços: a invenção da televisão e a conquista do espaço.

À época, Michel Serres já começara a pronunciar-se acerca dessa questão. Portanto, está-se disposto a crer que o livro *Hermes – uma filosofia das ciências*, surgido em 1969, constitua-se muito menos um acaso, do que corrobore o olhar arguto de Serres, em relação às questões existenciais importantes; no caso, a comunicação e os aspectos a ela relacionados – os desdobramentos decorrentes das conquistas das ciências; de modo especial, da segunda metade do século XX em diante.

Serres representa a filosofia da comunicação, constantemente atenta à evolução dos processos comunicacionais, como instância garantidora de reflexão à comunicação, tanto como vetor relacional-cultural, quanto na qualidade de área acadêmica – em ambos os casos, implicam-se as tecnologias.

C. S. de Beer assim define a perspectiva de Serres, em relação à comunicação (2014, p. 29):

Na concepção de Serres, comunicação envolve transferir de uma ciência a outra, ou da ciência mais pura à filosofia e mesmo à poesia. A comunicação percorre esses espaços que seriam muito menos claros e transparentes do que se teria acreditado. Os títulos de muitos de seus livros, como comunicação, interferência, distribuição, tradução, passagens Norte-Oeste, faróis e alarmes de nevoeiros sugerem deslocamento de um lugar a outro, deslocamentos dentro do espaço. Não coisas e operações, mas relações e conformidades; é sobre isso que ele está interessado.¹

Conforme ali destacado, para Serres, a comunicação não apenas implica a transferência entre diferentes ciências, como também à própria comunicação cabe a tarefa de percorrer os espaços entre estas. A assertiva permite que se infira a comunicação, ao mesmo tempo, como área que se inter-relaciona com as demais – a interdisciplinaridade – e como o próprio elemento a vetorizar o processo.

Por outras palavras, destaca-se a comunicação tanto como ciência, quanto na qualidade de vetor – processo ao qual, em face da presente realidade, as tecnologias confirmam-se imprescindíveis.

Na parte final do comentário, o autor emprega os termos relações e conformidades – em oposição a coisas e operações. Ambos os dualismos representam, respectivamente, a comunicação e a mera informação. Ou seja, comunicar, no sentido mais consistente do termo, pressupõe uma relação de concordância, de harmonia, ao passo que a mera informação, ainda que possua um caráter prático, não necessariamente pressuporia tais aspectos.

Quanto à distinção entre comunicação e informação, o sociólogo francês Dominique Wolton (2011, p. 27) afirma que a primeira remete à ideia de

¹ Serres' notion of communication involves transfers from one science to another or from the purest science to philosophy and even poetry. Communication traverses these spaces that would be much less clear and transparent than one would have believed. The titles of many of his books, like communication, interference, distribution, translation, North-West passages, lighthouses and fog horns suggest movement from place to place, movements within space. Nor things and operations but relations and rapports are what he is concerned about.

negociação, compartilhamento e relação; e a segunda, por seu turno, alude à mensagem e aos dados.

O autor manifesta-se contrário à crença – nutrida por muitos – de que a internet seja uma solução à comunicação; conquanto não deixe de reconhecer que a tecnologia torne a circulação de informações e promova a interação entre pessoas, de modo mais rápido. Em que pesem os possíveis benefícios que a internet ofereça – especialmente quanto à rapidez e multiplicidade de conexões – esta não é capaz de substituir o contato físico.

Refletir conceitualmente sobre a comunicação inclui também aludir a ela quanto à sua importância social. Após a segunda guerra mundial, na Europa e, por extensão, em outros continentes do mundo ocidental, economia e produção eram concebidas – em larga medida, devido à forte influência do marxismo – como os principais fatores estruturantes da sociedade. Mesmo porque, em que pese considerar todas as mudanças no modo como se concebe o trabalho, este ainda preserva sua relevância, como um dos principais aspectos da vida em sociedade.

Michel Serres não se afigura propriamente antagônico, mas sim divergente da ampla maioria. Em vez da economia e da produção, Serres introduz a comunicação, como o principal fator de sustentação das relações em sociedade. Na entrevista concedida a Raoul Mortley (1991, p. 51), Serres utiliza seu personagem conceitual Hermes, para ilustrar a questão:

Sim, é o Hermes da Grécia clássica que aparece no título do meu livro. Por quê? Porque, ao final da guerra, o Marxismo exercia grande influência na França e na Europa. E o Marxismo ensinava que a infraestrutura essencial, fundamental era a economia e a produção: eu tinha para mim, dos anos 1955 ou 1960 em diante, que a produção não era importante em nossa sociedade, ou que estava tornando-se muito menos assim; mas que o importante era a comunicação, e que se caminhava para uma cultura, ou sociedade, em que a comunicação sobrepor-se-ia à produção. 2

2 Yes, it is the Hermes of classical Greece who figures in the title of my book. Why? Because at the end of the war, Marxism held great sway in France, and in Europe. And Marxism taught that the essential, the fundamental infrastructure was the economy and production. I myself thought, from 1955 or 1960 onwards, that production was not important in our society, or that it was becoming much less so, but that what was important was communication, and that we were reaching a culture, a society, in which communication would hold precedence over production.

Independentemente de outras divergências que se possam ter em relação às concepções de Serres, há-se de reconhecer que sua projeção parece haver-se confirmado. Não é essa a realidade presente? Não é a comunicação, hoje, o principal fator ou elemento orientador das relações, em todos os aspectos?

Em relação ao “homem social” a que se refere, Bordenave afirma que os anos 1970 marcam o momento em que se passa a conceber o ser humano, ao mesmo tempo, como criador e resultado social e cultural. O ser humano começa a perceber-se, não apenas como inserido em um ambiente físico, mas também – e quiçá, principalmente – em um ambiente social, em que estabelece relações de mútua dependência com outros indivíduos.

Quanto à emergência do homem social, Bordenave afirma (2007, p. 8):

A primeira reação ante a descoberta do homem social foi aplicar-lhe os modelos mecanicistas e pragmáticos emergentes das ciências físicas e naturais. Acontece, porém, que estes modelos não conceituam adequadamente os mecanismos e processos de interação psíquica e social, propriamente humanos. Consequentemente, métodos e procedimentos de planejamento, organização, administração, capacitação etc., aplicados com a melhor boa vontade, têm produzidos formas manipulatórias e desumanas de trabalhar com as pessoas.

O comentário acima sintetiza o processo relacional da sociedade. À medida que este se torna mais complexo, surgem as tecnologias, para dar conta da multiplicidade de relações comunicacionais, nos mais variados aspectos – social, cultural, educacional, profissional etc.

Parece haver um efeito bidirecional. Enquanto que, por um lado, o crescimento populacional gera a necessidade de se desenvolverem tecnologias que atendam às demandas comunicacionais, em contrapartida, o ritmo vertiginoso com que estas se concebem, por seu turno, transforma o que seria a noção racional da inescapável necessidade do uso de tecnologias, em uma – às vezes consciente – compulsão por tecnologias. Desenvolve-se uma visão triunfalista em relação às tecnologias, as quais, devido às suas múltiplas possibilidades, culminam em auferir um *status* de referenciais, ou orientadores das relações humanas – especialmente as comunicacionais.

No início deste século, Michel Serres trouxe à luz o livro *Hominescências – o começo de uma outra humanidade?* Na resenha da obra, Ronaldo Luiz Souza afirma (2014, p. 1 e 2):

Hominescências é uma visão da história do homem em relação aos meios em que vive e sua interação com o mundo, sua cultura e sociedade, as forças que impulsionam às mudanças e aos comportamentos, à evolução e à plasticidade deste ser que aprendeu a dominar as espécies e controlar o mundo, criatura emergente e resultante de sua própria dominação no planeta. O caminho deste homem se escreveu e se escreve em sua própria intensidade e desejo de vida pelo conhecimento da morte. (...) uma análise global da situação humana nas várias dimensões da vida e das ciências: existência, espiritualidade, cultura, economia, política, biologia, genética, tecnologias.

As tecnologias comunicacionais hodiernas têm a capacidade de encurtar o espaço e acelerar o tempo, de que decorre a otimização do movimento. Toda essa mudança no modo como se concebem e se estabelecem as relações comunicacionais gera um novo entendimento de mundo; o que pressupõe um novo sujeito entendedor. Este não é senão o hominescente, personagem com que Serres define a nova subjetividade que emerge do referido processo de avanço tecnológico.

Até o surgimento das modernas tecnologias – tomando-se como ponto de partida a televisão – em termos de crescimento e inovação, a humanidade acostumara-se a um ritmo um pouco mais lento. Entretanto, a partir da invenção da televisão, por volta da metade do século passado, os equipamentos passaram a ser concebidos cada vez mais rapidamente.

Dentre as principais tecnologias comunicacionais de que o ser humano faz uso atualmente, talvez o telefone e o automóvel sejam os únicos representantes oriundos do século XIX. Em um período de pouco mais de sessenta anos – tendo a invenção da televisão como referência – desenvolveram-se praticamente todas as tecnologias que hoje se usam.

Ambos os comentários, o de Bordenave, quanto ao homem social, e o de Souza, em relação à hominescência, respectivamente, representam os dois extremos do processo evolutivo das tecnologias comunicacionais. A década de 1970, em que surge o homem social, marca um período em que, juntamente a

algumas tecnologias modernas de que já fazia uso – por exemplo, a TV – o ser humano começa a dar-se conta, de modo mais consistente, de sua existência social e da necessidade de estabelecer relações, em todos os aspectos.

Mas trata-se ainda de uma fase a que se poderia chamar de pré-informacional – tendo em vista as atuais tecnologias. Esta pode significar um ponto de partida no desenvolvimento das tecnologias comunicacionais, do qual a hominescência seria a presente fase. O homem social surge – tomando consciência de si socialmente – no início da era tecnológica; o hominescente, por seu turno, faz-se o corolário histórico-evolutivo do referido processo.

O curto espaço de tempo em que ocorreram os avanços das tecnologias causa o que se poderia chamar de “choque cultural-tecnológico”, entre as gerações oriundas da época anterior às tecnologias, e aqueles que já nasceram dentro da chamada era informacional, que se traduz na necessidade – da parte das primeiras – de uma rápida e constante readequação às demandas comunicacionais, nas mais diversas esferas da vida – profissional, social, educacional etc.

Aqueles que nasceram após o advento das modernas tecnologias – até para fazer jus a essa condição – parecem levar uma ligeira vantagem: não têm que se readequar àquelas demandas. Pelo fato de não haverem experimentado a sociedade pré-informacional, em tese, eles encaram as demandas sociais da atualidade, em relação ao domínio tecnológico, de modo muito mais natural; em média, eles fazem uso das tecnologias, com muito mais domínio.

Michel Serres (2013, p. 20), afirma sua admiração, em relação à desenvoltura com que as jovens estudantes adolescentes manuseiam seus *smartphones* com os polegares – o que justifica o nome do livro – algo que ele mesmo admite ser incapaz de fazer com a mesma rapidez. Certamente, isso também se aplica a tantos outros da mesma geração que Serres, ou de gerações próximas à sua.

Evidencia-se assim, uma primeira mudança de comportamento gerada pelas tecnologias: impelir as gerações mais velhas a uma atualização mais consistente, quanto ao domínio tecnológico, em relação aos mais jovens. Aliás, em relação às tecnologias, atualização sempre foi palavra de ordem.

3.1 Comunicação virtualizada: o tempo dobrado

O tempo dobrado refere-se à atemporalidade e não linearidade dos eventos históricos – aqui entendidos como as consecuições a que as ciências historicamente não chegaram – em síntese: o conhecimento.

Michel Serres (1996, p. 93) ilustra o referido conceito, pelos deslocamentos que Hermes e os anjos – os mensageiros – realizam no tempo dobrado, os quais se comparam aos movimentos aleatórios do voo de uma mosca, e ao modo como o padeiro prepara a massa:

Esse deus (Hermes) ou esses anjos viajam no tempo dobrado, e daí os milhões de conexões. [...] Acompanhe o voo de uma mosca: não flui o tempo por vezes, segundo as quebras e dobras que esse voo parece seguir ou inventar? Do mesmo modo, [...], a transformação do padeiro, o rebatimento de uma metade de um plano sobre o outro, indefinidamente retomado [...].

Dentro da atual realidade, a comunicação manifesta-se, ou, processa-se no tempo dobrado. Os milhões de conexões ali mencionadas podem representar a multiplicidade de contatos comunicacionais que se podem estabelecer, graças às tecnologias: o processo de virtualização.

Na mesma obra (1996, p. 87), Serres ainda apresenta a metáfora dos pontos no lenço, em relação ao mesmo conceito:

Se agarrar num lenço e o estender para passá-lo a ferro, pode definir sobre ele distâncias e proximidades fixas. [...] Agarre em seguida no mesmo lenço, amarrote-o, e meta-o no bolso: dois pontos muito afastados encontram-se de súbito muito próximos, talvez mesmo sobrepostos; e se, além disso, o rasgar em determinados lugares, dois pontos muito próximos podem ficar muito afastados. Chama-se topologia à ciência das vizinhanças e dos rasgões, e geometria métrica à ciência das distâncias bem definidas e estáveis. [...] o tempo assemelha-se muito mais a essa variedade amarrotada do que à lisa, demasiado simplificada.

Serres destaca o conceito, pela oposição entre topologia e geometria. A primeira é a que melhor define o tempo dobrado – o tempo que percola. Em relação à comunicação, a menção às “vizinhanças” pode aludir ao encurtamento do espaço, isto é, em face da presente realidade tecnológica, as barreiras geográficas de outrora inexistem. É-se vizinho de qualquer pessoa com quem se estabeleça contato, independentemente da distância – no sentido geométrico – a que esta se encontre.

Analogamente ao espaço e ao tempo, que conforme Kant (1724-1804) constituem-se em categorias *a priori* do pensamento, isto é, comportam todos os fenômenos, a comunicação, por seu turno, como vetor relacional-cultural do ser humano, perpassa todas as relações. Assim, infere-se que, ampliar a compreensão conceitual acerca da comunicação implique inescapavelmente em aludir ao espaço e ao tempo.

Em relação a estes como fenômenos, em si mesmos, na qualidade de potenciais objetos de estudo, Lucrecia Ferrara afirma (2008, p. 116, 117, 119, 125):

Na realidade, enquanto fenômenos mutáveis e intercambiáveis, o tempo e o espaço não podem ser estudados como instâncias absolutas de um modo de ser; ao contrário, se manifestam, apenas, como aparências passageiras, como possibilidades contínuas e mutáveis. A dobra conforme dobra é a melhor definição.

A virtualização personifica a dobra do tempo sobre si mesmo – a “presença” virtual em múltiplos lugares – o que produz o encurtamento do espaço – as barreiras geográficas não mais existem – destarte, otimizando o movimento – múltiplas operações realizam-se a um só golpe; e quase sem mobilidade, no sentido físico do termo.

Hoje, pode-se comunicar, simultaneamente, em tempo real ou não, de qualquer lugar para qualquer lugar, a qualquer hora, com um número indizível de pessoas. Hermes – deus grego, mensageiro dos deuses e deus dos viajantes e comerciantes – cuja estátua costumava ser colocada nos entroncamentos das estradas, representa o mensageiro que se desloca no tempo dobrado, estabelecendo as conexões comunicacionais.

Tanto o mensageiro quanto a mensagem afiguram-se atemporais, isto é, no processo comunicacional, sempre houve a necessidade de mensageiro e mensagem; conquanto se hajam alterado, tanto o modo de deslocamento do mensageiro, como a forma da mensagem, e o meio pelo qual se a transmite.

Entretanto, hoje, o processo comunicacional, a transmissão da mensagem, não depende tanto da presença física do mensageiro, tal como no passado. Hoje, o mensageiro – Hermes – de um ponto fixo, “desloca-se” virtualmente, levando a mensagem. A atemporalidade e a não linearidade constituem-se precisamente nos atributos que definem o referido conceito.

Em alguma medida, todo esse potencial talvez justifique o olhar que se costuma ter, em relação às modernas tecnologias digitais, em detrimento dos meios comunicacionais mais antigos. Independentemente do sentimento que se nutra em relação às tecnologias, ao se fazer uso delas está-se, de alguma forma e em alguma medida, exposto; pois se sabe que, como todos os elementos, as tecnologias, em que pese considerar que ofereçam muitas vantagens, facilitem a vida cotidiana, ao mesmo tempo, têm também seu lado pernicioso – diriam os mais pessimistas, que este é até mais evidente.

Por outras palavras, quem quer que faça uso de alguma forma de tecnologia comunicacional, especialmente a Internet, ainda que em diferentes níveis, desde o simples uso do computador para tarefas triviais, às esferas mais avançadas, em que se exigem programas complexos, estará sob um mesmo princípio orientador, dentro do sistema (rede) comunicacional.

De alguma maneira, aquilo que se transmite ou recebe pode (rá) ser acessado por qualquer pessoa, com boas ou más intenções, a qualquer momento e de qualquer lugar. O antagonismo entre a “privacidade” em que acredita estar alguém que opera um computador, e o fato de que tudo que se registra na máquina, seja passível de acesso, é algo curioso – o que aparentemente traria mais privacidade ao indivíduo acaba por expô-lo de modo ainda mais intenso.

É fato que pode ser uma vantagem – por uma questão de segurança – ter no carro, no celular, ou em qualquer outro dispositivo, um sistema de rastreamento via satélite.

Porém, o mesmo sistema faz-se absurdamente invasivo, pois se pode sempre saber onde a pessoa está, ainda que esta assim não o deseje, ou até repugne.

Isso gera uma atmosfera de constante alerta, o que acaba também determinando algumas mudanças de comportamento, nas relações que se tem com as tecnologias. O dualismo: aquilo que me oculta me revela não é confortável. Faz-se tudo para se proteger, por meio das tecnologias – e é também por meio destas, que se expõe ainda mais intensamente.

O *Príncipe Eletrônico* é um texto em que Octávio Ianni desenvolve essa ideia de controle – em uma releitura de Foucault e Gramsci – tão presente desde épocas passadas, e que, com o advento das tecnologias, foi significativamente acentuada e ampliada, a todas as esferas da vida. Esta parece ser a única forma que o ser humano encontrou – ao menos no mundo capitalista, em que tudo é medo – de organizar-se em sociedade.

Nos diversos aspectos da vida cotidiana – financeiro, pessoal, educacional, profissional, etc – frequentemente registram-se casos de pessoas e empresas que são vítimas dos chamados hackers. Como foi o caso da produtora de cinema americana *Sony Pictures Entertainment*, que teve seus arquivos invadidos em Novembro de 2014, e acessaram-se as informações acerca de um filme que estava prestes a ser lançado.

Nem mesmo as instituições cujos sistemas de controle informacional são considerados de alta segurança estão imunes às referidas invasões. Como ocorreu à agência americana NASA que, em outubro de 1989, sofreu o que se crê que haja sido o primeiro ataque de hackers no mundo – e desde então, a referida agência há sofrido muitos outros ataques.

Entretanto, em que pese considerarem-se todas as vantagens que as tecnologias têm trazido à comunicação, bem como os aspectos dignos de crítica, pode-se indagar: efetivamente, como os meios comunicacionais contribuem – se é que o fazem – à promoção de discussões dentro das sociedades, e ao estímulo do senso crítico e da capacidade participativa?

Na entrevista à Raoul Mortley, em (1991, p. 51), ao ser indagado: “E o que o senhor entende por comunicação”? Michel Serres – reiterando e enfatizando o que havia afirmado anteriormente – responde:

O conjunto de tecnologias que agora fazem parte da vida cotidiana, desde as comunicações telefônicas, por exemplo, ao processamento de dados e computadores. Em meu ver, essa tecnologia tem muito mais relevância no mundo moderno do que a produção de matéria prima. E, de fato, o futuro rapidamente mostrou que eu estava certo, quanto ao fato que carvão, aço, e todos os tipos de indústrias, em maior ou menor escala, não desapareceram, enquanto que a comunicação tornou-se a verdadeira base de nossa sociedade. Sinto certo orgulho pessoal no fato de haver antecipado entre os anos de 1955 a 1960, o mundo em que agora habitamos. 3

A antecipação a que Serres refere-se, quanto à relevância da comunicação como fator de sustentação da sociedade, destaca a importância da filosofia da comunicação, na qualidade de instância asseguradora de perene reflexão acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados.

Dominique Wolton (2004, p. 10) faz o seguinte comentário:

A comunicação é, também, o conjunto das técnicas que, num século, quebrou as condições ancestrais da comunicação direta para substituí-las pelo reino da comunicação à distância. Hoje em dia entendemos por comunicação pelo menos tanto a comunicação direta entre duas ou mais pessoas, como a troca à distância mediatizada pelas tecnologias (telefone, televisão, rádio, informática, telemática...). Os progressos foram de tal maneira, imensos, as realizações tão evidentes, que hoje em dia, estabelecer um intercâmbio instantaneamente, de um lado ao outro do mundo, através do som, da imagem ou dos dados é uma banalidade. Pelo menos para os países ricos.

De modo semelhante a Michel Serres – não obstante aborde a questão, de uma perspectiva um pouco diferente, direcionando-se mais à funcionalidade das tecnologias, Wolton partilha a ideia acerca de como, em face dos inegáveis benefícios das tecnologias, a relevância destas há sido intensificada.

3 The group of technologies which have now passed into everyday life, which range from telephone communications, for example, to data processing and computers. That technology has in my view meant far more in the modern world than the production of primary materials. And in fact the future quickly showed that I was right, in that coal, steel, and all kinds of industry have more or less disappeared, whereas communication became the very foundation of our society. And I take a little personal pride in the fact that I anticipated in the years 1955 to 1960 the world in which we now live.

Conquanto de modo indireto, a menção às tecnologias como presentes ao menos em países ricos, talvez permita inferir que, em alguma medida, o autor esteja pronunciando-se em relação ao problema de milhões de pessoas ao redor do mundo, quanto à falta de oportunidade, tanto à posse quanto ao acesso às tecnologias – independentemente das razões.

Historicamente, atribuem-se à chamada Escola de Chicago, as primeiras propostas de reflexão acerca da comunicação, nas primeiras décadas do século XX; em números redondos, há um século. Ao longo desse tempo, a Comunicação há-se consolidado como área científica, embora muito haja ainda que se desenvolver, tanto no que concerne à sua delimitação como campo, quanto aos seus objetos de estudo, e em relação à sua (re) conceituação.

Em nosso ver, essa “dificuldade” enfrentada pela comunicação, no que concerne a autonomizar-se e (re) conceituar-se, corrobora-se perfeitamente compatível com a amplitude e relevância que a própria comunicação arroga-se. Por outros termos, os vários conceitos de comunicação que se têm formulado até então, corroboram-se diretamente proporcionais à sua amplitude e relevância. Outro ponto digno de destaque é que, na busca por autonomizar-se como ciência, a Comunicação culmine em lançar mão de conceitos oriundos de outros campos como Filosofia, Sociologia, Psicologia etc.

Em relação a essa aparentemente inescapável recorrência da comunicação a outras áreas, *Ciro Marcondes Filho* afirma (2014, p. 8):

A área ainda se ressentia desse hibridismo, não conseguia constituir um campo próprio, mas formava-se por cruzamentos de linhas, orientações e vetores, cuja “síntese” nós chamávamos de “comunicação”. Mas já amadurecemos para a mudança e a consolidação. A época atual demonstra condições satisfatórias para erguer, por fim, um saber específico que não dispensa as trocas com as ciências humanas, o apoio que estas sempre deram, mas que precisa constituir-se como um campo próprio, não apenas como “aplicação” de outros campos, como equivocadamente o classificam as agências de financiamento de pesquisa.

A afirmação de *Marcondes*, nem de longe sugere, tampouco autoriza inferir a interdisciplinaridade como negativa. Por outros termos, ser inescapável não torna a interdisciplinaridade um fator prejudicial à constituição da

Comunicação, ou de qualquer outra área. Ao contrário, mais que não se ratificar negativa, além de inescapável, ela ainda se confirma benigna.

A comunicação exerce um impacto tão significativo sobre as ideias e o comportamento, que acabou por se tornar um dos grandes problemas políticos da atualidade. Isso levou a UNESCO a instituir, em 1977, a *Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação* e, em 1980, a redigir e publicar o documento intitulado como *Relatório MacBride*, cujo objetivo era analisar os problemas da comunicação no mundo em sociedades modernas, em relação à comunicação de massa e à imprensa internacional, e então sugerir uma nova ordem comunicacional para resolver esses problemas e promover a paz e o desenvolvimento humano.

Em maior ou menor grau, pode-se crer que a comunicação há sempre sido um fator de relevância. Do soldado grego que foi capaz de correr mais de quarenta quilômetros para transmitir uma mensagem, aos Whatsapp e Face book dos dias atuais, foi um longo período em que o ser humano há ampliado ininterrupta e crescentemente suas possibilidades e potencialidades de comunicação. À medida que se dava o tal avanço tecnológico, foi-se tomando cada vez mais consciência acerca da importância da comunicação, como o dito vetor relacional-cultural do ser humano.

Quando indagado acerca de sua afirmação – na obra *Hominescências*, em relação aos meios comunicacionais do passado – de que “a água reúne o que a terra separa”, Michel Serres responde (2007, p. 63):

Sim, o mar reúne o que os continentes separam. Portugueses, ingleses, holandeses, dinamarqueses e até proprietários vindos dos países mais ao norte da Liga Hanseática [...] eu quero dizer, seus descendentes [...] compartilham a vinícola de Bordeaux. (...) esse porto, próximo de Lisboa e Londres, avizinha-se de Helsinki, Hamburgo e dos cais da Escócia ou da Dinamarca. Tais vizinhos vivem, no entanto, a milhares de quilômetros de distância. No entanto, Bordeaux conhece mal Toulouse, que fica a dois passos. A água liga, o solo cria um obstáculo.

A assertiva ilustra a ideia da comunicação como o dito vetor relacional-cultural do ser humano. Na ilustração de Serres, metaforicamente, a água representaria a comunicação, que ali exerce o papel de conexão, de ligação.

Segue-se que o dualismo água/terra, conceitualmente, talvez possa representar, respectivamente, a comunicação e a ausência desta – quer seja pela falta de oportunidade de acesso, ou por qualquer outra razão.

Na afirmação do autor, ficar separado pela terra – pela ausência de comunicação – resulta em conhecer mal o mundo e, conseqüentemente, as pessoas. Em contrapartida, aqueles que estão unidos (conectados) pela água – pela comunicação – tornam-se vizinhos de, e compartilham valores e costumes com outros, a despeito de encontrarem-se distantes, geograficamente falando. Metaforicamente, isso representa um dos principais atributos das tecnologias hodiernas: a virtualização; o encurtamento de espaço e a aceleração do tempo, cujo corolário é a otimização do movimento.

A perspectiva de Michel Serres acerca da manifestação topológica – e não, topográfica – do conhecimento parece aplicável também à comunicação. À luz da presente realidade tecnológica, a comunicação também se manifesta topologicamente, virtualmente; ou, no tempo dobrado.

3.2 – Comunicação técnico-tecnológica: o duro e o macio

Antes que o ser humano desenvolvesse alguma forma de linguagem, e muito antes das tecnologias, no sentido em que se as concebem hoje, a comunicação já existia. Desde que existe no mundo, o ser humano há de se ver, em relação ao seu semelhante, o que implica alguma forma de comunicação.

Em relação a isso, Dominique Wolton afirma (2004, p. 10):

A comunicação é, antes de mais, uma experiência antropológica fundamental. (...) Muito simplesmente não existe vida individual e coletiva sem comunicação. (...) Do mesmo modo que não há homens sem sociedades, também não há sociedades sem comunicação.

A assertiva de Wolton sintetiza a ideia do apriorismo da comunicação, como o vetor relacional-cultural do ser humano. A menção do termo “antropológica” permite inferir o referido apriorismo, isto é, se antropológica, inere ao ser humano desde sua origem.

Ao postular a inexistência, tanto de homens sem sociedades, quanto destas sem comunicação, o autor não está senão destacando a comunicação como aquele vetor.

Outro intelectual cuja posição teórica parece afinar-se à de Wolton, é Francisco Rüdiger, conforme se pode inferir de seu comentário (2011, p. 7):

A comunicação sabidamente desempenha um papel fundamental na sociedade: o homem não vive sem comunicação. A capacidade de se relacionar coordenadamente com seus semelhantes representa para ele, desde os tempos **primitivos**, um elemento básico de sobrevivência e satisfação das necessidades, que há algumas décadas vem se tornando também um formidável campo de cuidado técnico e moral em nossa civilização.

O autor começa por referir-se à relevância social da comunicação, à imprescindibilidade desta à existência humana, mas não se restringe a isso. A assertiva destaca a comunicação, tanto por seu apriorismo como vetor relacional-cultural, quanto na qualidade de área científica. No primeiro caso, por admiti-la como elemento de coordenação das relações, desde épocas primitivas. No segundo, ao mencionar seu *status* de campo técnico.

Nessa perspectiva, assim como não se pode imaginar qual teria sido a primeira forma comunicacional desenvolvida pelo ser humano ao longo de sua evolução, tampouco quando isso teria ocorrido, em contrapartida, pode-se imaginar que a própria ausência da linguagem oral – pois não se pressupõe que já houvesse uma língua comum à comunicação – talvez permita inferir, que o ser humano primitivo exercitava seus sentidos com mais intensidade do que hoje se faz, no processo comunicacional.

Rente à perspectiva sensual de Serres, o ser humano parecia ainda não se haver “contaminado” pela lógica da linguagem. Pode-se afirmar que ambos os elementos – linguagem e sentidos – imbricam-se no processo comunicacional, uma vez que este implica interlocutores, no exercício de suas faculdades sensoriais – audição, visão, tato etc.

Muito depois de se ouvir, ver, tocar, cheirar e saborear, é que se desenvolve a oralidade; o que dizer da escrita, cuja aquisição é ainda mais tardia! Acerca dessa questão, o livro *Os cinco sentidos*, conforme o próprio

nome sugere, destaca a importância dos sentidos, no processo do conhecimento – perspectiva que parece afigurar-se extensível à comunicação.

Aliás, na filosofia de Michel Serres, o corpo e os aspectos a ele relacionados são elementos recorrentes e desempenham papel preponderante. Se, falar em comunicação, não é senão falar nos sentidos – tanto mais assim o é, no pensamento de Serres.

Entretanto, nem todos os estímulos naturais emanados do mundo, que os sentidos captam, podem ser expressos pela linguagem – quando muito, esta pode descrevê-los, por meio de sua associação a outro elemento já codificado linguisticamente.

Diferentemente das culturas que possuem línguas gramaticalmente organizadas, com que descrevem, por exemplo, ruído metálico, azul marinho, textura arenosa, odor amadeirado, paladar aveludado, as culturas nativas, especialmente as autóctones, por possuírem línguas ágrafas, não dispõem de alguns destes signos linguísticos.

Assim, um autóctone – independentemente da cultura e da etnia – em muitos casos, incapacita-se a descrever diferentes sons, matizes, texturas, odores e paladares. Em tais culturas, em relação ao processo de conhecimento – e, conseqüentemente, à comunicação deste – a experiência corpórea corrobora-se o fator inescapável – imanente.

Serres trata disso, por meio da metáfora da caixa-preta (2001, p. 126):

Eis uma caixa-preta. À sua esquerda e diante dela, o mundo. À direita ou adiante dela, o que transita em certos circuitos e que nomeamos informação. A energia das coisas entra aí: sacudidelas do ar, pancadas e vibrações, calor, álcoois ou ésteres, fótons... A informação sai daí e, então o sentido. Nem sempre sabemos onde está situada a caixa-preta, ignoramos como ela transforma os fluxos que passam por lá... . Antes da caixa, o duro; depois da caixa, o macio.

Metaforicamente, a caixa-preta representa o corpo. Através dos órgãos dos sentidos, captam-se os estímulos comunicacionais (a energia das coisas, como ali se afirma) – auditivos, visuais, tácteis, olfativos, gustativos – que são convertidos pelo sistema nervoso central, em signos por meio dos quais se interpretam e nomeiam os referidos estímulos.

Conforme Serres assere, ignora-se como se dá o processo. Porém, conquanto não se possa determinar como ocorre a dita transformação dos estímulos sensoriais (o duro) em signos linguísticos (o macio), na mesma medida, corrobora-se a imprescindibilidade do corpo no processo. Isso ratifica a importância da experiência corpórea ao ato comunicacional.

Em nosso ver, a experiência corpórea representa um enriquecimento ao ato comunicacional, na medida em que o contato interpessoal permite que se captem certas informações acerca do indivíduo (estado de ânimo, de saúde, quanto à indumentária etc), cuja percepção talvez não fosse possível, na comunicação mediada por algum tipo de tecnologia.

Dominique Wolton afirma (2004, p. 16): “[...] com a comunicação, está em causa tanto a paixão como a razão”. Ou, por outros termos, tanto o sensível quanto o racional.

Em épocas remotas, o ser humano há utilizado várias formas de linguagem simbólica. Dentre os exemplos dignos de menção, estão as pinturas rupestres, arranjos com objetos como galhos, pedras, ossos etc; sinais de fumaça e instrumentos de percussão. Todos estes exemplos evidenciam tanto elementos naturais quanto artificiais.

No primeiro caso, reproduzem-se signos artificiais (pinturas) sobre um elemento natural (pedra). No caso dos arranjos com galhos e outros objetos, do sinal de fumaça, e dos instrumentos de percussão, os elementos, além da representação de si mesmos, convencionam-se em signos linguísticos que representam outras coisas.

Daí em diante, a comunicação humana há sido crescentemente artificializada, e o primeiro estágio que se pode destacar no processo é a oralidade, acerca da qual não se podem determinar com precisão, nem o momento em que surgiu, tampouco de que modo.

Quando e como quer que haja ocorrido o surgimento de uma língua comum com a qual o ser humano pudesse comunicar-se, certamente foi um momento de grande impacto, entre outras razões, por possibilitar aos indivíduos e povos interagirem, trocando culturas – ou, por outros termos, compartilhando conhecimento.

Iniciava-se ali, um longo e ininterrupto processo de criação de novas e diferentes línguas e formas de linguagem; um período – cuja duração não se determina de modo preciso – durante o qual as tradições culturais, os costumes, as religiões eram comunicados, de geração a geração, por meio da tradição oral.

Analogamente à impossibilidade de se determinar com exatidão quando e como a oralidade haveria surgido, o mesmo parece aplicar-se à escrita, muito embora, historicamente, creia-se que esta haja surgido por volta do século X a. C., sendo seu surgimento creditado aos Sumérios.

A comunicação, que até então tinha na oralidade sua principal forma de manifestação, acrescia-se agora de uma nova forma comunicacional que permitia o registro e preservação das informações, para posterior difusão – talvez seja esse o atributo mais nobre da escrita, pragmaticamente falando. A partir dali, o ser humano passava a contar com mais um forte aliado à preservação e transmissão cultural, de geração a geração.

E mais, além de permitir a referida preservação da informação, a nova forma de comunicação – a escrita – inaugurava uma nova e impactante fase na história humana, sobretudo no aspecto econômico, pois o registro das informações dependia de um suporte material. Este, no início, consistia em pequenas placas de cera, que posteriormente evoluíram para a argila, o papiro, o pergaminho e, finalmente, o papel da era moderna; que por sua vez também evoluiu bastante, até chegar aos nossos dias – (ver Innis, 2012).

Analogamente a *hardware* e *software*, termos que representam, respectivamente e em síntese, o aparato tecnológico, e os códigos e sistemas de programação, em *Os cinco sentidos*, Michel Serres desenvolve o conceito de duro e macio, com o qual se pode sintetizar a crescente artificialização pela qual historicamente o processo comunicacional humano há passado.

Enquanto que, por um lado – conforme se destacou quando da análise do conceito de tempo dobrado – a comunicação corrobora-se atemporal, isto é, mensageiro e mensagem sempre existiram, em contrapartida, a forma da mensagem e o meio pelo qual se a transmite não se alterado. Historicamente, o processo comunicacional humano há sido crescentemente artificializado.

Muitos há que, até de modo satisfatório e otimista, justificam essa realidade como necessária. Acatam a implacabilidade do progresso tecnológico, sem qualquer questionamento sobre os possíveis aspectos negativos – no caso específico das tecnologias comunicacionais.

Admitindo a afirmada artificialização da comunicação humana, até que ponto poder-se-ia reputá-la como absolutamente inócua? Mesmo porque, em relação a quase todas as questões, os eventos, de um modo geral, necessariamente evidenciam aspectos tanto positivos quanto negativos.

No período em que a oralidade reinava como principal forma de comunicação, a transmissão da mensagem era tributária da presença física do mensageiro, o que equivale a dizer, de toda a programação de seu deslocamento; o que continuou a ser necessário ainda por muito tempo, mesmo após a invenção da escrita e da imprensa.

Somente após o advento das primeiras tecnologias comunicacionais, que aqui – na falta de um termo melhor – poderiam ser chamadas de um pouco mais modernas, como o telégrafo, por exemplo, e posteriormente o telefone e o rádio, é que foi possível ao ser humano ostentar a capacidade de transmissão de mensagens orais e escritas a uma pluralidade de lugares, simultaneamente, e a longas distâncias.

No caso da comunicação internacional e intercontinental, predominavam as redes submarinas, subterrâneas e aéreas. Nos países e nas cidades, boa parte da comunicação fluía subterraneamente ou pelo ar. Os equipamentos – o aparato técnico, propriamente dito – eram imensos e, na maioria das vezes, totalmente fixos. Mesmo no caso dos equipamentos transportáveis, sua dimensão e seu peso constituíam-se em fatores de dificuldade.

Uma rápida comparação entre a amplitude material que a comunicação demandava no passado, em termos de aparato tecnológico, e a miniaturização dos dispositivos comunicacionais hodiernos, quiçá corrobore o conceito de duro e macio. Entre as duas realidades comunicacionais, passada e presente, verifica-se uma espantosa miniaturização, em termos de equipamentos.

Acerca dessa questão, faz-se oportuno o comentário de Luis Mauro Sá Martino (2014, p. 271):

Dos ossos às ferramentas, aos ábacos, calculadoras manuais, computadores com válvulas que ocupavam uma sala inteira e tinham menos memória do que um relógio de pulso atual, *chips* de computador.

A assertiva de Martino constitui-se em uma síntese do processo de avanço tecnológico, se, por tecnologias, entendem-se todos os tipos de dispositivos que o ser humano há concebido ao longo de sua evolução; dos mais rudimentares aos mais sofisticados.

Ademais, por aludir às dimensões dos computadores antigos, se comparados aos atuais, Martino destaca a questão da miniaturização, de que acima se falou. Soa quase como um paradoxo: os computadores antigos, conquanto fossem de grande porte, não possuíam uma capacidade de armazenamento tão ampla.

Em contrapartida, na atualidade, a despeito de suas dimensões cada vez menores, tais equipamentos capacitam-se à armazenagem de grande volume de informações.

Outra questão importante diz respeito às possibilidades e potencialidades. Nesse particular, a conquista do espaço talvez seja o evento que mais fortemente contribuiu. Em decorrência desse feito, conceberam-se os satélites, aos quais se sucederam as tecnologias comunicacionais computacionais. Os equipamentos de outrora não eram tão multifuncionais quanto hoje. Entre o primeiro modelo de telefone e o modelo atual, seus estágios evolutivos mostram a dita crescente artificialização do processo comunicacional – em relação a si mesmo, o telefone talvez esteja entre os meios comunicacionais que mais avançaram, desde o seu surgimento.

Nesse sentido, a televisão não ficou muito atrás; desde sua multifuncionalidade, às centenas de canais que se podem acessar, passando pela multiplicidade de informações que oferece, e as diferentes opções de idiomas.

O computador, por seu turno, além de haver avançado em suas possibilidades e potencialidades, foi miniaturizado e conjugado a outros equipamentos como telefone, carro, e mesmo a alguns aparelhos eletrodomésticos – é a chamada internet das coisas.

Quanto ao duro e o macio, em relação à comunicação, verifica-se a que ponto se há chegado, por meio das tecnologias. A outrora ampla materialidade de que a comunicação fazia-se tributária foi reduzida ao nível mínimo nos dias atuais. O conceito de duro e macio também se evidencia pela codificação tecnológica da realidade observável, o mundo das coisas – o duro – em signos linguísticos e algorítmicos – o macio – ou seja, o sensível pelo perceptível.

Comentando o segundo capítulo da obra *Os cinco sentidos*, em que Michel Serres trabalha a audição, Steven Connor afirma (2005, p. 158):

A audição é entendida, neste capítulo, na qual a dualidade prometida pela palavra francesa *entendre* manifesta-se fortemente, em termos de um trabalho de transformação. A audição toma o que Serres chama de duro, *le dur*, e o converte em informação, *le doux*, ou o macio. Esta troca é efetuada pelos sentidos, ou pelo trabalho da sensação que, por transformar estímulos naturais em informação, também faz das sensações, sentidos, produzindo um leve declínio, ou desvio semântico na própria palavra sentido: sensação torna-se sentido. 4

O dualismo sensação/sentido – ou, sensível/perceptível – conceitualmente, pode representar o “duro e o macio”. Mais que meramente significar a transformação do empírico no racional, isto é, da sensação (o duro) em sentido (o macio), analogamente a este dualismo, a virtualização opera, respectivamente, com o dualismo demonstração/simulação.

Através de técnicas como a computação gráfica, por exemplo, a virtualização liberta da necessária demonstração empírica e, ao mesmo tempo, possibilita a simulação racional do ainda inexecuível.

4 Hearing is understood in this chapter, in which the duality promised in the French word *entendre* is powerfully at work, in terms of a work of transformation. Hearing takes what Serres calls the hard, *le dur*, and converts it into information, *le doux*, or the soft. This exchange is effected by the senses, or by the work of sensation, which, in turning raw stimulus into sensory information, also makes sense of the senses, effecting a slight declination, or deflection within the word *sens* itself: sense becomes sense.

Não se está sustentando aqui que isso se dê efetivamente, isto é, que a artificialização das relações comunicacionais – se é que se comprova, e em tal nível – seja mesmo capaz de trazer prejuízos ao ser humano; tampouco se pretende defender as tecnologias, a despeito de seus possíveis atributos negativos.

Independentemente do lado em que se esteja da situação, o progresso tecnológico faz-se implacável. Tentar detê-lo seria tão patético como a felizmente fracassada tentativa de monopolizar o conhecimento, que se verificou na Idade Média.

Longe de emitir qualquer juízo de valor, propõe-se uma reflexão à luz da filosofia, inspirada no pensamento de Michel Serres, no intuito de ampliar a compreensão acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados.

Nessa perspectiva, consente-se com Michel Serres, quanto à relevância da experiência corpórea, em relação à comunicação. Reconhece-se nesta, um elemento enriquecedor do ato comunicacional – é o olho no olho, o sentir a presença, o perceber o estado de ânimo etc – conquanto não se critique de modo irresponsável, a atitude daqueles cuja “dependência” dos meios tecnológicos corrobora-se mais acentuada. Admite-se que, devido às suas possibilidades e potencialidades, as tecnologias cheguem a exercer certo fascínio sobre as pessoas, de um modo geral.

Acerca dessa questão, destaca-se a posição teórica de Dominique Wolton, (2011, p. 14), que critica o determinismo tecnológico – que resulta daquele fascínio – conquanto não deixe de reconhecer a importância da tecnologia. Na verdade, o que o autor parece criticar não é a tecnologia, em si mesma, mas os excessos: a *tecnolatria* – a visão triunfalista da tecnologia, especialmente a internet, como a solução messiânica à comunicação; e o *tecnocentrismo* – a artificialização desnecessária de certa parcela da comunicação cotidiana, pelo uso exacerbado de tecnologias.

Em que pese reconhecer que esta posição implique certo juízo de valor, nem por isso prejudica-se o aspecto factível da questão, isto é, ainda que se possa questionar a carga de juízo de valor e relativismo que os termos *tecnolatria* e *tecnocentrismo* carregam, em boa medida, é o que se verifica.

Muitos há que idolatram as tecnologias, e ostentam um alto nível de “dependência” destas, o que os leva, muitas vezes, tanto a adquirir quanto a utilizar as tecnologias, de modo conscientemente compulsivo – o que, na ausência de um termo mais adequado, poder-se-ia chamar de deleitosa alienação. Atualmente, há registros de pessoas que têm de se submeter a tratamento psicológico, e mesmo psiquiátrico, em decorrência desses fatores. Certamente que casos assim – felizmente – constituem-se exceções, em relação ao amplo universo de usuários de tecnologias.

Entretanto, aqui não se visa à discussão quantitativa tampouco qualitativa sobre essas questões, em relação a resultados. Está-se refletindo acerca da existência desses fatores, isto é, trata-se de uma constatação. Mesmo em relação às áreas em que o uso de tecnologias em larga escala corrobora-se mais necessário – como é o caso do jornalismo, por exemplo – Wolton parece fiel à ideia de que a comunicação implica aspectos de ordem mais abstrata, subjetiva – ideia que parece afinar-se à perspectiva sensual de Michel Serres em *Os cinco sentidos*.

Em relação ao conceito de duro e macio, outro intelectual cuja posição teórica parece afinar-se com as posições de Serres e de Wolton, é Ciro Marcondes Filho, conforme se infere de sua assertiva (2008, p. 51):

Ela é um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores (sociais, históricos, subjetivos, temporais, culturais) que se dá pelo atrito dos corpos e das expressões, algo que ocorre num ambiente, permitindo que se realize, a partir dela, algo novo entre os participantes do ato comunicativo, algo que não possuíam antes e que altera seu estatuto anterior.

O “atrito dos corpos e expressões” talvez possa representar, respectivamente, os sentidos (o duro) e a racionalidade (o macio). O corpo – diga-se de passagem, talvez o elemento mais imprescindível na filosofia de Michel Serres, sendo recorrente em suas obras – representa o aspecto material, os sentidos – o duro – em relação às expressões que, em oposição àqueles, representam o aspecto conceitual, a razão – o macio.

Sentidos e razão, dualismo que, em relação à comunicação, evidencia-se muito menos antagônico do que complementar. Ou seja, ambos os elementos corroboram-se imprescindíveis ao processo comunicacional.

Em que pesem as possíveis diferenças quantitativas e qualitativas, assim como, em determinado momento comunicacional, os sentidos podem vir a sobrepor-se à razão, o inverso também é verdadeiro, isto é, em outras tantas circunstâncias, pode-se primar pela razão, em relação aos sentidos – independentemente dos fatores de motivação, tanto em um caso quanto em outro.

Marcondes preconiza a comunicação como um processo de interação entre múltiplos vetores sociais – o que a destaca como o referido vetor relacional-cultural. Sua perspectiva afigura-se análoga ao conceito de mestiçagem, com que Serres trabalha no livro *Filosofia Mestiça*. A multiplicidade vetorial a que ali se refere poderia representar a multiplicidade assumida pelo mestiço.

Em todos os momentos do processo comunicacional humano, a materialização da comunicação sempre há sido tributária do deslocamento. Na presente realidade, como seu principal atributo, as tecnologias comunicacionais produzem o que se poderia chamar de “deslocamento virtual”.

Ou seja, a capacidade de virtualização das tecnologias culmina em permitir que se conceba o deslocamento, também pelo viés conceitual; deslocar-se não é mais sinônimo absoluto de movimentar-se. Além de não se fazer necessário ao mensageiro deslocar-se – fisicamente falando – ao destinatário da mensagem, as tecnologias ainda permitem comunicar-se simultaneamente com uma infinidade de pessoas. Pode-se virtualmente “estar” em vários lugares ao mesmo tempo, e em tempo real!

Em relação à artificialidade que as tecnologias impõem ao processo comunicacional, destaca-se a posição teórica de Vilém Flusser, para quem a comunicação constitui-se – *ipso facto* – em um processo artificial. Flusser afirma (2007, p. 89): “os homens comunicam-se uns com os outros de maneira não natural”. Sua assertiva parece refletir uma posição teórica totalizante, implicando todas as formas de comunicação.

Se assim o é, ou seja, se mesmo a comunicação presencial via oralidade, sem a mediação de qualquer tipo de tecnologia, pode ser reputada como um processo artificial, tanto mais artificial corrobora-se o processo, em se tratando do “deslocamento virtual”; da comunicação mediada tecnologicamente.

Por outras palavras, na comunicação tecnológica, além da linguagem como elemento mediador, há também o(s) dispositivo(s) tecnológico(s); que artificializa(m) ainda mais o processo; tanto pelo acréscimo de tecnologias, quanto pela ausência de contato físico entre os interlocutores – esta, em boa medida, faz-se consequência daquele.

Semelhantemente à posição teórica de Michel Serres em *Os cinco sentidos*, defende-se a importância da experiência corpórea à comunicação. Nessa perspectiva, o processo comunicacional virtualizado, em certo sentido, representaria uma “perda”. Em contrapartida, reconhece-se que a virtualização confere ao processo, uma amplitude e uma rapidez inalcançáveis na comunicação presencial. Portanto, infere-se uma complementaridade entre ambos os modos de comunicação.

Assim, entre o que se poderia chamar de dois extremos: a comunicação presencial sem a mediação de qualquer tipo de tecnologia, e a comunicação virtualizada, defende-se uma posição de equilíbrio – um meio termo. Não *artificializar desnecessariamente* as relações comunicacionais – em que pese reconhecer a carga de relatividade do termo – tampouco tentar nadar contra a corrente, adotando uma postura de antagonismo às tecnologias, que beira o irracional.

No que concerne às tecnologias, a miniaturização constante e crescente dos dispositivos corrobora-se um fator unívoco. É um fenómeno cuja ocorrência não se restringe às tecnologias comunicacionais. Por questões tanto de logística quanto de praticidade operacional, em todas as áreas, técnicas, administrativas, ou de qualquer outra ordem, os dispositivos tendem a miniaturizar-se, ao mesmo tempo em que praticamente todas as tecnologias – comunicacionais ou não – em alguma medida, operam a conversão de elementos da natureza observável em códigos.

3.3 – Mestiço cultural; mestiço comunicacional

Acerca do *Arlequim*, infere-se que as vivências que experimentou em sua viagem – em seu deslocamento – acrescentaram-lhe grandes novidades, as quais se espera que ele agora compartilhe. Essa multiplicidade vivencial ali se representa por meio de seu manto multicamadas (1997, p. 12- 13):

Arlequim continua, pois, a despir-se. Outro manto furta-cores, uma nova túnica com galões, depois uma espécie de véu estriado, tudo assim aparece sucessivamente, e ainda umas meias sarapintadas... [...] mas Arlequim nunca mais acaba de se despir, atrás de uma peça aparece outra, que se pensa ser a antepenúltima: esfarrapada, compósita, aos pedaços... Arlequim traz consigo uma camada espessa de mantos de arlequim. [...] Decerto, o primeiro manto deixa ver a justaposição de peças, mas a multiplicidade, o cruzamento das sucessivas camadas também o revela e dissimula.

De modo mais rente à sua subjetividade, o manto talvez possa representar o efeito das vivências sobre o Arlequim, que culmina em representar o ser humano, em relação ao processo cultural-comunicacional. Não obstante a imprescindibilidade da virtualização quando se trata de comunicar-se em escala mundial, em contrapartida, a comunicação virtualizada não permite vivenciar os lugares que se “visitam”, ou pelos quais se “passa” virtualmente.

Ciro Marcondes Filho afirma (2008, p.52):

Ninguém sai ileso após um ato verdadeiramente comunicacional. Se sair ileso é porque a comunicação não se efetivou, ficou presa nos rituais, no formalismo, da repetição infundável do mesmo (Sfez), no giro contínuo do não acontecido, no fluxo morto de seu movimento recursivo.

No mesmo texto (2008, p. 52), o autor alude à comunicação como: “... um processo social..., permitindo que se realize, a partir dela, algo novo entre os participantes do ato comunicativo, algo que não possuíam antes e que altera seu estatuto anterior”.

Ambos os intelectuais parecem reputar a comunicação como um elemento potencialmente transformador. Em Michel Serres, o corpo não ileso é

o *Arlequim*. É-se inescapavelmente afetado pelas vivências; estas, vetorizadas pela comunicação.

As diversas relações que se estabelecem – sociais, políticas, econômicas etc – podem-se sintetizar pela cultura. Como vetor, a comunicação perpassa todas as relações; daí postulá-la como vetor relacional-cultural. O mestiço comunicacional-cultural, que em Serres representa-se pelo *Arlequim*, não é senão o “ninguém” de Marcondes Filho. Ou seja, tal como ao *Arlequim*, faz-se inescapável afetar-se por suas vivências, ninguém há que seja imune à potencialidade transformadora do ato comunicacional.

Nessa linha, a comunicação presencial, em relação à virtual, poderia representar um fator a mais a possibilitar a dita transformação dos atores comunicacionais em questão. Tanto em um caso como em outro – presencialmente ou virtualmente – pode-se crer na comunicação, como um processo potencial e desejavelmente transformador; admitindo-se possíveis diferenças quantitativas e qualitativas.

Em suas posições teóricas, Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva, não apenas reiteram a perspectiva de Marcondes Filho em relação à comunicação, como também ampliam o entendimento desta, como aquele evento potencial e desejavelmente transformador.

Os referidos intelectuais asserem (2015, p. 35):

[...] buscamos a comunicação como evento transformador, único, irrepetível, no qual entre em jogo também a inserção da subjetividade e da intuição. [...] Um método participativo, mais que investigativo, no qual se invista todo o corpo, com todos os sentidos e com a possibilidade da experiência, sabendo-se que, a comunicação é a essência da própria vida [...].

Ambas as perspectivas são postas em diálogo. Em nosso ver, a posição teórica de Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva parece mais objetiva; sugere muito menos um idealismo utópico, do que parece traduzir-se em um anseio exequível.

Mesmo porque, quando se fala em uma busca, pressupõe-se algo possível – diferentemente do postulado condicional – “se” – de Marcondes Filho.

A assertiva ainda permite inferir uma síntese à comunicação, nos aspectos conceitual e material, por mencionar, por um lado, a subjetividade e a intuição – representativas do aspecto conceitual – e por outro lado, o corpo, os sentidos e a experiência, que por seu turno, representariam o aspecto material.

Em *Filosofia Mestiça*, o mestiço assume a multiplicidade de suas vivências; acresce-se de novos elementos, a cada nova vivência. Assim, a mestiçagem evidencia-se por via empírica; pelo aspecto material. No entanto, constantemente enriquecido pela multiplicidade de vivências, ali representadas por seu manto multicamadas, *Arlequim*, o terceiro instruído – o mestiço – culmina em alterar-se também conceitualmente, uma vez que cada nova vivência pressupõe-se geradora de novas reflexões.

Ainda que possa ser um fenômeno imperceptível, no sentido mais empírico do termo, a mestiçagem corrobora-se inescapável. Ninguém há que seja imune aos efeitos de suas experiências vivenciais, seja no sentido prático ou teórico do termo. É-se enriquecido e, conseqüentemente, alterado pelas vivências que se tem; ainda que, muitas vezes, não se tenha uma dimensão exata, ou não se reflita de modo mais consistente acerca dessa questão.

3.4 Tecnologias: inocente fascínio, ou deleitosa alienação?

Em relação à comunicação, o ritmo vertiginoso em que se dão os avanços tecnológicos contribui ao desenvolvimento de uma visão triunfalista das tecnologias, privilegiando o aspecto material, isto é, os aprimoramentos dos dispositivos comunicacionais, quanto à sua multifuncionalidade e atributos estéticos – quase que em detrimento do aspecto conceitual.

No entanto, se, por um lado, a comunicação ostenta uma constante transformação, em termos materiais, em contrapartida, verificam-se também os avanços conceituais, embora estes costumem demandar mais tempo para efetivarem-se.

Haja vista, que desde sua constituição como campo científico, a comunicação há-se visto diante dos desafios, tanto de auferir mais autonomia, quanto de melhor definir-se conceitualmente; a cujo enfrentamento o presente trabalho visa a contribuir.

Mesmo porque, material e conceitual são aspectos simbioticamente relacionados. Tal como no círculo vicioso do ovo e da galinha – assim como o constante conceituar, em boa medida, conduz a progressos materiais, estes, por seu turno, não raro constituem-se em objetos de novas conceituações.

Aquilo a que há pouco se chamou de visão triunfalista, os mais pessimistas, ou menos entusiastas das tecnologias preferem denominar fanatismo; termo especialmente empregado em relação às pessoas que, na opinião deles, mostram-se usuários compulsivos de tecnologias.

Longe de sugerir ou estimular qualquer juízo de valor, reconhece-se que os dispositivos tecnológicos, em si mesmos – devido às suas múltiplas possibilidades – constituem-se em estímulos a que o ser humano (deleitadamente) aliene muitas de suas faculdades e habilidades à máquina; ao mesmo tempo e na mesma medida em que (inocentemente) fascina-se pela amplitude de possibilidades e potencialidades desta.

Acerca dessa questão, Ciro Marcondes Filho afirma (2005, p. 17):

As novas máquinas substituem as funções de conservar. Não precisamos estocar mais nada, nos bastam, as relações, diz Serres. As cabeças poderão ser esvaziadas e nelas se modelarão formas sem preocupação com conteúdos, inúteis, pois disponíveis em livros. (...) Nós, seres humanos, seremos portadores de cabeças vazias e a tecnologia, o grande cérebro guardador de toda a memória social, nos fornecerá aquilo de que precisamos.

Não se infere, da assertiva de Marcondes, qualquer louvação ou crítica às tecnologias. Destaca-se a implacabilidade da realidade tecnológica, ao mesmo tempo em que talvez se insinue uma possibilidade. Analogamente ao que Michel Serres – ali mencionado – afirma na obra *Polegarzinha*, quanto ao fato de que, tendo a máquina como memória, fica-se com a mente desocupada e, portanto, mais suscetível à inventividade.

Quando ali se afirma que as cabeças poderão ser esvaziadas, delegando às máquinas o armazenamento de informações, não se infere qualquer crítica ao fato, tampouco se faz apologia às tecnologias, como capazes de “substituir” o ser humano.

Entretanto, em consonância com a afirmação de Serres em *Polegarzinha*, parece mais plausível crer, que Marcondes esteja igualmente afirmando, nas entrelinhas, que as cabeças esvaziadas, da mesma forma, estarão livres e suscetíveis à invenção, que para Serres – e com ele se vai concordar – constitui-se no único ato de comprovada inteligência.

Nas perspectivas de ambos os intelectuais – Serres e Marcondes – por permitir que se delegue à máquina a atribuição de armazenar informações, “libertando” a mente humana, as tecnologias, fruto da inventividade humana, em uma relação reversa, acabam por constituírem-se em potenciais estimuladores dessa mesma inventividade; perspectiva que parece ampliar o olhar que se tem – reconhecidamente pragmático – em relação às tecnologias.

Considerando a visão puramente utilitarista e pragmática que predomina em relação às tecnologias, a posição teórica dos referidos intelectuais, em certa medida, parece consoladora, por atribuir às tecnologias, o caráter de potenciais fatores de estimulação à criatividade – um fator positivo.

Por outros termos, se a visão triunfalista que se nutre em relação às tecnologias comprova-se mais negativa que positiva, ao menos, vê-las como potenciais estimuladores da inventividade, na pior das hipóteses, constitui-se em um argumento a seu favor.

As tecnologias comunicacionais computacionais – e quiçá, por extensão, todas as demais – evidenciam alguns dos conceitos até então discutidos. A internet, por exemplo, na medida em que concentra e disponibiliza o acesso, em um único ponto, às informações referentes a fatos ocorridos em diferentes momentos no espaço-tempo histórico, é como se o tempo se dobrasse sobre si mesmo, e todas as principais informações acerca de eventos da humanidade convergissem a um único *site*, disponibilizando-se ao acesso imediato.

Uma quantidade tão imensa de informações, que provavelmente seria necessário um volume inimaginável de compêndios enciclopédicos para contê-la, e igual quantidade de tempo para acessá-la.

O mesmo se verifica em relação à comunicação direta entre indivíduos e grupos. A possibilidade de comunicação simultânea, em tempo real ou não, entre milhões de pessoas, independentemente da distância a que estas se encontrem, na mesma medida, sugere imaginar quanto tempo se haveria de dispendar para o estabelecimento de todos os referidos contatos, pelos meios comunicacionais antigos. É como se todas as pessoas envolvidas no processo encontrassem-se no mesmo local – como se as informações ali disponíveis houvessem sido produzidas dentro de um mesmo espaço, e no mesmo momento.

Conquanto se admita que a história das ciências, em relação ao progresso destas, não se marque por rupturas bruscas, mas sim por sobreposições, uma rápida comparação entre o volume de equipamentos e acessórios demandado pelo processo comunicacional em épocas passadas, e a miniaturização dos dispositivos da presente realidade informacional, permite evidenciar o segundo conceito aqui proposto, a saber: “o duro e o macio”.

Dentro do referido conceito, a constante e crescente miniaturização dos dispositivos comunicacionais representa o que se pode chamar de “amaciamiento”, isto é, a expressiva redução do volume de equipamentos e acessórios que o processo comunicacional demanda, além da referida codificação da realidade observável (o duro) em informação, em códigos linguísticos e algorítmicos (o macio) – ou, o sensível, tomado pelo perceptível.

Mas o aspecto mais curioso desse processo é que, parece ocorrer um efeito inversamente proporcional, que soa quase como um paradoxo: enquanto que por um lado, ocorre uma acentuada redução no volume material, por outro lado, ampliam-se as possibilidades e potencialidades dos dispositivos.

Ou, nas palavras de Luis Mauro Sá Martino (2014, p. 271): “[...] computadores com válvulas que ocupavam uma sala inteira e tinham menos memória do que um relógio de pulso atual [...]”.

Ou seja, no passado, para armazenar um mínimo de informações, os computadores haviam de ser imensos, demandando grandes espaços de instalação; hoje, um computador que se pode carregar no bolso capacita-se a armazenar bibliotecas inteiras – como diz o provérbio popular: “tamanho não é documento”.

De modo mais específico, pode-se mencionar a técnica de computação gráfica, como um exemplo, não propriamente de miniaturização, mas em sentido mais amplo, de redução da demanda de materialidade dos processos. Na indústria cinematográfica, por exemplo, tanto em relação aos efeitos especiais, quanto ao restante do processo, há poucas décadas, a produção de um filme demandava um deslocamento físico muito mais acentuado aos locais de filmagem, o que implicava um amplo planejamento e, sobretudo, um longo tempo de realização.

Para não falar na dependência de fatores externos como condições climáticas, atrasos em voos etc, sobre os quais não se pode ter controle. Após a invenção da referida técnica, em boa medida, eliminou-se a necessidade, tanto desse deslocamento quanto da estrutura material que o processo exigia.

O mesmo se verifica nas áreas da medicina e da engenharia civil. No primeiro caso, nas universidades, graças à referida técnica, mesmo antes de se iniciarem no exercício prático da medicina, os futuros médicos têm condições de – por meio de simulações – virtualmente “experimentar” situações bastante próximas das experiências reais cotidianas.

No segundo caso, por meio da técnica 3D, virtualmente se reproduz o imóvel que ainda encontra-se em projeto, o que, entre outras coisas, permite que se calcule quase com exatidão, tanto a quantidade de material a se utilizar, quanto o tempo de execução da obra, como também possibilita que virtualmente se “adentre” ao imóvel, o que permite que se corrijam falhas de projeto, ou alterem-se elementos, com finalidade estética.

Hominescência é o termo com o qual Michel Serres designa a presente realidade informacional, em que as tecnologias proporcionam um novo modo de entender o mundo e as relações; o que, por seu turno, pressupõe um novo sujeito entendedor.

Este não é senão o hominescente, personagem representativo dessa nova subjetividade, fadada a constante e cada vez mais rapidamente readaptar-se às condições impostas pelas tecnologias.

Um *status quo* tecnológico, em que o ser humano – ainda que como consequência inescapável do progresso tecnológico – acaba alienando algumas de suas faculdades e habilidades à máquina; em que ciência e tecnologia mostram-se capazes de arbitrar sobre seu corpo, seu mundo, sua emergência – e até mesmo sobre sua morte.

As tecnologias acabam por evidenciar o conceito de mestiçagem, na medida em que – analogamente ao mestiço – o hominescente representa o sujeito transformado pela dinâmica do processo tecnológico; pela multiplicidade de possibilidades que as tecnologias – especialmente as comunicacionais – constantemente disponibilizam.

Independentemente das diferenças quantitativas e qualitativas, em algum aspecto e medida, tem-se a necessidade de uso de alguma forma de tecnologia. Dessa necessidade, por vezes surge uma visão triunfalista acerca das tecnologias – a que aqui se deliberou chamar de *tecnolatria*.

Ainda que justificadamente, por questões práticas em relação à vida cotidiana, o ser humano acaba por alienar algumas de suas faculdades e habilidades à máquina, o que pode conduzir a certa compulsão por tecnologias – por vezes consciente e apologizada – que aqui se definiu como *tecnocentrismo*. Em síntese: um inocente fascínio; ou uma deleitosa alienação.

3.5 Fixo e fluxo: do denotativo ao conotativo

Na tecnologia computacional, os termos *hardware* e *software* designam, respectivamente, o aparato tecnológico (equipamentos e acessórios), e as técnicas de programação. Em relação aos conceitos aqui trabalhados, ambos os termos correspondem ao duro e macio; ou, ao fixo e o fluxo, sendo este último, o conceito desenvolvido no livro *A lenda dos anjos*.

Enquanto que *hardware* e *software* são termos específicos da tecnologia computacional, fixo e fluxo, de modo análogo, aludem, respectivamente, ao

aparato tecnológico, e à mensagem, que é o elemento circulante do processo comunicacional.

Em relação à comunicação – à semelhança do tempo dobrado – o conceito de fixo e fluxo evidencia-se atemporal e, além disso, não se restringe à tecnologia comunicacional computacional. Fixo e fluxo é um conceito aplicável também às outras formas de tecnologias comunicacionais. Tais elementos não sempre existiram na comunicação. Mesmo nos primórdios da existência humana, o processo comunicacional implicava o fixo e o fluxo.

Conforme Gerson Dudus afirma (2003, p. 5):

Numa entrevista Serres afirma que sua obra está ligada às transformações na história do trabalho: a era dos “carregadores”, na revolução agrícola, representada por Atlas e Hércules; a era dos “transformadores”, na revolução industrial, representada por Vulcano e Prometeu; e, na revolução informacional (e uma revolução “pedagógica”, em grande parte por se realizar), a era dos “mensageiros”, anunciada por Hermes e pelos anjos que povoam as três religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo).

As referidas transformações por que passou o trabalho, ao longo da história, quiçá possam representar: a primeira, um período primitivo da existência, em que talvez o ser humano ainda não houvesse intuído a comunicação, em toda a sua grandeza e relevância, enquanto um fator social. Em termos comunicacionais, pode-se considerar essa primeira fase, aquela em que a oralidade constituía-se na principal forma de comunicação.

O segundo período, compreenderia o advento da escrita – cujo impacto à comunicação, imagina-se que haja sido igual ou maior que o do surgimento da oralidade – com a conseqüente invenção da imprensa tipográfica, e a invenção dos primeiros equipamentos comunicacionais mecânicos e eletromecânicos.

A terceira e última fase, nesse entendimento, tem início no século passado, especialmente a partir da segunda metade, com a invenção da televisão, a conquista do espaço, e todos os avanços daí decorrentes, culminando na atual realidade tecnológico-comunicacional. Note-se que o autor denomina esta última revolução de informacional, mas também de “pedagógica”.

O uso do termo entre aspas sugere uma acepção mais ampla. Mesmo porque, as transições históricas ali referidas, da agricultura à indústria, e desta às tecnologias digitais, são eventos históricos amplos e impactantes; o que justifica conceber o referido termo mais amplamente.

A religião, ali mencionada – que é um aspecto da cultura não formal – parece também corroborar essa ideia. Parece plausível crer que o autor esteja referindo-se ao processo histórico-evolutivo das relações humanas.

No processo comunicacional humano, sempre houve um “aparato” comunicacional – um fixo – em que se produzia e do qual partia a mensagem, que é o fluxo. Portanto, fixo e fluxo afiguram-se elementos inerentes à comunicação, independentemente das diferenças quantitativas e qualitativas entre épocas, no que concerne aos avanços científico-tecnológicos.

A cada contexto histórico-social corresponde uma realidade científico-tecnológica. Nessa perspectiva, o sinal de fumaça, a comunicação por percussão, entre outros exemplos, só são primitivos em face da presente realidade. À época de suas consecuições, tais meios comunicacionais afiguravam-se tão avançados, ou revolucionários, quanto os dispositivos tecnológicos hodiernos.

Em relação a isso, Milton Santos comenta (1996, p. 111):

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica.

Destaca-se a proporcionalidade entre as demandas da sociedade e as possibilidades das ciências, em dado contexto. Em épocas remotas, a comunicação simbólica pictográfica, por exemplo – as pinturas rupestres, os hieróglifos, e outras formas afins – representavam o fixo, a parte material do processo de comunicação.

Como não havia escrita, a mensagem deslocava-se, por meio dos indivíduos que a retransmitiam oralmente. A mensagem oral dependia do deslocamento do mensageiro até ao destinatário. Pode-se pensar no envio da própria mensagem pictografada na pedra, madeira etc.; mas ainda assim, o deslocamento do mensageiro seria imprescindível.

Por muito tempo após o surgimento da escrita e a posterior invenção da imprensa tipográfica, o processo comunicacional continuou a demandar um mensageiro – um Hermes – de cujo deslocamento físico dependia o envio da mensagem.

A partir do momento em que se conceberam os primeiros equipamentos comunicacionais eletromecânicos – como o telégrafo, o telefone, e o rádio, por exemplo – a comunicação começou a entrar em uma nova fase. Agora, as mensagens podiam ser transmitidas, em vez de enviadas pessoalmente, a longas distâncias (para os padrões da época) e, simultaneamente, a diversos lugares.

Não havia mais a necessidade de que o mensageiro se deslocasse. Este, juntamente ao equipamento, compunha o fixo, de onde se transmitia o fluxo, a mensagem.

Porém, se, por um lado, em todas as épocas, as tecnologias evidenciam o conceito de fixo e fluxo, em contrapartida, em face da presente realidade da virtualização informacional, ambos os elementos culminam em se conceberem mais conotativamente. O fixo de hoje adquire mobilidade, na medida em que se desloca.

Assim, um dispositivo tecnológico como um *tablet*, um *laptop*, um telefone celular etc., é fixo em sua singularidade, isto é, como um ponto independente, em que são produzidas ou geradas, e do qual são transmitidas as mensagens, ao mesmo tempo em que recebidas.

Porém, este ponto é móvel, desloca-se; já não é tão fixo, como os equipamentos de outrora. Apesar de se poder estar em movimento – em fluxo – quem quer que opere um dispositivo tecnológico, ao mesmo tempo, será “visto” pelo sistema – como um ponto fixo.

À mensagem ali produzida, não mais se impõem barreiras geográficas; esta se desdobra virtualmente em uma multiplicidade quase indizível de conexões.

O fluxo, por seu turno, a despeito de sua fluidez, tem a capacidade de fixar. Haja vista, que quando as tecnologias chegam a determinado lugar, este se fixa como um ponto comunicacional – um *site*. A conexão comunicacional, conquanto seja um fluxo, tem a capacidade de fixar o indivíduo.

O chip subcutâneo personifica a imbricação entre fixo e fluxo, pois, sendo um fixo, porta informações que são fluidas, mas que ao mesmo tempo fixam o indivíduo, em relação ao sistema, a despeito de este poder estar em movimento – em fluxo.

Em *A lenda dos anjos*, o conceito de fixo e fluxo representa-se, respectivamente, por meio das profissões dos dois protagonistas: uma médica e um supervisor de companhia aérea. Não parece afigurar-se um acaso, que *A Lenda dos Anjos* haja surgido na primeira metade da década de 1990; precisamente quando as tecnologias comunicacionais computacionais, especialmente a internet, começavam a popularizar-se em nível mundial.

O aeroporto representa bem as tecnologias comunicacionais. Ali se concentram os mais diversos meios comunicacionais; dos mais simples e primitivos aos mais complexos e sofisticados.

No primeiro caso, podem-se citar como exemplos, o sistema de sinalização de pista (geralmente linguagem simbólica manual, e com pequenas placas), e a linguagem simbólica de orientação de acesso ao, e de deslocamento no aeroporto; semelhantemente às pinturas rupestres, ou os hieróglifos, de que se falou.

No segundo caso, podem-se mencionar os radares via satélite, utilizados no controle do tráfego aéreo, e o sistema comunicacional, propriamente dito, de controle interno e externo do aeroporto.

Analogamente à metáfora da caixa-preta, em *Os cinco sentidos* (2001, p. 126), o mesmo processo parece ocorrer no avião. Por meio de seus dispositivos eletrônicos (radar, GPS, altímetro e outros instrumentos de medição), captam-se os fenômenos atmosféricos – vento, relâmpagos, chuva

etc – (o duro), que por seu turno, convertem-se em códigos linguísticos e algorítmicos (o macio), que permitem a orientação da aeronave e possibilitam informar aos passageiros, as condições do voo.

Ademais, de dentro de uma aeronave, ainda que com a atmosfera em condições visuais favoráveis, pouco ou nada se observa sem o uso de tais equipamentos. Mesmo em um helicóptero, cujas dimensões e altura de voo são bem menores, não é possível orientar-se pela visão natural; ao menos, não de modo preciso.

Acerca da presente realidade tecnológico-comunicacional Michel Serres afirma (1996, p. 163):

Um espaço atravessado de mensagens, o que há de mais luminoso? Observe o céu, mesmo aqui por cima da nossa cabeça, atravessado por aviões, satélites artificiais, ondas eletromagnéticas, de televisão, de rádio, de fax, de correio eletrônico. O mundo em nos banhamos é um espaço-tempo de comunicação. Por que não designá-lo como espaço dos anjos, dado que esta palavra significa os mensageiros, os conjuntos de fatores, de transmissões a passar ou o espaço das passagens?

É-se consciente da presente realidade tecnológica, usufruem-se os benefícios das tecnologias cotidianamente. Entretanto, nem sempre se reflete acerca dessas questões, de modo a evidenciar a amplitude tecnológica a que se chegou. Até o momento em que se deu a conquista do espaço, o ser humano convivia com as tecnologias, dentro do mesmo espaço.

Após a conquista do espaço, conceberam-se os satélites, as tecnologias foram expandidas ao espaço sideral, em decorrência do que se ampliaram, em escala sem precedentes, as possibilidades e potencialidades comunicacionais – e, por extensão, em relação a outros aspectos.

Com a fixação dos satélites e outros dispositivos no espaço, as tecnologias produziram o encurtamento do espaço – transcenderam-se as barreiras geográficas de outrora – e a aceleração do tempo – virtualmente, pode-se “estar” em vários lugares ao mesmo tempo, e em tempo real!

Disso decorre a otimização do movimento – a possibilidade de realizarem-se múltiplas operações, simultaneamente e a um só golpe, em um nível quase nulo de mobilidade; pois se pode estar em uma sala.

A essa realidade tecnológico-comunicacional, o autor chama de “espaço dos anjos”; não apenas em relação às mensagens dignas de compartilhamento em nível coletivo, como também de modo mais individualizado. Em algum aspecto e medida, participa-se do processo comunicacional, isto é, em relação às tecnologias, diariamente, contribui-se à povoação e à dinâmica daquele espaço de mensagens. Em certo sentido, é-se um anjo; ou, um mensageiro.

Metaforicamente o aeroporto talvez possa representar o processo de avanço científico-tecnológico da humanidade. Ali se concentram, desde equipamentos comunicacionais concebidos em épocas remotas da existência humana, como o barômetro e o anemômetro, às modernas tecnologias computacionais.

Outro elemento importante à comunicação – a linguagem – ali se faz manifesta, em variadas formas. Desde a linguagem simbólica visual, no caso das placas de orientação à circulação e ao acesso às dependências, em que se faz presente também a linguagem escrita, em alguns idiomas, à comunicação via tecnologia digital.

Quanto ao fato de haver optado pela adoção dos anjos como personagens conceituais, Michel Serres afirma (1985, p. 293):

Porque nosso universo está organizado em torno de messageirias e eles são mensageiros mais numerosos, complexos e refinados do que Hermes, único... . Cada anjo transporta uma ou várias relações; existem miríades delas e, a cada dia, inventamos mais milhares: faltanos uma filosofia dessas relações. Em vez de tecer redes de coisas ou seres, desenhamos entrelaçados de caminhos. Os anjos traçam permanentemente os mapas do nosso novo universo.

Tanto Hermes quanto os anjos personificam a atemporalidade, tanto do mensageiro quanto da mensagem. Da alusão de Serres à singularidade de Hermes, em contraponto à pluralidade dos anjos, infere-se que, enquanto o primeiro poderia representar os primórdios do processo de comunicação do ser humano, os segundos, em contrapartida, representariam a multiplicidade de possibilidades comunicacionais, que as tecnologias atuais disponibilizam.

O autor ainda estabelece outro contraponto, ao afirmar que, a despeito da constante invenção de novas relações (comunicacionais), ainda se carece de uma filosofia que as possa abarcar – o que parece destacar a filosofia da comunicação, em sua imprescindibilidade ao processo reflexivo acerca da comunicação.

Dito de outro modo, conquanto, no aspecto material – tanto em termos de possibilidades quanto de potencialidades – hajam-se auferido importantes avanços na comunicação, o mesmo talvez não se possa afirmar, em relação ao aspecto conceitual.

Ao destacar o conceito de mensagerias, com que Michel Serres trabalha em *A lenda dos anjos*, Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva afirmam (2015, p. 33):

Assim, temos diante de nós um primeiro conceito importante, as *Mensagerias*, ou seja, aquelas mensagens que seguem por e-mail, celular e outros aparatos tecnológicos que fazem desse um momento comunicacional. Porém, como visto antes, reduzem o conceito de comunicação apenas aos cânones sagrados.

Assim, quando os autores aludem ao reducionismo da comunicação aos cânones sagrados, talvez se possa inferir que a comunicação culmine em ser concebida apenas via tecnologias, devido à capacidade destas, tanto em termos de possibilidades quanto de potencialidades.

Desenvolve-se uma visão triunfalista das tecnologias comunicacionais, que estas acabam por ser concebidas, em si mesmas, como representando a própria comunicação; um injustificável reducionismo, que esconde o atributo mais inalienável da comunicação: o de vetor relacional-cultural; além de também desprezá-la como campo de conhecimento – como ciência.

Crê-se que haja muitos modos possíveis de se conceber a comunicação. Dentre estas possibilidades, neste trabalho, propõe-se concebê-la por uma perspectiva trina: como o vetor relacional-cultural; a área acadêmica formalmente falando, a ciência da comunicação; e a estrutura tecnológico-comunicacional – sintetizada pelo termo tecnologias.

3.6 Geração Polegarzinha – tecnologias: para que se as quer?

No livro *Polegarzinha*, não se desenvolve um conceito, no sentido específico. Em vez disso, visa-se a uma síntese do processo – das discussões aqui arroladas. Surgido em 2012, o livro permite inferir a existência de uma primeira geração totalmente nascida na realidade tecnológica da virtualização comunicacional. Estes, até para fazer jus a essa condição – parecem levar uma ligeira vantagem. Não vivem com as tecnologias, mas se inserem nelas.

O livro inspira-se na geração de estudantes, alunos e alunas, em relação à sua habilidade com os dedos – especialmente os polegares, o que justifica seu título – no manuseio dos *smartphones*. *Polegarzinha* destaca um momento que talvez possa ser classificado como um encontro da tradição com a inovação. O crescente e ininterrupto avanço das tecnologias significa um desafio às gerações mais velhas: a necessidade de rápida e constante readequação às exigências quanto ao domínio de tecnologias. Verifica-se, por assim dizer, um “choque” entre gerações; entre processos comunicacionais antigos e o atual processo de comunicação virtualizada.

No livro *Polegarzinha*, essa questão é tratada, da perspectiva da educação e do conhecimento. Entretanto, o choque entre a tradição e a inovação aplica-se, em igual medida, à questão das relações comunicacionais. A nova geração tecnológica tem uma nova forma de se comunicar, tanto no que concerne aos meios, quanto em relação às linguagens que utiliza e os modos de produção da comunicação. Assim, como síntese aos aspectos aqui discutidos em relação à comunicação, a obra *Polegarzinha* pode indicar a consagração, ou, a efetivação do processo de virtualização da comunicação, após uma geração do surgimento das tecnologias comunicacionais computacionais.

As tecnologias também se afiguram excludentes. Não possuir dispositivos tecnológicos, e/ou não ter acesso às possibilidades de conexão significa uma quase exclusão do processo comunicacional. O inverso corrobora-se igualmente verdadeiro, isto é, a posse de dispositivos e o acesso às redes comunicacionais contribuem à inclusão social do indivíduo; ou, constitui-se no que se pode chamar de capital sociocultural-comunicacional.

Steven Brown ilustra metaforicamente essa questão (2002, p. 21):

Considere uma partida de *rugby*. Os jogadores orientam-se ao redor da bola, o referencial. Eles agem em relação ao referencial, que se assemelha a um pequeno sol ao redor do qual os jogadores orbitam. Os jogadores tornam-se quase extensões do referencial – seus atributos. Eles são os meios pelos quais aquele passa, seus movimentos objetivam unicamente manter o jogo, passar o referencial entre si. Ao fazer isso, o referencial tece o coletivo. O que significa dizer que as relações entre os jogadores definem-se com base em como eles se posicionam em relação ao referencial. É o movimento do referencial que define as relações. [...] 5

Em relação às tecnologias, na ilustração acima, o referencial – a bola – representa, tanto o dispositivo eletrônico, em si mesmo, quanto, e principalmente, a inserção do indivíduo no universo das redes. Semelhantemente ao *rugby*, ou qualquer outro esporte com bola, sem esta, o jogador inexistente; só se está no jogo, com a bola.

O referencial é o que tece as relações entre os jogadores. O mesmo se dá nas relações comunicacionais mediadas pelas tecnologias, em que tanto o dispositivo quanto os aplicativos – os referenciais – desempenham papel preponderante no processo. Sem estes, impossibilita-se à comunicação.

Aliado a isso, em face da presente realidade informacional, reconhece-se a necessidade do uso de tecnologias. Ninguém há que possa declarar-se alheio – nem mesmo os mais antagonistas, ou menos entusiastas das tecnologias – à necessidade de uso de algum tipo de tecnologia na vida cotidiana prática, em algum aspecto e medida. Assim, faz-se oportuna a indagação: tecnologias, para que se as quer?

5 Consider a game of rugby. The players are oriented around the ball, the token. They act in relation to the token, which is like a little sun around which the players orbit. The players become almost extensions of the token – its attributes. They are the means by which it passes; their movements have the sole aim of maintaining the play, of passing the token between one another. In so doing the token weaves the collective. Which is to say that the relationships between the players are defined by how they position themselves with regard to the token. It is the movement of the token that defines their relations. [...].

3.7 Comunicação: uma perspectiva trina

Não se pode negar, que na presente era da informação, as tecnologias desempenham um papel social preponderante. Concomitantemente aos avanços das tecnologias comunicacionais – e, por extensão, das demais tecnologias – alteram-se as relações do ser humano com a natureza, com seu semelhante, e até consigo mesmo.

Nesse processo, as tecnologias, tanto geram demandas que obrigam o ser humano a se reinventar constante e rapidamente, quanto proporcionam uma nova concepção acerca do mundo. Se há uma nova concepção de mundo, o sujeito desse novo entendimento faz-se também outro, a quem Serres chama hominescente.

Um intelectual cuja posição teórica parece afinar-se com a posição de Michel Serres quanto à relação humano/tecnologias é Luis Mauro Sá Martino, conforme se pode inferir de seu comentário (2014, p. 9):

Se sua articulação com o cotidiano atinge um nível muito alto, a própria vida se transforma. Não por conta da mídia em si, mas pelas relações humanas ligadas a elas. (...) as relações entre seres humanos conectados por mídias digitais, em um processo responsável por alterar o que se entende por política, arte, economia, cultura. E também a maneira como o ser humano entende a si mesmo, seus relacionamentos, problemas e limitações. As mídias digitais e o ambiente criado a partir de suas conexões estão articulados com a vida humana – no que ela tem de mais sublime e mais complexo. É quase um exercício de imaginação pensar o cotidiano sem a presença das mídias digitais.

Martino inicia por destacar as tecnologias como potenciais fatores de transformação da vida. Conquanto se admita que nem todos os indivíduos sejam igualmente afetados pelas mídias, isto é, admitidas as diferenças quantitativas e qualitativas em relação à “dependência” do uso de tecnologias, em contrapartida, estas são inescapáveis.

Destaca-se também, que as tecnologias afetam os aspectos sociais e, em decorrência, o ser humano culmina em afetar-se, em relação a si mesmo, e a seus enfrentamentos. Martino finaliza o comentário, sugerindo a “dificuldade” de se conceber o mundo sem as tecnologias.

O hominescente não é senão o corolário antropológico da evolução que, em Serres, vai da era primitiva em que as ferramentas eram meras extensões do corpo, passando pela domesticação da natureza – a cultura – e chegando à época presente, em que o ser humano chega a alienar algumas de suas faculdades à máquina; em que a ciência e a tecnologia alteram seu corpo, dão forma ao seu mundo, arbitram acerca de sua emergência – de sua morte.

Michel Serres tece um comentário que sintetiza essa ideia (2007, p. 54):

Sim, as novas tecnologias mudam tudo, tanto os corpos quanto a paisagem cognitiva. A ciência contemporânea não teria emergido sem elas. Uma autêntica ruptura separa o homem de ontem à noite e este que os lugares, as relações e as realidades virtuais modelam hoje de manhã. *Hominescências* dá a esse recém-chegado o nome de “homem sem faculdades”. Nós vivemos um momento renascente, munidos de outros suportes; eu ia dizer outros órgãos.

Não parece sugestivo, tampouco justificável, uma exacerbada louvação às tecnologias, em que pesem seus inegáveis benefícios; chegar a admitir as máquinas como capazes de “substituir” o elemento humano. Esta mudança de concepção, talvez seja o aspecto mais pernicioso em relação às tecnologias. E não são poucos os que assim pensam.

Suficiente se faz saber (e lembrar) que por trás da máquina, está o ser humano. As tecnologias não se constituem, senão na ampliação espaço-temporal das potencialidades e possibilidades humanas, cujo uso faz-se imprescindível, em muitas esferas da vida em sociedade.

Em aparente oposição a essa perspectiva um pouco mais materialista em relação à comunicação, José Luis Braga afirma (2011, p. 66):

[...] o objeto da comunicação não pode ser apreendido enquanto ‘coisas’ nem ‘temas’, mas sim como certos tipos de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional – nosso esforço é o de perceber processos sociais em geral pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno. Que se busque capturar tais processos e suas características nas mídias, na atualidade, nos signos, em episódios interacionais – não faz tanta diferença. O relevante é que nossas conjecturas sejam postas a teste por sua capacidade para desvelar e explicitar os processos que, de um modo ou de outro, resultem em distinção crescentemente clara sobre o que se pretenda caracterizar como ‘fenômeno comunicacional’.

À parte as tecnologias, dentro da perspectiva que aqui se propõe, ainda restariam dois aspectos, por meio dos quais a comunicação poderia ser concebida: o vetor das relações humanas, e a área científica. Como fenômeno, a comunicação parece convergir a si mesma, pois, à ciência da comunicação cabe entender a si própria, como o dito vetor. Nessa perspectiva, faz-se oportuno indagá-la conceitualmente.

Para tanto, toma-se aqui o artigo de Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva, cujo título, *Em busca de um conceito de comunicação*, em si mesmo, já suscita ao menos duas indagações. A primeira seria: busca-se algo inédito, isto é, ainda não se formulou um conceito, ao menos satisfatório, que dê conta de abarcar, mesmo que parcialmente, a comunicação e os aspectos a ela relacionados?

Acerca dessa questão, os referidos intelectuais afirmam (2015, p. 28):

É evidente a busca da Comunicação por sua autonomia como ciência, como área de estudos e produção de conhecimento, embora seja impossível negar o caráter interdisciplinar da comunicação, o que significa que, por mais autônoma que ela possa se tornar como disciplina, não poderá se desvincular por completo de outras áreas. A começar pelo fato de que seus teóricos mais conhecidos e utilizados vêm de áreas distintas, especialmente das Ciências Sociais, da Filosofia, da Antropologia e da Semiótica.

A assertiva não apenas corrobora que a Comunicação não está em busca de algo inédito, mas sim, que busca autonomizar-se mais consistentemente como ciência, como também evidencia – por destacar seu caráter interdisciplinar – a simbiótica relação desta com as demais áreas científicas. Portanto, à primeira indagação, a resposta seria não. Não se busca algo inédito, pois, bem ou mal, a comunicação já se constituiu como área científica.

A segunda indagação seria: cogita-se a ampliação, por pressupor que os vários conceitos de comunicação que até então se estabeleceram, não mais satisfaçam às demandas conceituais da presente era, em que as tecnologias afiguram-se capazes de encurtar o espaço e acelerar o tempo, destarte otimizando o movimento?

A resposta a esta indagação seria: sim. Necessita-se ampliar a compreensão conceitual da comunicação, pois não se pode e não se admite “ficar para trás” em relação à comunicação como conceito, em oposição ao vertiginoso progresso desta em termos de materialidade.

O artigo apresenta as perspectivas teóricas de três intelectuais – Vilém Flusser, Ciro Marcondes Filho, e Michel Serres – por meio das quais se pode conceitualmente sintetizar os três aspectos pelos quais aqui se propõe conceber a comunicação: por meio das tecnologias, como área científica, e como o vetor relacional-cultural do ser humano.

Vilém Flusser (2007, p. 89) afirma: “[...] os homens comunicam-se uns com os outros de maneira não natural”. Acerca dessa posição teórica, no referido artigo, seus autores comentam (2015, p. 30):

Para Flusser a comunicação humana é um processo artificial. Trata-se de um fenômeno constituído de artifícios, de descobertas, de ferramentas, de instrumentos. Símbolos são organizados em códigos que procuram fazer com que o homem se esqueça, ainda que temporariamente, da sua condição inescapável de ser mortal.

O comentário relaciona-se ao conceito de duro e macio, de Michel Serres. Os termos artifícios, ferramentas e instrumentos referem-se à materialidade do processo comunicacional – o duro.

Na mesma medida, por códigos, entende-se a transformação da realidade objetiva (a natureza e as coisas) em signos linguísticos e algorítmicos – o macio. Portanto, a perspectiva de Flusser, talvez represente a comunicação, por meio das tecnologias.

Conforme ali também se destaca (2015, p. 28), em relação à comunicação, Ciro Marcondes afirma (2008, p. 52):

Ela é um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores (sociais, históricos, subjetivos, temporais, culturais)..., permitindo que se realize, a partir dela, algo novo entre os participantes do ato comunicativo, algo que não possuíam antes e que altera seu estatuto anterior.

Na visão de Ciro Marcondes Filho, a comunicação pressupõe-se um ato de transformação. Sua perspectiva parece articular a comunicação ao conhecimento, pois que este, no universo intelectual, e até no senso comum, postula-se – *ipso facto* – como transformador. Assim, por relacionar conceitualmente a comunicação ao conhecimento, acredita-se que sua perspectiva possa representar a comunicação como área acadêmica.

Michel Serres destaca-se por sua perspectiva desviante, assim destacada no referido artigo (2015, p. 33):

Tudo isso nos indica que Serres não trabalha com o fixo, o rígido, o sólido, mas ao contrário, com os fluxos, o flexível, o mole no seu fazer filosófico e, a comunicação por ele entendida e refletida, segue esse caminho através das Mensageiras, dos cinco sentidos na comunicação da sociedade [dita] comunicacional.

A perspectiva de Serres parece sintetizar os aspectos pelos quais aqui se propõe conceber a comunicação. Quando ali se alude ao fazer filosófico que entende e reflete, evoca-se a filosofia da comunicação, que pode representá-la como área acadêmica. Os fluxos e as Mensagerias representam as tecnologias.

A menção dos cinco sentidos remete ao corpo – um elemento recorrente à obra de Serres – que pode representar a comunicação, como o vetor relacional-cultural do ser humano. Ainda no que alude ao aspecto conceitual da comunicação – da ampliação deste – em relação ao aspecto material, o sociólogo francês Dominique Wolton afirma (2004, p. 74-75):

A comunicação não é nem uma disciplina nem uma teoria, mas sim uma encruzilhada teórica; vimos que se constrói no cruzamento de uma dezena de disciplinas, o que explica uma dificuldade intelectual evidente... . (...) Numa palavra, trabalhar a partir de um ponto de vista teórico sobre a comunicação não consiste tanto em retomar, para louvá-lo ou para criticá-lo, o discurso dos agentes, como em construir objetos de conhecimento, tal como se faz, desde sempre, em todos os aspectos da realidade. (...) É construindo a autonomia intelectual deste campo de investigação, criando instrumentos teóricos, conceitos..., que conseguiremos escapar a esta “tirania da comunicação”. (...) A produção de conhecimentos interdisciplinares é, sem dúvida, o único contrapeso à influência crescente, na realidade e nos espíritos, das técnicas de comunicação e dos interesses económicos que as movem.

Wolton não apenas destaca que a interdisciplinaridade seja o fator justificante à dificuldade intelectual de se atualizar o conceito de comunicação, como também esclarece que olhar a comunicação por uma perspectiva teórica consiste muito menos em repisar antigas teorias – em louvor ou em crítica – do que em construir o conhecimento, tal como é praxe em outros domínios.

O autor também afirma que a autonomização da área da comunicação, no sentido de ampliar-se teórico-conceitualmente, constitui-se no fator determinante à solução desta – na falta de um termo mais adequado – defasagem teórica; e reputa a interdisciplinaridade como o contraponto à influência exercida tanto pelas técnicas comunicacionais, quanto pela economia.

Em termos simples – até para fazer jus ao “contrapeso” do autor – a comunicação há de robustecer-se no aspecto conceitual, para melhor equilibrar a balança teórica, em relação ao material.

A problemática da conceituação corrobora-se um fator unívoco, em relação às áreas científicas. Ou seja, não apenas à comunicação, mas a muitas outras ciências, atribui-se a tarefa de constituírem-se conceitualmente.

Assim, não especificamente em relação à comunicação, mas de forma mais genérica, no que alude à elaboração conceitual, faz-se sugestivo o comentário de Luis Mauro Sá Martino (2014, p. 235):

As teorias, assim como os conceitos, têm uma história. Não foram criados da noite para o dia, mas, em geral, em longos processos de elaboração pelos autores. Em seguida, são discutidos e comentados por outros pesquisadores de uma área. Refazer essa trajetória ajuda a conhecer a história de um conceito, entender como ganhou os contornos atuais e quais são suas ideias básicas.

O autor começa por destacar a maturidade que um conceito demanda para estabelecer-se, ao afirmar as teorias e os conceitos, como corolários de “... longos processos de elaboração”; o que parece pressupor a agregação – em alguma medida – de conhecimentos representativos de diferentes momentos na história das ciências. Assim, a construção conceitual articula-se a um dos conceitos aqui trabalhados: o tempo dobrado.

A menção aos comentários e às discussões por parte de outros intelectuais parece destacar a interdisciplinaridade como um fator inescapável. Por sugerir que se refaça a trajetória do conceito – para conhecê-lo historicamente – Martino parece indicar que esse mesmo refazimento seja um caminho pelo qual se chegue à elaboração do próprio conceito em questão. Por outros termos, em uma relação aparentemente reversa, do refazimento histórico de determinado conceito depende – em algum aspecto e medida – a sua própria (re) elaboração.

Embora abordando a questão por uma perspectiva um pouco diferente, Ciro Marcondes Filho parece partilhar a mesma posição teórica de Wolton e de Martino, em relação à atualização conceitual da comunicação, conforme se pode inferir de seu comentário (2014, p. 7):

A área da comunicação precisa ser repensada neste país. Desde que as discussões, os estudos, os trabalhos acadêmicos e as publicações começaram a se desenvolver em escala galopante, especialmente a partir dos anos 70 do século XX, a área caminhou de forma mais ou menos acidental, tropeçando em conceitos mal digeridos... Os meios de comunicação chegaram ocupando todos os espaços e todas as discussões. O desenvolvimento da técnica não esperou que a inteligência dos estudiosos conseguisse apresentar uma reflexão paralela, sincrônica, que desse conta da necessidade de contínua atualização; pelo contrário, foi-se expandindo exponencialmente enquanto a prática universitária e intelectual só podia acompanhar tardiamente seus resultados.

A defasagem de tempo ali mencionada, entre o vertiginoso progresso material e o lento desenvolvimento conceitual, afina-se à posição de Martino destacada acima, em relação ao longo tempo que um conceito demanda para estabelecer-se. A assertiva tanto ratifica a ideia da importância da comunicação como conceito, quanto a destaca como área científica, a quem cabe entender a si mesma, como aquele vetor relacional-cultural – especialmente na presente realidade tecnológico-comunicacional.

No primeiro caso, conforme afirma Luis Mauro Sá Martino (2010, p. 17, apud José Marques de Melo): “Parece existir certa dificuldade em reconhecer a comunicação como “um campo do conhecimento possuidor de contornos próprios, voltado para a produção, difusão e consumo de bens simbólicos””.

Em relação ao segundo aspecto, o comentário conclusivo de Paulo Celso da Silva e Míriam Cristina Carlos da Silva parece ilustrar bem a ideia (2015, p. 35):

[...] buscamos a comunicação como evento transformador, único, irrepetível, no qual entre em jogo também a inserção da subjetividade e da intuição. [...] a comunicação é a essência da própria vida.

A assertiva afigura-se muito menos um idealismo utópico, do que parece traduzir-se em um anseio exequível. Mesmo porque, a menção a uma busca pressupõe algo possível, o que equivale a destacar a comunicação, como potencialmente transformadora. Mas sua efetivação como esse evento transformador – uma vez que por trás do fenômeno da comunicação está o ser humano – faz-se tributária do aspecto ético.

Quanto a uma possível justificativa à necessidade de se atualizar o conceito de comunicação, Francisco Rüdiger afirma (2011, p. 31):

A comunicação não é uma entidade capaz de nos falar de maneira direta: constitui um campo de estudos cujo conceito precisa ser construído de maneira teórica, desde que passamos a postular sua pertinência como campo autônomo de conhecimento. Em outros termos, não podemos pesquisar empiricamente a resposta à pergunta sobre o que em realidade é comunicação, sem um conjunto de pressuposições teóricas que defina antes os limites deste campo de pesquisa.

O autor destaca que postular a autonomia da comunicação constitui-se na justificativa à sua construção teórico-conceitual. Ainda em relação a isso, José Luiz Braga (2011, p. 72) afirma que, àqueles que buscam definir a comunicação epistemologicamente, atribui-se a tarefa de “desentranhar o comunicacional”, que ele assim define:

Desentranhar o comunicacional não corresponde a definir um “território” à parte, nem temas, objetos ou métodos que nos sejam exclusivos, mas sim desenvolver perguntas e hipóteses para além das que já são feitas pelas demais CHS (Ciências Humanas e Sociais) – que não as farão, porque isso ultrapassaria seu âmbito de interesse e as lógicas de seu campo de conhecimento.

A assertiva de Braga não apenas destaca que buscar pela autonomia não significa isolar-se das demais disciplinas, em relação aos objetos de estudo e às metodologias, como também afirma que, à própria comunicação atribui-se formular novas perguntas e hipóteses, das quais depende sua atualização conceitual e, conseqüentemente, sua autonomização como ciência – corroborando o que se afirmou acerca da responsabilidade da ciência da comunicação, de entender a si mesma.

No que concerne ao possível corolário do processo comunicacional, à luz de todas as possibilidades das tecnologias, e pautado por parâmetros éticos, a assertiva de Michel Serres parece esclarecedora (1985, p. 294):

[...] como é possível um mundo que tende ao angelismo com seus fluxos e mensagens, cujos distribuidores ou Querubins universalizam a mensageiria, e que deveria resultar, por isso mesmo, na igualização, na perequação, numa mistura ao mesmo tempo homogênea e altamente diferenciada e, portanto, na equidade, redundar, ao contrário, em mais bestialidade, mais falsos deuses e ódio diabólico, na constituição de escalas de poder e dominação, mais destruidoras, em injustiça ainda mais cruel que todos os seus predecessores? Eis, sem dúvida, como se apresenta, hoje, o problema do mal.

O comentário de Serres talvez possa reputar-se como uma síntese à comunicação, nos três aspectos em que aqui se propõem concebê-la: o vetor relacional humano, a área acadêmica e por meio das tecnologias.

Por mencionar a universalização das mensagens e o desejável resultado, em termos de equanimidade, o autor não está senão destacando a comunicação, como aquele vetor relacional-cultural, inerente à existência humana.

À área acadêmica da comunicação – de modo especial, mas não apenas, à filosofia da comunicação – cabe a responsabilidade pela reflexão e conseqüente pronunciamento e ação acerca do referido processo. Portanto, ao se debruçar à reflexão sobre a comunicação, e levantar o questionamento, Michel Serres não faz outra coisa, senão evidenciar a comunicação como ciência à qual cabe a tarefa de entender-se como o referido vetor – ou seja, (re) conceituar-se.

Da menção aos fluxos e mensagens, mais que inferir as tecnologias como representativas da comunicação, infere-se também uma crítica ao processo comunicacional; à culminância deste, à luz da presente realidade tecnológica.

Note-se que praticamente todo o comentário constitui-se em uma pergunta que evidencia a indignação em face da paradoxal realidade em que as tecnologias, ao contrário do que se esperaria, não redundaram na promoção de uma sociedade melhor, em qualquer aspecto. Ao contrário, em uma palavra, produziu-se ainda mais injustiça.

Vista por essa perspectiva trina, como vetor relacional-cultural, a comunicação corrobora-se inescapável – evidencia-se em sua univocidade, e em sua ubiquidade. Como ciência, além de auferir mais autonomia, cabe-lhe a tarefa de entender-se, como o dito vetor relacional-cultural – isto é, (re) conceituar-se. Em relação às tecnologias, faz-se tributária, quanto às suas possibilidades e potencialidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como autor de base o filósofo francês Michel Serres, e com uma ampla bibliografia que inclui também trabalhos de outros intelectuais, brasileiros e estrangeiros, entre livros, artigos, e pesquisas acadêmicas, esta dissertação centrou-se, principalmente, em cinco obras do referido filósofo: *Hermes – uma filosofia das ciências*; *Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados*; *Filosofia Mestiça, ou, O terceiro instruído*; *A Lenda dos Anjos*; e *Polegarzinha – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*.

Das quatro primeiras, destacaram-se, respectivamente, os conceitos de: tempo dobrado; duro e macio; mestiçagem; e, fixo e fluxo. Com a última das referidas obras, buscou-se uma síntese ao processo.

Na filosofia de Michel Serres, o corpo afigura-se um elemento de fundamental relevância e que, portanto, faz-se recorrente em suas obras – sobretudo, em relação à comunicação. Mesmo porque, não há que se falar em comunicação, sem necessariamente aludir aos sentidos – e de modo especial, no pensamento de Serres.

No universo acadêmico – especialmente filosófico – entre outros atributos, Michel Serres reputa-se como um pensador acrítico, cuja perspectiva filosófica caracteriza-se, em uma palavra, pelo *desvio* – o que o torna também insuscetível a classificar-se dentro de uma linha específica de pensamento.

Em oposição aos parâmetros de rigidez, estabilidade, regularidade e singularidade, pelos quais até então as ciências hão-se orientado, e sobre os quais se hão sustentado, Serres preconiza a flexibilidade, a fluidez, o desvio, a raridade.

Muito menos em detrimento, e muito mais em enriquecimento àqueles parâmetros, crê-se que a perspectiva desviante – controvertida – de Michel Serres, além de constituir-se em uma possibilidade à inovação – o que a faz também potencialmente revolucionária – em boa medida, valorize a filosofia da comunicação, por postulá-la como uma espécie de abertura reflexiva perene às discussões acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados.

Não se pode negar a amplitude e a relevância da comunicação. Se, analisar determinado elemento implica defini-lo, em se tratando da comunicação, esta se constitui em uma tarefa, se não inglória, no mínimo árdua.

A inexcedível amplitude da comunicação pode justificar, tanto sua importância como elemento estruturante das relações em sociedade, quanto a aparente dificuldade em auferir sua autonomia como área científica – o que inclui também, (re) atualizar-se conceitualmente.

Por outros termos, a multiplicidade de conceitos de comunicação que se têm formulado afigura-se perfeitamente compatível à amplitude e relevância que ela se arroga.

Nessa perspectiva, em relação à tentativa de ampliar o escopo conceitual da comunicação, pode-se conceber a filosofia de Michel Serres, como uma possível *teoria da comunicação*, em que o dualismo unidade/multiplicidade não se afigura um problema.

Ao contrário, tem-se a multiplicidade como um elemento *a priori*, do qual se parte em busca da unidade – ainda que momentânea, a depender do aspecto que se investigue ou sobre o qual se discuta.

Neste trabalho, propôs-se conceber a comunicação, de uma perspectiva trina, a saber: como o vetor relacional-cultural do ser humano, o fenômeno da comunicação, enquanto manifesto; como área acadêmica, a ciência da comunicação; e, em boa medida, pelas tecnologias, que se corroboram imprescindíveis ao processo comunicacional – conquanto, em si mesmas, não encerrem a comunicação.

Como o referido vetor, a comunicação corrobora-se ubíqua e unívoca, perpassando todas as relações (culturais, sociais, políticas, econômicas etc). Ninguém há que possa declarar-se alheio a ela; a comunicação é o amálgama existencial. Entendida de modo mais amplo – isto é, não se restringindo à relação homem/natureza – crê-se que a cultura possa sintetizar as referidas relações. Daí postular a comunicação, como o vetor relacional-cultural.

Como campo científico – sobretudo, mas não unicamente, por meio da filosofia da comunicação – cabe à comunicação, além de buscar sua autonomia como ciência, entender-se como o dito vetor, tanto no que concerne à sua conceituação, quanto à sua relação com a cultura.

Entendidas no sentido mais amplo que o termo se permite – e em proporção às condições materiais que os diferentes contextos, ao longo da história, hão permitido (Santos, 1996) – as tecnologias sempre se fizeram presentes ao processo comunicacional; das técnicas rudimentares do passado, à realidade hodierna da virtualização.

Portanto, em boa medida, a comunicação faz-se representar também por meio das tecnologias; especialmente em face da presente realidade informacional.

Crê-se que sejam precisamente aqueles atributos desviantes da perspectiva filosófica de Serres, aos quais há pouco se referiu, que permitem e sustentam que de sua filosofia, possa-se inferir a comunicação – ainda que com certa dose de idealismo – não meramente de um ponto de vista utilitarista ou pragmático, mas – analogamente ao modo como se propôs concebê-la – de uma perspectiva igualmente trina: como um processo dialógico, transformador e inventivo.

Como vetor relacional-cultural inerente à existência humana – seu atributo inalienável – a comunicação pressupõe-se necessariamente dialógica; no sentido de seu potencial de harmonia, de consenso, para que assim, possa constituir-se em um fator de transformação. Uma comunicação unilateral, impositiva, não se pode fazer transformadora.

No universo acadêmico, e até no senso comum, o conhecimento corrobora-se – *ipso facto* – um elemento transformador. Na qualidade de ciência, campo de conhecimento, à comunicação atribui-se a tarefa de fomentar, produzir e disseminar o conhecimento. Destarte, a ciência da comunicação representaria o aspecto transformador da comunicação.

Conforme o postulado teórico de Michel Serres, com o qual concordam os intelectuais que com ele aqui dialogam, as tecnologias provam-se capazes de estimular a inventividade. Portanto, sendo as tecnologias dignas de, em certa medida, representar a comunicação, isso equivale a dizer, que elas podem representar o lado inventivo da comunicação.

Por outros termos, para justificar-se como vetor relacional-cultural, e constituir-se em um elemento verdadeiramente transformador, a comunicação há de pressupor-se necessariamente dialógica.

Como ciência, cabe-lhe a respectiva parcela no fomento, na produção e na disseminação de conhecimento – o que permite que se a repete como agente transformador da sociedade.

Conquanto constituam-se elas próprias, produto material e conceitual da inventividade humana, em uma relação aparentemente reversa, por libertar a mente humana da obrigação de armazenar informações, conforme afirma Michel Serres, as tecnologias culminam por converterem-se em potenciais estimuladores dessa mesma inventividade – e, para Michel Serres, e com ele se vai concordar, a invenção é o único ato de comprovada inteligência.

De uma comunicação dialógica, transformadora, e inventiva, crê-se plausível esperar como corolário, uma sociedade mais justa e digna, em todos os aspectos.

Não obstante a incipiência do conhecimento que se tem acerca da comunicação, está-se disposto a crer que, em alguma medida, atingiram-se os objetivos almejados, quais sejam: ampliar a compreensão conceitual acerca da comunicação; melhor entender sua relação com a cultura; e reconhecer a filosofia da comunicação, como instância garantidora de perene reflexão acerca da comunicação e de aspectos a ela relacionados – em nosso ver, estes se constituem nos fatores que justificam a relevância da pesquisa.

Entretanto, reconhece-se que, em proporção às suas inextinguíveis amplitude e relevância, a comunicação – independentemente da perspectiva pela qual se a analise, e do objetivo que se almeje – corrobora-se inesgotável.

Portanto, não se insinua aqui qualquer encerramento de discussões acerca da comunicação, ou de quaisquer aspectos rentes a ela. Este trabalho não se pretende senão uma contribuição, em algum aspecto e medida, ainda que infimamente, ao amplo universo que já existe de pesquisas sobre comunicação.

Deseja-se que, em algum momento futuro, as questões aqui levantadas e discutidas possam ser apropriadas e resignificadas, por outros pesquisadores que venham a debruçar-se sobre a pesquisa em comunicação, sobretudo no aspecto teórico – independentemente da temática escolhida, e do(s) objetivo(s) almejados.

Tendo em mente esses entendimentos, em última análise, é-se inescapável e deleitosamente impelido a aguardar com interesse e a acatar as necessárias palavras críticas, imprescindíveis ao aprimoramento do senso crítico e da autonomia intelectual. Isto posto, anseia-se por recebê-las.

REFERÊNCIAS

- BARNOUW, E. **International Encyclopaedia of Communications**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRAGA, J. L. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo: v. 25, n. 58, p. 62-77, Jan-Abr. 2011.
- BROWN, S. Science, translation and the logic of the parasite. **Theory, Culture & Society**, London: v. 19, n. 3, p. 1-27, 2002.
- CONNOR, S. Michel Serres's Les Cinq Sens. In: ABBAS, N. **Mapping Michel Serres**. Michigan: The University of Michigan Press, 2005.
- De BEER. C. S. Michel Serres' multidisciplinary philosophy of information and knowledge. **The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa**, Pretoria: v. 10 n. 1 p. 19-36, July 2014.
- DUDUS, G. **O Tempo dos Novos Anjos**. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/merayo-arturo-radio-imagens/dudus-gerson-anunciacao-tempo-novos-anjos.html>>. Acesso em: 16 Fev. 2017.
- FERRARA, L. D. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- INNIS, Harold. **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARCONDES FILHO, C. **Comunicação**: uma ciência anexata, contudo rigorosa. In: Said, G. (Org.). **Comunicação**: novo objeto, novas teorias? Teresina: EDUFPI, 2008. p. 51-65.
- MARCONDES FILHO, C. **Michel Serres e os cinco sentidos da comunicação**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/51413/55480>>. Acesso em: 16 Fev. 2017.
- MARCONDES FILHO C. (org.) **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. In: TEIXEIRA LIMA JR. W. e COELHO, C. N. P. (Orgs.). **Comunicação**: diálogos, processos e teorias. São Paulo: Plêiade, 2010. p. 15-37.

Martino L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MORTLEY, R. **Chapter III. Michel Serres**. 1991. Disponível em <http://epublications.bond.edu.au/french_philosophers/4>. Acesso em: 16 Fev. 2017.

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTOS, M. E. E. dos. **A Multiplicidade como teoria da comunicação na filosofia de Michel Serres e suas contribuições para o pensamento em educação**. 2016. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2016.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERRES, M. **A Grande Narrativa do Humanismo**: um Conto Iniciático. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

SERRES, M. **A lenda dos Anjos**. São Paulo: Aleph, 1985.

SERRES, M. **Atlas**. Barcelona/ES: Teorema, 1994.

SERRES, M. **Diálogo sobre a Ciência a Cultura e o Tempo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SERRES, M. **Hermes**: uma filosofia das ciências. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SERRES, M. **Hominescências** - o começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SERRES, M. **Hominescências** – o começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Resenha de: SOUZA, R. L. Disponível em <<http://cantodetextosepalavras.blogspot.com.br>>. Acesso em: 16 Fev. 2017.

SERRES, M. **Júlio Verne**: a ciência e o homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, M. **O terceiro Instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SERRES, M. **Polegarzinha** – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SERRES, M. **The Parasite**. Baltimore: United States: The Johns Hopkins University Press, 1982.

SILVA, P. C. da e SILVA, M. C. C. **Em busca de um conceito de comunicação**. Disponível em: <<http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/470/271>> Acesso em: 16 Fev. 2017.

WOLTON D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

WOLTON D. **Pensar a comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

Obras de Michel Serres

SERRES, M. **A Grande Narrativa do Humanismo**: um Conto Iniciático. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

SERRES, M. **A guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SERRES, M. **A lenda dos Anjos**. São Paulo: Aleph, 1985.

SERRES, M. **Atlas**. Barcelona/ES: Teorema, 1994.

SERRES, M. **Diálogo sobre a Ciência a Cultura e o Tempo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SERRES, M. **Genesis**. Michigan: The University of Michigan Press, 1995.

SERRES, M. **Hermes**: uma filosofia das ciências. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SERRES, M. **Hominescências** - o começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SERRES, M. **Júlio Verne**: a Ciência e o Homem Contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SERRES M. **Luzes**: cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

SERRES, M. **Notícias Do Mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, M. **O contrato Natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SERRES, M. **O Incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SERRES, M. **O Livro da Medicina**: o Dicionário da Medicina Hoje. Lisboa/Portugal: Piaget, 2004.

SERRES, M. **O Mal Limpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SERRES, M. **O nascimento da física no texto de Lucrecio**. São Carlos: ed. UNESP, 2003.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.

SERRES, M. **O terceiro Instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SERRES, M. **Polegarzinha** – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SERRES, M. **Ramos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SERRES, M. **The Parasite**. Baltimore, Estados Unidos: The Johns Hopkins University Press, 1982.

SERRES, M. **Variaciones sobre el cuerpo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

GLOSSÁRIO

A priori – Diz-se de conhecimento anterior à experiência, ou que esta não pode explicar.

Arlequim – personagem da *commedia dell'arte* – forma de teatro popular que aparece no século XV, na Itália, e se desenvolve posteriormente na França, permanecendo até o século XVIII, quando da reforma goldoniana da comédia. Seu traje era feito de retalhos multicoloridos.

Atlas – também chamado Atlante, na mitologia grega, é um dos titãs condenado por Zeus a sustentar o mundo para sempre.

Comunicação – neste trabalho, entende-se a comunicação, como o vetor que perpassa todas as relações interacionais entre os seres humanos, independentemente da natureza destas, do ponto de vista teleológico.

Duro e macio – conceito desenvolvido por Michel Serres no livro *Os cinco sentidos*, que aqui se define por duas vertentes: o processo de miniaturização dos dispositivos tecnológicos; e pela capacidade das tecnologias, de transformar elementos da realidade observável – o duro – em códigos linguísticos e algorítmicos – o macio.

Fixo e fluxo – analogamente a *hardware* e *software*, termos com que a tecnologia computacional define, respectivamente, o aparato tecnológico, e as técnicas de programação, o conceito de fixo e fluxo afigura-se mais amplo, não se restringindo às tecnologias computacionais, mas estendendo-se também às demais tecnologias comunicacionais. Fixo e fluxo definem-se, respectivamente, como o aparato tecnológico-comunicacional, e a mensagem, que é o elemento circulante do processo; elementos apriorísticos em relação à comunicação. Ou seja, em relação à comunicação, o referido conceito corrobora-se atemporal – independentemente do contexto sócio histórico e científico, fixo e fluxo não sempre integrado ao processo comunicacional, como elementos tanto imprescindíveis quanto imanentes.

Heraclitiana – Heráclito, inserido no contexto pré-socrático, parte do princípio de que tudo é movimento, e que nada pode permanecer parado - *Panta rei* ou "tudo flui", "tudo se move", exceto o próprio movimento. Assim, analogamente a Heráclito, heraclitiano (a) é um termo alusivo a qualquer elemento, material ou conceitual, em relação à sua constante – ainda que potencial – renovação e/ou inovação.

Hércules – é o nome dado, em latim, pelos antigos romanos, ao herói da mitologia grega Hércules, filho de Zeus (Júpiter para os romanos) e da mortal Alcmena, e que se notabilizava por sua força.

Hermes – na mitologia grega, um dos deuses olímpicos, filho de Zeus e de Maia, e possuidor de vários atributos: deus da fertilidade, dos rebanhos, da magia, da divinação, das estradas e viagens. O mensageiro dos deuses e patrono da ginástica, dos ladrões, dos diplomatas, dos comerciantes, da astronomia, da eloquência. Como inventor, se diz que havia inventado o fogo, a lira, a flauta de pan, o alfabeto, os números, a astronomia, uma forma especial de música, as medidas, os pesos, e várias outras coisas. Pela sua constante mobilidade e

outras qualidades intelectuais e relacionais, foi considerado o deus do comércio e do intercâmbio social, das viagens, das estradas e encruzilhadas, das fronteiras e das condições limítrofes ou transitórias; das mudanças – costumava-se colocar sua estátua no entroncamento das estradas.

Hominescência – Hominescência, neologismo criado por Michel Serres, designa a emergência hominiana. Acometidos por várias experiências de morte, estamos empenhados em garantir a vida eterna pelo progresso de biotecnologias replicadoras, que pretendem controlar mutações e processos vitais. Por outros termos, a presente realidade em que o ser humano – de modo quase inescapável, em certos aspectos – chega a alienar algumas de suas faculdades e habilidades às tecnologias; estas, por suas possibilidades e potencialidades, culminam em gerar um novo entendimento de mundo e das relações.

Hominescente – rente ao conceito anterior, dir-se-ia que, se há um novo modo de entender o mundo e as relações, este pressupõe um novo sujeito entendedor. O hominescente não é, senão o personagem conceitual com que Michel Serres representa esse novo sujeito, que nasce dessa nova concepção de mundo proporcionada pelas tecnologias.

Ipsa facto – em si mesmo (a).

Linguagem – neste trabalho, entende-se por linguagem, tanto a oralidade quanto outras formas de comunicação, usadas pelo ser humano.

Mensageria – conceito desenvolvido pelo filósofo francês Michel Serres no livro *A Lenda dos Anjos*, e que se define como as mensagens capazes de transpor os espaços, os tempos, atravessar paredes. Ou seja, a realidade hodierna da virtualização da comunicação.

Mestiçagem – Michel Serres desenvolve o referido conceito, em relação à educação, no sentido amplo de formação humana – ou seja, relações culturais. Para Serres, o processo pedagógico, em qualquer nível, ocorre nas interseções entre o conhecimento já construído e o que está por construir. Constitui-se na mestiçagem entre mestre e aprendiz; processo cujo mediador é o próprio conhecimento. Na qualidade de vetor relacional-cultural – perpassando todas as relações – a comunicação articula-se ao conceito de mestiçagem.

Mestiço – o mestiço é o Terceiro Instruído – que se representa na figura do *Arlequim* – personagem conceitual representativo do indivíduo que não é nem um nem outro, mas que carrega atributos de ambos; que não está nem em um lugar, nem em outro, mas em um terceiro lugar. Este culmina em representar todo indivíduo. Cultura e comunicação corroboram-se aspectos tanto inescapáveis quanto indissociáveis. É-se – necessariamente – um mestiço cultural-comunicacional, que constantemente se enriquece com suas vivências.

Parmenidiana – Parmênides inaugura algo radicalmente novo na filosofia ao não considerar os elementos, mas o abstrato. Ao invés das expressões “positiva” e “negativa”, Parmênides usa os termos metafísicos de “ser” e “não ser”. O não ser era apenas uma negação do ser. Mas ser e não ser, são ambos imutáveis e imóveis. Para alguns estudiosos, Parmênides fundou a metafísica ocidental com sua distinção entre o Ser e o Não-Ser. Enquanto Heráclito ensinava que tudo está em perpétua mutação, Parmênides desenvolvia um pensamento completamente

antagônico: “Toda a mutação é ilusória”. Portanto, o termo parmenidiano (a) alude ao elemento, material ou conceitual, que se caracteriza pela estabilidade; pela impossibilidade de mudança, de alteração.

Percolar – literalmente significa filtrar. Michel Serres utiliza o termo metaforicamente, em referência ao tempo do conhecimento – o tempo dobrado. Ou seja, o conhecimento produz-se no tempo que percola. Diferentemente do tempo histórico (cronológico), as consecuições das ciências (o conhecimento) transcendem o tempo – percolam-se através do espaço-tempo histórico. Assim, cada contexto sócio histórico não é, senão o agregado de conhecimentos produzidos – percolados – ao longo de toda a evolução humana.

Prometeu – na mitologia grega, é um titã (da segunda geração), filho de Jápeto (filho de Urano; um incesto entre Urano e Gaia) e irmão de Atlas, Epimeteu e Menoécio. Foi um defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Héstia e o dar aos mortais. Zeus (que temia que os mortais ficassem tão poderosos quanto os próprios deuses) o teria punido por este crime, deixando-o amarrado a uma rocha por toda a eternidade. Diariamente, uma grande águia vinha para comer seu fígado, que se regenerava no dia seguinte.

Quadrívio – era o nome dado ao conjunto de quatro matérias ensinadas nas universidades helênicas – aritmética, geometria, astronomia e música – dentre as sete que compunham as chamadas Artes Liberais. O Quadrívio pode representar o que hoje se denomina as Ciências Naturais.

Quasi-object – (quase objeto): conceito estabelecido por Michel Serres no livro *The parasite*. Um *quasi-object* pode ser um elemento material ou conceitual, que se define, em síntese, como um referencial de agregação de subjetividades. Neste trabalho, ilustra-se o referido conceito, metaforicamente, por meio do *rugby* – em que a bola constitui-se no dito referencial – em torno do qual os jogadores – os sujeitos – agem, e do qual dependem, em sua integração como equipe. Conquanto, em si mesmo, o referencial não signifique nada, em contrapartida, é o elemento que determina a relevância dos sujeitos no processo; estes culminam em se tornar objetos do referencial – do *quasi-object*. Por outros termos, fora do cenário em que atua como elemento agregador, o *quasi-object* não se constitui elemento de relevância. Em contrapartida, uma vez acionado, torna-se o elemento determinante das relações – em uma relação inversa, o objeto (a bola) torna-se sujeito, e os outrora sujeitos (os jogadores) tornam-se os objetos.

Sensação – neste trabalho, a palavra sensação é empregada, em oposição a sentido, para explicar o conceito de duro e macio. Assim, em relação ao referido conceito, sensação aludiria ao aspecto sensual, enquanto que sentido aludiria ao aspecto racional.

Sentidos – neste trabalho, o termo sentidos é utilizado em alusão aos cinco sentidos humanos, em oposição à razão humana, quando se discorre sobre o conceito de duro e macio.

Tecnocentrismo – artificialização extremada e/ou desnecessária de certa parcela da comunicação, e de outras atividades cotidianas, por meio de tecnologias – a compulsão, muitas vezes consciente e apologizada, pelo uso de tecnologias.

Tecnolatria – a visão triunfalista das tecnologias – especialmente a internet – como a solução messiânica à problemática da comunicação – e, por extensão, de outros domínios. Chega-se a conceber as tecnologias, como sendo (quase) capazes de “substituir” o ser humano.

Tempo dobrado – conceito tomado por empréstimo da física quântica, que trata do deslocamento no espaço-tempo. Neste trabalho, o referido conceito alude à atemporalidade dos eventos históricos, aqui entendidos como as consecuições das ciências no processo histórico evolutivo da humanidade – o conhecimento. Este conceito articula-se à comunicação, por meio da virtualização; a capacidade das tecnologias, de encurtar o espaço, e acelerar o tempo – destarte, otimizando o movimento.

Trívio – era o nome dado ao conjunto de três matérias ensinadas nas universidades helênicas – gramática, dialética e retórica – dentre as sete que compunham as chamadas Artes Liberais. O Trívio pode representar o que hoje se denomina as Ciências Humanas.

Virtual – neste trabalho, entende-se o termo virtual, por sua acepção mais básica, isto é, em oposição ao real. Em relação às tecnologias comunicacionais computacionais, virtual define-se em oposição ao experimental; ou seja, a comunicação virtualizada, em relação à presencial.

Virtualização – analogamente ao termo anterior, por virtualização, entende-se a possibilidade de desvincular as aplicações – *software* – dos sistemas, disponibilizando-as simultaneamente em diferentes suportes – *hardware* – não importando a localização destes.

Vulcano – era o deus romano do fogo, filho de Júpiter e de Juno. Ou ainda, segundo alguns mitólogos, somente de Juno com o auxílio do Vento. Sua figura era representada como um ferreiro. Era ele quem forjava os raios, atributo de Júpiter.